

**Lucas Monteiro Pullin**

**O GURU DO ÓDIO:  
redes de poder e condução de conduta nos discursos de Olavo de Carvalho  
na plataforma Facebook (2015-2021)**

**Irati – PR  
2023**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE/UNICENTRO**  
**Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação – PROPESP**  
**Programa de Pós-Graduação em História – PPGH**

**Lucas Monteiro Pullin**

**O GURU DO ÓDIO:**  
**redes de poder e condução de conduta nos discursos de Olavo de Carvalho na**  
**plataforma Facebook (2015-2021)**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em História, Curso de Pós-Graduação em História, Área de Concentração “História e Regiões”, da Universidade Estadual do Centro Oeste - UNICENTRO-PR.

Orientador(a): Prof(a). Dr(a). Ariane Carla Pereira

Linha de pesquisa: Espaços Simbólicos, Ambiente e Corporeidades

Catálogo na Publicação  
Rede de Bibliotecas da UNICENTRO

P982g

Pullin, Lucas Monteiro

O GURU DO ÓDIO: redes de poder e condução de conduta nos discursos de Olavo de Carvalho na plataforma Facebook (2015-2021) / Lucas Monteiro Pullin. -- Irati, 2023.

xiii, 180 f. : il. ; 28 cm

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual do Centro-Oeste, Programa de Pós-Graduação em História, área de concentração em História e Regiões, 2023.

Orientador: Ariane Carla Pereira

Banca examinadora: Ariane Carla Pereira, Carlos González Perez, Hélio Sochodolak

Bibliografia

1. Olavo de Carvalho. 2. Condutas. 3. Micropoder. I. Título. II. Programa de Pós-Graduação em História.

CDD 981



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE/UNICENTRO  
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação - PROPESP  
Programa de Pós-Graduação em História – PPGH  
Área de Concentração – História e Regiões



## TERMO DE APROVAÇÃO

**Lucas Monteiro Pullin**

### **O guru do ódio: redes de poder e condução de condutas nos discursos de Olavo de Carvalho na plataforma Facebook (2015-2021)**

Dissertação aprovada em 03/04/2023, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre, no Programa de Pós-Graduação em História, área de concentração em História e Regiões, da Universidade Estadual do Centro-Oeste, pela seguinte Banca Examinadora:

*Anice Carla Pereira*

*Dr. Carlos Federico González Pérez*  
Universidad Nacional de Jujuy  
Titular

*Dr. Helio Sochodolak*  
Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Titular

*Anice Carla Pereira*

*Dr.<sup>a</sup> Ariane Carla Pereira*  
Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Orientadora e Presidente da Banca Examinadora

Irati – PR  
2023

## AGRADECIMENTOS

Não foi fácil fazer essa dissertação. Ela passou por uma pandemia, uma cirurgia na coluna, Covid e ainda dividiu espaço com 40hs semanais de aulas na graduação. Vencer tudo isso só foi possível graças a presença de algumas pessoas que, ao longo do caminho, sempre estiveram ao meu lado. Muito obrigado, turma!!!!

A primeira pessoa e sempre ela, Malu, minha filha, meu maior amor. Sem ela eu não estaria aqui. Sem ela eu não seria a pessoa que sou hoje.

Ariane Carla Pereira, minha orientadora, amiga e colega de departamento, que nunca me deixou na mão. Exemplo de profissional, de pesquisadora e de professora. Me abriu as portas para Foucault e, com isso, abriu minha cabeça para um mundo completamente novo. Tudo que eu falar será pouco para expressar minha admiração e gratidão.

Lucas Maia, jornalista de dados que aceitou o desafio de me ajudar na coleta de 22 mil postagens. Sem participação dele no processo esta pesquisa não seria possível. Reafirmo, agora publicamente, que quando for para Maceió a cerveja é por minha conta.

Meus pais, Theresinha e Orestes, que, mesmo não concordando com muitos caminhos que escolhi para a minha vida, nunca deixaram de dar todo o suporte possível. Muito obrigado por tudo!!!!

Marina Stuchi, ex-companheira, amiga e que divide comigo a posição privilegiada de ter a Malu. Foram anos vendo ela se desdobrar em pesquisas acadêmicas que me senti inspirado para seguir o mesmo caminho. Sua presença, com certeza, está aqui também.

Aos meus amigos de departamento, Renata Caleffi, André Justus, Sérgio Kulak e Alexandre Lara. Sem vocês o caminho teria sido muito mais difícil. Obrigado por entrarem na minha vida e deixa-la mais leve!!

Professora Elisa Leonardi, muito obrigado por todo apoio e suporte dado quando vim para Guarapuava. Se me senti acolhido quando cheguei na cidade e no Departamento, foi por causa dela. Todo meu respeito e agradecimento pela parceria!!

Minhas queridas Mariana Lopes e Liberaci Pascuetto, duas das pessoas mais maravilhosas que já cruzei pelo caminho. Se hoje posso falar que sou professor foi porque aprendi com as melhores.

Aos professores Hélio Sochodolak e Carlos Gonzáles Pérez, pela atenção e pelas importantes considerações feitas durante a qualificação.

A Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), universidade pública e de qualidade que tem sido minha casa nos últimos anos.

Por fim, meus sinceros agradecimentos a todas as professoras e professores do colegiado do Programa de Pós-Graduação em História da Unicentro pela compreensão diante das adversidades, problemas e atrasos que ocorreram durante o percurso desta pesquisa.

*“Mussolini ha sempre ragione!”  
Grito fascista na Itália durante  
o regime de Benito Mussolini*

## RESUMO

Esta pesquisa visa fazer uma análise dos discursos do escritor brasileiro Olavo de Carvalho na plataforma de rede social Facebook. Por meio dos óculos teóricos de Michel Foucault o trabalho tem o objetivo de compreender algumas estratégias utilizadas por Carvalho para o exercício do poder e a condução de condutas dos seus seguidores. Considerado um dos principais influenciadores digitais dos movimentos conservadores e de extrema-direita que ganharam força no Brasil a partir de 2013, Carvalho propaga mentiras, ideias negacionistas, teorias da conspiração, ódio e ressentimento, sustentado pelas características de circulação de conteúdos nas plataformas digitais. Partindo dos mecanismos de controle dos discursos, busca-se fazer um diagnóstico do presente para se chegar até as características do biopoder presentes nas falas do escritor brasileiro. O biopoder, nesta pesquisa, será entendido como formado pelos dispositivos disciplinares, de sexualidade e de segurança, nos termos propostos por Foucault, para melhor compreender a sociedade de normalização a qual Olavo de Carvalho parece buscar. Para isso o *corpus* da pesquisa abrange os anos de 2015 a 2021, período em que ocorreram fatos importantes para a história recente do Brasil, como o impeachment da ex-presidenta Dilma Rousseff, a campanha à presidência de Jair Bolsonaro, o início do governo de Bolsonaro na presidência da República e a pandemia de Covid-19. Este período é entendido também como aquele pelo qual houve o fortalecimento das ideias conservadoras e de extrema-direita junto à sociedade brasileira, daí a importância de se deter com atenção aos discursos olavistas. No primeiro capítulo, esta pesquisa se baseia em conceitos de mentira e verdade nas postagens feitas durante a pandemia. O período, que vai do início de 2020 até o final de 2021, mostra que Carvalho questiona saberes aceitos pela sociedade, como a ciência, por exemplo, se baseando em estratégias negacionistas para minimizar os efeitos do coronavírus e a eficácia de vacinas. No segundo capítulo, a sociedade de normalização será trazida à pesquisa para identificar as noções de sujeito normal, aquele se segue as regras morais de uma sociedade, do anormal, como aquele que é desviante. Por fim, no terceiro capítulo, este trabalho busca mostrar como Carvalho irá produzir discursos para desqualificar imprensa e universidades para impor um regime de verdade baseado em desinformação e mentira.

**Palavras-chave:** Olavo de Carvalho; condutas; micropoder.

## ABSTRACT

This research aims to analyze the speeches of the Brazilian writer Olavo de Carvalho on the social networking platform Facebook. Through Michel Foucault's theoretical glasses, the work aims to understand some strategies used by Carvalho for the exercise of power and the conduct of his followers' conduct. Considered one of the main digital influencers of the conservative and far-right movements that gained strength in Brazil from 2013 onwards, Carvalho propagates lies, denialist ideas, conspiracy theories, hatred and resentment, supported by the characteristics of content transmission on digital platforms. Starting from the control switches of the speeches, an attempt is made to make a diagnosis of the present to arrive at the characteristics of biopower present in the lines of the Brazilian writer. Biopower, in this research, will be understood as formed by disciplinary, sexuality and security devices, in the terms proposed by Foucault, to better understand the normalization society which Olavo de Carvalho seems to seek. For this, the corpus of the research covers the years 2015 to 2021, a period in which important events for the recent history of Brazil occurred, such as the impeachment of former president Dilma Rousseff, the campaign for the presidency of Jair Bolsonaro, the beginning of the Bolsonaro's government in the Presidency of the Republic and the Covid-19 pandemic. This period is also understood as the one through which there was a strengthening of conservative and far-right ideas within Brazilian society, hence the importance of paying attention to Carvalho's discourses. In the first chapter, this research is based on concepts of lie and truth in posts made during the pandemic. The period, which runs from the beginning of 2020 to the end of 2021, shows that Carvalho questions knowledge accepted by society, such as science, for example, based on denialist strategies to minimize the effects of the coronavirus and the effectiveness of vaccines. In the second chapter, the normalization society will be brought to the research to identify the notions of normal subject, the one who follows the moral rules of a society, of the abnormal, as the one who is deviant. Finally, in the third chapter, this work seeks to show how Carvalho will produce speeches to disqualify the press and universities to impose a regime of truth based on information and lies.

**Keywords:** Olavo de Carvalho; conducts, micro-power

## Lista de figuras

|   |    |
|---|----|
| <b>Figura 01</b> - 14/08/2020 .....     | 37 |
| <b>Figura 02</b> - 14/04/2021 .....     | 38 |
| <b>Figura 03</b> - 21/03/2020 .....     | 39 |
| <b>Figura 04</b> - 06/12/2021 .....     | 40 |
| <b>Figura 05</b> - 14/10/2021 .....     | 43 |
| <b>Figura 06</b> - 30/11/2020 .....     | 43 |
| <b>Figura 07</b> - 09/07/2020 .....     | 44 |
| <b>Figura 08</b> - 30/07/2021 .....     | 45 |
| <b>Figura 09</b> - 30/03/2020 .....     | 46 |
| <b>Figura 10</b> - 24/10/2021 .....     | 47 |
| <b>Figura 11</b> - 21/03/2020 – 1 ..... | 48 |
| <b>Figura 12</b> - 17/07/2020 .....     | 48 |
| <b>Figura 13</b> - 21/09/2021 .....     | 51 |
| <b>Figura 14</b> - 24/12/2021 .....     | 51 |
| <b>Figura 15</b> - 21/10/2020 .....     | 51 |
| <b>Figura 16</b> - 14/09/2020 .....     | 52 |
| <b>Figura 17</b> - 05/11/2020 – 1.....  | 52 |
| <b>Figura 18</b> - 05/11/2020 – 2 ..... | 53 |
| <b>Figura 19</b> - 21/03/2020 - 2 ..... | 54 |
| <b>Figura 20</b> - 20/04/2020 - 1 ..... | 56 |
| <b>Figura 21</b> - 20/04/2020 – 2 ..... | 56 |
| <b>Figura 22</b> - 25/08/2075 .....     | 61 |
| <b>Figura 23</b> - 18/01/2016 .....     | 62 |
| <b>Figura 24</b> - 10/10/2015 .....     | 62 |
| <b>Figura 25</b> - 17/04/2016 .....     | 63 |
| <b>Figura 26</b> - 12/04/2015 .....     | 64 |
| <b>Figura 27</b> - 25/08/2015 .....     | 65 |
| <b>Figura 28</b> - 14/01/2015 .....     | 68 |
| <b>Figura 29</b> - 23/10/2015 – 1 ..... | 68 |
| <b>Figura 30</b> - 23/10/2015 – 2 ..... | 68 |
| <b>Figura 31</b> - 17/06/2015 .....     | 69 |
| <b>Figura 32</b> - 10/09/2015 .....     | 70 |

|   |     |
|---|-----|
| <b>Figura 33</b> - 01/09/2015 .....     | 71  |
| <b>Figura 34</b> - 16/05/2016 .....     | 72  |
| <b>Figura 35</b> - 01/06/2016 .....     | 73  |
| <b>Figura 36</b> - 16/07/2016 .....     | 74  |
| <b>Figura 37</b> - 10/01/2015 .....     | 76  |
| <b>Figura 38</b> - 22/07/2016 .....     | 76  |
| <b>Figura 39</b> - 15/06/2015 .....     | 79  |
| <b>Figura 40</b> - 08/06/2015 .....     | 80  |
| <b>Figura 41</b> - 18/07/2016 .....     | 81  |
| <b>Figura 42</b> - 15/08/2015 .....     | 82  |
| <b>Figura 43</b> - 14/09/2016 .....     | 83  |
| <b>Figura 44</b> - 10/05/2016 .....     | 84  |
| <b>Figura 45</b> - 18/06/2015 .....     | 85  |
| <b>Figura 46</b> - 18/04/2016 .....     | 86  |
| <b>Figura 47</b> - 19/04/2016 .....     | 87  |
| <b>Figura 48</b> - 22/03/2017 .....     | 92  |
| <b>Figura 49</b> - 23/08/2017 .....     | 92  |
| <b>Figura 50</b> - 29/06/2017 .....     | 93  |
| <b>Figura 51</b> - 02/06/2017 .....     | 94  |
| <b>Figura 52</b> - 07/08/2017 .....     | 94  |
| <b>Figura 53</b> - 12/05/2017 .....     | 95  |
| <b>Figura 54</b> - 03/02/2018 .....     | 95  |
| <b>Figura 55</b> - 25/07/2017 .....     | 96  |
| <b>Figura 56</b> - 05/10/2018 .....     | 96  |
| <b>Figura 57</b> - 12/10/2018 .....     | 96  |
| <b>Figura 58</b> - 18/08/2018 .....     | 98  |
| <b>Figura 59</b> - 30/05/2018 – 1 ..... | 98  |
| <b>Figura 60</b> - 16/06/2017 .....     | 99  |
| <b>Figura 61</b> - 14/10/2018 .....     | 103 |
| <b>Figura 62</b> - 30/05/2018 – 2 ..... | 105 |
| <b>Figura 63</b> - 27/05/2019 – 1 ..... | 105 |
| <b>Figura 64</b> - 27/05/2019 – 2 ..... | 106 |
| <b>Figura 65</b> - 19/10/2018 .....     | 107 |
| <b>Figura 66</b> - 22/10/2019 .....     | 107 |

|                                     |     |
|-------------------------------------|-----|
| <b>Figura 67</b> - 22/10/2018 ..... | 111 |
| <b>Figura 68</b> - 26/05/2019 ..... | 112 |
| <b>Figura 69</b> - 17/03/2015 ..... | 113 |
| <b>Figura 70</b> - 23/12/2017 ..... | 113 |
| <b>Figura 71</b> - 06/10/2018 ..... | 113 |
| <b>Figura 72</b> - 08/10/2018 ..... | 114 |
| <b>Figura 73</b> - 08/01/2019 ..... | 115 |
| <b>Figura 74</b> - 13/01/2019 ..... | 115 |
| <b>Figura 75</b> - 15/01/2019 ..... | 115 |
| <b>Figura 76</b> - 17/01/2019 ..... | 116 |
| <b>Figura 77</b> - 19/01/2019 ..... | 116 |

## Sumário

|  |            |
|--|------------|
| <b>INTRODUÇÃO .....</b>  | <b>14</b>  |
| <b>CAPÍTULO 1</b>  |            |
| <b>MENTIRA, VONTADE DE VERDADE E GOVERNAMENTALIDADE.....</b>                           | <b>33</b>  |
| 1.1 Breve história da mentira.....   | 34         |
| 1.2 A negação como estratégia .....  | 41         |
| 1.3 A vontade de verdade e a governamentalidade negacionista .....                     | 49         |
| <b>CAPÍTULO 2</b>  |            |
| <b>O NORMAL, O ANORMAL E OS DISPOSITIVOS DE SEXUALIDADE EM OLAVO DE CARVALHO .....</b> | <b>59</b>  |
| 2.1 O discurso de Ubu em Olavo de Carvalho.....  | 60         |
| 2.2 O normal e o anormal para Olavo de Carvalho.....                                   | 67         |
| 2.3 A normalização da sexualidade .....  | 75         |
| <b>CAPÍTULO 3</b>  |            |
| <b>O SABER, O EXERCÍCIO DO PODER E OS REGIMES DE VERDADE PELA DESINFORMAÇÃO .....</b>  | <b>89</b>  |
| 3.1 Relação saber-poder .....  | 91         |
| 3.2 Surge um novo saber baseado em desinformação.....                                  | 101        |
| 3.3 O regime de verdade da fantasia e da mentira.....                                  | 108        |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>   | <b>118</b> |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>   | <b>122</b> |

## INTRODUÇÃO

Em junho de 2013, o Brasil enfrentou grandes protestos e manifestações contra a corrupção e pela moralização da política, que se iniciaram em Porto Alegre por causa dos preços das passagens de ônibus. Um movimento que começou pequeno e motivado por pautas da esquerda, mas que, em pouco tempo, seria tomado por grupos organizados que se classificaram como uma nova direita conservadora (PINHEIRO-MACHADO, 2019). Mobilizados por meio das plataformas de redes sociais na internet, esses grupos cresceram e fizeram despontar líderes e influenciadores que seriam as vozes das novas ideias.

Um deles foi Olavo de Carvalho, escritor brasileiro falecido em janeiro de 2022 e chamado por muitos de guru do ex-presidente da república Jair Bolsonaro<sup>1</sup>. A influência do escritor junto ao governo pode ser medida pelas indicações políticas feitas no começo do mandato de Bolsonaro em 2019. Além de alguns integrantes da equipe presidencial e de outros setores da administração federal, Carvalho indicou diretamente o ex-ministro das Relações Exteriores, Ernesto Araújo, e os dois primeiros ministros da Educação, Ricardo Vélez Rodríguez e Abraham Weintraub, ambos acabaram deixando o cargo por desgastes com medidas ideológicas adotadas à frente do Ministério da Educação (MEC).

Considerando a influência exercida por Olavo de Carvalho nas pautas que permeiam o governo federal e o debate político brasileiro, a presente pesquisa busca fazer uma análise dos discursos do escritor postados nas suas duas contas oficiais que ele mantinha no Facebook<sup>2</sup>. O objetivo é compreender algumas estratégias utilizadas por Carvalho para o exercício do poder e a condução de condutas dos seus seguidores. Para isso, iremos analisar três aspectos específicos do discurso olavista que nos darão subsídio para compreender de que forma o escritor busca exercer o poder por meio das plataformas digitais.

Partimos da discussão sobre a mentira, a verdade e o negacionismo, para, na sequência, analisarmos como os conceitos de sujeito normal e anormal se inserem no discurso olavista para tratar da mulher, do gênero e da sexualidade. Por fim, vamos mostrar de que maneira Olavo de Carvalho busca desconstruir saberes aceitos atualmente, como os produzidos pela educação e pelos meios de comunicação, para impor suas vontades de verdade, propondo, assim, a emergência de novos saberes baseados em desinformação e mentiras. A partir destes três recortes, será possível observar a maneira que Carvalho utiliza as características de circulação

---

<sup>1</sup> Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/11/guru-de-bolsonaro-diz-que-nao-existem-intelectuais-da-esquerda-a-seu-nivel.shtml?origin=folha>. Acesso em: nov. 2021.

<sup>2</sup> Até julho de 2022 as duas contas oficiais de Olavo de Carvalho no Facebook somavam juntas mais de um milhão de seguidores.

de conteúdos na internet como condições de possibilidade para proferir discursos que visam conduzir a conduta de seus seguidores, com a formação de uma sociedade de normalização em que a ele é o centro produtor de um saber, um líder intelectual capaz de enxergar o que outras pessoas não conseguem.

Como ensina Foucault (1995), as relações de poder só podem ser compreendidas a partir da análise dos movimentos de resistência às formas de poder constituídas. O movimento ao qual Olavo de Carvalho vai se inserir pode ser encontrado, nos dias de hoje, por todo o mundo com o surgimento de grupos de extrema-direita que se apoiam em discursos de ódio, preconceito e, em muitos casos, chegando à violência<sup>3</sup>. Organizados por meio da comunicação digital, estes grupos manipulam fatos e acontecimentos para minar a credibilidade nas instituições democráticas, ganhando cada vez mais visibilidade e novos adeptos (LEWIS; MARWICK, 2017). São lutas que surgem no mundo virtual, mas com o foco na vida fora das redes digitais.

Diante disso, esta pesquisa terá como foco os conflitos criados pelo escritor contra pensamentos científicos e políticos e contra as condutas que não sejam àquelas conduzidas por ele. Para isso, foram selecionadas postagens feitas entre os anos de 2015 e 2021, períodos em que ocorreram fatos importantes para a história recente do Brasil, como o impeachment da ex-presidenta Dilma Rousseff, do Partido dos Trabalhadores (PT), a campanha à presidência da República de 2018, o primeiro ano do governo de Jair Bolsonaro e a pandemia de Covid-19.

Por meio dos óculos teóricos de Michel Foucault, buscaremos compreender como Olavo de Carvalho joga com as possibilidades do discurso, produzindo tensões e testando relações de força. O poder é entendido por Foucault como uma prática, como um exercício, não como uma propriedade natural de algo ou alguém. “O poder não se dá, nem se troca, nem se retoma, mas que ele se exerce e só existe em ato. [...] O poder não é primeiramente manutenção e recondução das relações econômicas, mas, em si mesmo, primariamente, uma relação de força” (1999, p. 21).

Além disso, o poder não pode ser reduzido a um conjunto de leis jurídicas pelas quais a sociedade é submetida, mas deve ser entendido como uma série de dispositivos disciplinares e de segurança que irão incidir sobre o corpo, individual e coletivo. “Poderia ser dito, então, que o exercício moderno do poder político não consiste simplesmente em reinar, em estabelecer leis

---

<sup>3</sup> Um exemplo da violência que o ódio propagado virtualmente ganha o mundo *offline* pode ser entendido a partir dos casos de vandalismo que foram cometidos no dia 08 de janeiro de 2023. Nesse dia, grupos de eleitores bolsonaristas, inconformados com a derrota do ex-presidente, invadiram e depredaram os prédios do Congresso Nacional, Palácio do Planalto e Supremo Tribunal Federal (STF).

gerais, mas sobretudo em governar, em conduzir as condutas individuais e coletivas” (CASTRO, 2021, p. 125).

Importante ressaltar que nesta pesquisa, seguindo Foucault (1999, 2014b, 2018a), compreendemos que o poder não é apenas constituído pelo Estado, mas sim por forças que se espalham por todo o corpo social, sendo exercido por todos em diferentes aspectos da vida. Foucault, chama isto de microfísica do poder, que só poderá ser exercida a partir dos discursos. Ao analisar o pensamento foucaultiano, Machado vai dizer, portanto, que esta perspectiva leva a compreensão de que, para Foucault,

o poder é algo que se exerce, que se efetua, que funciona. E funciona como uma maquinaria, como uma máquina social que não está situada num lugar privilegiado ou exclusivo, mas se dissemina por toda a estrutura social. Não é um objeto, uma coisa, mas uma relação. (MACHADO, 2018, p. 17-18)

Além disso, o poder precisa ser analisado sob a perspectiva da produção de saberes, uma vez que ele só é exercido por meio da produção de saberes, pois “o poder é um exercício; o saber, seu regulamento” (CHÂTELET; DUHAMEL; PISIER, 2009, cap. X)<sup>4</sup>. Desta maneira, entende-se ser necessário analisar como o poder é exercido por Olavo de Carvalho e quais as estratégias utilizadas pelo guru da extrema-direita brasileira. Compreender os mecanismos de poder tem “o papel de mostrar quais são os efeitos de saber que são produzidos em nossa sociedade pelas lutas, os choques, os combates que nela se desenrolam, e pelas táticas de poder que são os elementos dessa luta” (FOUCAULT, 2008b, p. 5).

Desde 2011, com a emergência da Primavera Árabe, me intrigava a força popular envolvida nos movimentos e os resultados que estavam ocorrendo, como a queda de ditaduras em países do norte da África<sup>5</sup>. Como jornalista, acompanhei de perto os primeiros levantes no Brasil em 2013 e, para mim, foi imediata a relação com os protestos árabes. No entanto, a esperança que surgiu com as primeiras mobilizações brasileiras, logo se transformou em um grande ponto de interrogação: o que teria acontecido para o aparecimento de grupos raivosos, que propagavam discursos de ódio contra todos que pensassem diferente? E mais: me chamou a atenção como as plataformas digitais, que tinham sido fundamentais para a organização

---

<sup>4</sup> A NBR 10520, da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), que normatiza o modelo para citações em trabalhos acadêmicos, não faz menção às formas de referenciar citação direta de textos consultados em dispositivos leitores de *E-books*. Nestes aparelhos, a paginação da obra pode variar de acordo com o tamanho da fonte escolhida para a leitura. Portanto, neste trabalho, em casos de citações diretas feitas a partir de *E-books*, optamos por indicar o capítulo a que o trecho citado se encontra, ao invés do número da página.

<sup>5</sup> Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-55379502>. Acesso em nov. 2021.

popular dos protestos da Primavera Árabe, estavam sendo usadas no Brasil como instrumento de disseminação de mentiras, insultos e de teorias conspiratórias.

Nesse contexto, tive contato com a figura de Olavo de Carvalho, uma vez que ele era uma das vozes presentes entre os movimentos sociais conservadores, de extrema-direita e um dos principais propagadores dos discursos negacionistas, de ódio, das teorias conspiratórias e de mentiras. A curiosidade me levou a questionar: como alguém que difunde teorias como a utilização de fetos humanos na produção de refrigerantes<sup>6</sup>, o risco de um golpe comunista global<sup>7</sup> ou que a educação sexual nas escolas transforma crianças em homossexuais<sup>8</sup>, conseguia se destacar e formar uma legião de seguidores com a capacidade de influenciar a agenda política nacional?

Como explicar que certos homens se instituem como dominantes e decidam por todos, fabricando os meios de perenizar sua dominação e de aplicar suas decisões? O que faz com que eles obtenham a obediência de uma comunidade por vezes muito ampla, onde as relações empíricas entre dominantes e dominados parecem por vezes tão tênue? CHÂTELET; DUHAMEL; PISIER, 2009, cap. X)

O desejo de compreender melhor esse fenômeno e de poder contribuir para o entendimento da conjuntura brasileira nas primeiras décadas do século XXI me levaram à História e, posteriormente, a Michel Foucault. Mas, principalmente, a pesquisa me colocou diante de possibilidades para compreender que seria preciso fazer um diagnóstico do presente, ou seja, olhar para hoje e “diagnosticar as forças que constituem nossa atualidade e que ainda a movimentam” (ARTIÈRES, 2018, p. 16).

Carvalho já era uma personalidade polêmica quando ganhou notoriedade nas manifestações pró-impeachment contra a ex-presidenta Dilma Rousseff. A partir desse momento, me intrigou como as pessoas não percebiam os discursos que circulavam nas redes sociais e que não ficavam restritos apenas aos meios digitais, mas estavam ganhando às ruas, contaminando as relações pessoais. A proposta de diagnóstico do presente de Foucault mostrou os caminhos para compreender mais a fundo o problema ao “tornar visível o que precisamente

---

<sup>6</sup> Disponível em <https://twitter.com/opropriolavo/status/1316758430934274048>. Acesso em jan. 2022.

<sup>7</sup> Em uma publicação do dia 9 de outubro de 2020 afirma que o Brasil vive há mais de 30 anos uma ditadura comunista. Disponível em <https://www.facebook.com/carvalho.olavo/posts/pfbid0L8zPkZ246b5pDVbBdSF97mk9HPMTiovv124NpCzuW9r5VX8AXgFjBM58YaMtKzxl>. Acesso em jul. 2022.

<sup>8</sup> No livro *O imbecil coletivo*, lançado em 1996, Olavo de Carvalho dedica um capítulo inteiro chamado “Mentiras Gays” para criticar a homossexualidade e afirmar que a educação sexual nas escolas é uma forma de tornar crianças gays e fazer com que elas tenham relações sexuais com adultos.

é visível – ou seja, fazer aparecer o que está tão próximo, tão imediato, o que está intimamente ligado a nós mesmos que, em função disso, não o percebemos” (FOUCAULT, 2006b, p. 44).

Olavo de Carvalho morou nos Estados Unidos de 2005 a janeiro de 2022, quando morreu no estado da Virgínia e, de lá, o escritor ganhou maior destaque por meio de grupos e páginas conservadoras nas plataformas de redes sociais. No entanto, desde a década de 1970, Carvalho já estava na mídia, envolvido em polêmicas por causa de seitas e grupos criados ao longo dos anos. Naquela década, o escritor montou uma escola de astrologia em São Paulo, chamada Escola Júpiter, que, segundo Heloísa de Carvalho, filha dele, contava com 140 alunos matriculados, todos da alta sociedade paulistana. “Já naquele tempo, Olavo de Carvalho reunia em torno de si fiéis seguidores, seduzidos pela sua aura de autoridade” (BUGALHO; CARVALHO, 2020, cap. 2). Heloísa, que é a mais velha dos oito filhos do escritor, rompeu relações com o pai em 2017 e, desde então, se tornou alvo de ofensas proferidas nas redes sociais<sup>9</sup>.

Em 1984, Carvalho se converteu ao Islamismo e montou uma seita em que os seguidores moravam juntos em uma mesma casa em São Paulo. Naquela época, ele mudou o nome e passou a ser chamado de Sid Mohammad Ibrahim. A comunidade se desfez no final daquela década por disputas pela liderança e o guru foi acusado de desviar dinheiro de outros membros para pagar viagens aos Estados Unidos (BUGALHO; CARVALHO, 2020). A atividade de Olavo de Carvalho como escritor de livros de filosofia teve início em 1992, com o lançamento de *Símbolos e mitos no filme O Silêncio dos Inocentes*<sup>10</sup>. É nessa década também que ele lança seus principais trabalhos com as ideias e teorias que defendeu até a morte, como a trilogia de livros formada por *A nova era da revolução cultural: Fritjof Capra & Antonio Gramsci*<sup>11</sup>, *O jardim das aflições: de Epicuro à ressurreição de César - ensaio sobre o materialismo e a religião civil*<sup>12</sup> e *O imbecil coletivo: atualidades inculturais brasileiras*<sup>13</sup>. Nesse período, começa a escrever colunas para jornais e revistas de circulação nacional, como *O Globo*, *Folha de S. Paulo*, *Zero Hora*, entre outros.

---

<sup>9</sup> Um exemplo das agressões de Olavo de Carvalho contra a filha pode ser visto no link <https://www.facebook.com/olavo.decarvalho/posts/10155664783172192>. Acesso em nov. 2021.

<sup>10</sup> Rio de Janeiro: Instituto de Artes Liberais. 1992.

<sup>11</sup> Rio de Janeiro: Instituto de Artes Liberais & Stella Caymmi. 1994.

<sup>12</sup> Rio de Janeiro: Diadorim. 1995.

<sup>13</sup> Rio de Janeiro: Faculdade da Cidade. 1996.

Em 2002, Carvalho começou a atuar na internet com a criação do portal *Mídia Sem Máscara*. O site foi lançado no ano da primeira eleição vencida pelo ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e se propunha a reunir pessoas para discutir o anticomunismo. O *Mídia Sem Máscara* saiu do ar em 2011 (PATSHIKI, 2012), mas voltou a funcionar em 2020<sup>14</sup>. Até morrer, Olavo de Carvalho manteve o *Curso Online de Filosofia* (COF) e, no final de 2019, ajudou a fundar o portal *Brasil Sem Medo*<sup>15</sup>, site de notícias voltado para a defesa de pautas conservadoras, de extrema-direita e das próprias ideias do escritor.

Carvalho manteve diversos perfis em plataformas de redes sociais na internet, como Youtube, Twitter, Instagram e no Facebook, onde possui duas contas oficiais, uma página e um perfil<sup>16</sup>. Para esta pesquisa a opção foi analisar as duas contas do escritor no Facebook por serem locais em que ele escrevia quase diariamente<sup>17</sup>. Ao todo, as duas contas somavam mais de um milhão e 100 mil seguidores em julho de 2022. Atualmente todas as contas e perfis de Olavo de Carvalho continuam disponíveis, assim como o site oficial dele, onde é possível encontrar textos, artigos, entrevistas e comprar os cursos *online* que ficaram gravados<sup>18</sup>.

O escritor é apontado como um dos grandes ideólogos do governo do ex-presidente Jair Bolsonaro, uma espécie de Steve Bannon brasileiro (ROCHA, 2021). Bannon foi o estrategista de Donald Trump na corrida presidencial estadunidense em 2016 e foi preso em 2020 sob a acusação de fraude<sup>19</sup>. O próprio ex-presidente Bolsonaro disse em suas redes sociais que deve a Carvalho a vitória nas eleições de 2018<sup>20</sup>. Olavo de Carvalho é chamado também de “Alex Jones brasileiro” (BUGALHO; CARVALHO, 2020) e “Jim Jones da Virgínia”<sup>21</sup>. Alex Jones é um blogueiro estadunidense que ficou conhecido por divulgar *fake news* e teorias conspiratórias

---

<sup>14</sup> <https://midiasemmascara.net/>.

<sup>15</sup> <https://brasilsemmedo.com/>.

<sup>16</sup> A página é indicada para contas profissionais e o perfil para contas pessoais. Disponível em: <https://www.facebook.com/business/learn/lessons/facebook-profile-and-pages-comparison>. Acesso em jun. 2022.

<sup>17</sup> Em algumas ocasiões, Olavo de Carvalho postava mais de 30 vezes durante o dia, como em 07 de junho de 2019. Nesse dia, o escritor escreveu 39 vezes em uma de suas contas.

<sup>18</sup> <https://olavodecarvalho.org/>

<sup>19</sup> Disponível em <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/08/20/steve-bannon-ex-assessor-de-trump-e-acusado-de-fraude.ghtml>. Acesso em ago. 202.

<sup>20</sup> Disponível em <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1125716694536806405?s=20>. Acesso em: ago. 2021.

<sup>21</sup> Postagem do Twitter do historiador Marco Antônio Villa. Disponível em <https://twitter.com/VillaMarcovilla/status/1121471762540240896>. Acesso em jan. 2021.

e Jim Jones foi líder de uma seita em que fanáticos praticaram suicídio coletivo em 1978 na Guiana.

Além de ser um espaço explorado por Olavo de Carvalho diariamente, a opção por analisar os discursos no Facebook se dá por alguns motivos. Primeiro porque o Facebook foi a plataforma de rede social mais usada em todo mundo em 2022, com 2,9 bilhões de usuários ativos. No Brasil, foi a quarta mais usada em 2022, com 116 milhões de usuários, atrás de WhatsApp com 165 milhões, YouTube com 138 milhões e Instagram com 122 milhões de contas ativas<sup>22</sup>. Ademais, é preciso destacar a importância que o Facebook teve para o desenvolvimento do ecossistema das plataformas digitais e para a prática de compartilhamento de conteúdos.

O Facebook surgiu em fevereiro de 2004 na Universidade de Harvard, criada por quatro estudantes, entre eles Mark Zuckerberg, atualmente presidente da Meta, empresa dona do Facebook<sup>23</sup>. O aparecimento da plataforma se deu na mesma época do surgimento de outras redes de relacionamentos importantes no começo do século XXI, período em que a internet ficava cada vez mais popular. O Orkut, por exemplo, também surgiu em 2004, o YouTube, em 2005 e o Twitter, em 2006.

No entanto, um dos fatores que fez o Facebook ser tão influente foi a implantação do *feed* de notícias, sistema em que aparece para o usuário tudo que seus amigos virtuais compartilham<sup>24</sup>. Em 2007, o volume de notícias e conteúdos que estava sendo produzido no Facebook era muito grande e, por isso, foi desenvolvido um algoritmo, chamado de *EdgeRank*, que tinha a finalidade de filtrar as postagens para o usuário. O conceito de algoritmo surgiu no século IX, em Bagdá, atual capital do Iraque, com dois matemáticos que desenvolveram um método para solucionar problemas a partir da inserção de dados específicos em determinadas fórmulas. Com o desenvolvimento da internet e da inteligência artificial (IA), os algoritmos passaram a ser programados para capturar os dados de navegação que os usuários deixam como

---

<sup>22</sup> Os dados são do Relatório de Visão Geral Global Digital 2022 da consultoria *We Are Social e Hootsuite*. Disponível em <https://www.amper.ag/post/we-are-social-e-hootsuite-digital-2023-visao-geral-global-resumo-e-relatorio-completo>. Acesso em fev. 2023.

<sup>23</sup> As informações constam do site oficial da Meta. Disponível em <https://about.facebook.com/br/company-info/>. Acesso em jul. 2022.

<sup>24</sup> Outras funcionalidades pioneiras desenvolvidas pelo Facebook: em 2007 a empresa abre a possibilidade para que outros sites e plataformas vinculassem seus conteúdos ao *feed* de notícias; já em 2010 surge o botão “gostei”, em que o usuário pode reagir a uma publicação. Também em 2010 é lançado o aplicativo *Open Graph*, que permite que empresas colem dados de usuários da plataforma para criarem conteúdos personalizados em suas próprias páginas. No mesmo ano, o Facebook, em parceria com o Yahoo! e o Twitter, lança um sistema para compartilhamento de conteúdos entre as plataformas (VAN DIJCK, 2016).

rastros (SILVEIRA, 2019). Como argumenta Pariser, “cada vez mais o monitor do nosso computador reflete nossos próprios interesses, baseando-se na análise de nossos cliques feita por observadores algorítmicos” (2012, introdução).

Por meio do *EdgeRank*, quem entrasse no Facebook só receberia conteúdo de acordo com o seu próprio histórico de navegação. O procedimento funciona da seguinte maneira: o algoritmo captura os dados e uma IA cria uma espécie de persona do usuário que passa a receber apenas material personalizado, baseado no seu perfil de acesso. Os processos realizados pelas IAs são conhecidos como *machine learning* e *deep learning*, devido a capacidade da máquina aprender sozinho determinada função (SILVEIRA, 2019; SALGADO, 2019).

Nas palavras de Van Dijck, “*es preciso leer entre líneas, adentrarse en las especificaciones técnicas de estas funciones, para entender sus implicancias para los usuarios y la sociedad en su conjunto*”<sup>25</sup> (2016, p. 53). Por isso, olhar para estes mecanismos tecnológicos do Facebook é fundamental para entender a estratégia de Olavo de Carvalho junto às redes de relacionamento na internet. O discurso postado por ele ficará circulando entre pessoas que já consomem conteúdos semelhantes e, com isso, suas vontades de verdade passam a ser cada vez mais reforçadas, valorizadas e compartilhadas.

Essa forma de circulação de informações e de dados começa a chamar a atenção de pesquisadores a partir da primeira década do século XXI com o surgimento do fenômeno das bolhas, conceito formulado pelo ativista da internet Eli Pariser (2012). Segundo ele, a criação de algoritmos de filtragem, que direcionam todo o caminho do internauta de acordo com seus históricos de pesquisas, foi importante diante do enorme volume de dados e informações disponíveis nas redes. O problema é que as bolhas que surgiram dos algoritmos fizeram com que as pessoas se fechassem cada vez mais dentro de suas zonas de interesse e não recebessem mais o contraditório ou outros tipos de conteúdos.

A democracia exige que os cidadãos enxerguem as coisas pelo ponto de vista dos outros; em vez disso, estamos cada vez mais fechados em nossas próprias bolhas. A democracia exige que nos baseemos em fatos compartilhados; no entanto, estão nos oferecendo universos distintos e paralelos [...] esses mecanismos (os algoritmos) criam um universo de informações exclusivo para cada um de nós – o que passei a chamar de bolha dos filtros – que altera fundamentalmente o modo como nos deparamos com ideias e informações. (PARISER, 2012, introdução)

---

<sup>25</sup> “É preciso ler nas entrelinhas, aprofundar nas especificações técnicas, entender suas implicações para os usuários e para a sociedade como um todo” (VAN DIJCK, 2016, p. 53, tradução nossa).

Nesse mesmo sentido, Santaella diz que as bolhas das plataformas digitais promovem uma “segregação ideológica” ao apresentar conteúdos com uma visão unilateral do mundo. Segundo ela, esse é um dos motivos para a formação de crenças fixas e de grupos extremistas, já que “isso acaba por minar qualquer discurso cívico, tornando as pessoas mais vulneráveis a propagandas e manipulações, devido à confirmação preconceituosa de suas crenças” (SANTAELLA, 2018, cap. 1). Em sentido semelhante, Sunstein vai falar em câmaras de eco para explicar o fenômeno. Um conteúdo mentiroso, compartilhado em uma plataforma de rede social será ecoado pelos algoritmos para dentro de um grupo fechado, que compartilha dos mesmos ideais. “*Echo chambers can lead to believe in falsehoods, and it may be difficult or impossible to correct them. Falsehoods take a toll*<sup>26</sup>” (2018, cap. 1).

Portanto, entende-se que as características das bolhas, ou câmaras de eco, geradas pelo algoritmo do Facebook cria condições de possibilidade para que Olavo de Carvalho possa exercer o poder por meio dos discursos postados na rede social. O que ele diz vai circular dentro da bolha e quem o segue dificilmente terá acesso a conteúdos contrários aos pensamentos do escritor, aumentando, assim, o poder exercido na condução das condutas e fortalecendo a imagem autoconstruída de guru. A vontade de verdade olavista, desta maneira, cresce a cada curtida ou compartilhamento.

Ao estudar as transformações da leitura a partir do surgimento de textos online, Chartier considera que a internet possibilitou que o conhecimento, que antes era restrito a algum escritor e que ficava preso nos livros em notas de rodapés e referências bibliográficas, pudesse ser colocado à prova. A partir da criação de hipertextos, por exemplo, o leitor pode conferir a veracidade de determinada afirmação, validar pensamentos e procurar contraditórios. Como diz Chartier, “se isso é assim, o leitor já não é mais obrigado a acreditar no autor; pode, por sua vez, se tiver vontade e tempo, refazer total ou parcialmente o percurso da pesquisa” (2017, p. 60). No entanto, com os algoritmos cada vez mais programados para entregar conteúdo personalizado e com o excesso de informações que circula nas redes, o leitor pode ter dificuldades, ou mesmo não ter disposição e interesse para fazer um movimento como o proposto por Chartier.

A compreensão feita pelo historiador sobre o processo cognitivo do leitor é importante para melhor compreensão do discurso olavista. “Não há ordem dos discursos que seja separável da ordem dos livros que lhe é contemporânea.” (CHARTIER, 1994, p. 195), ou seja, a

---

<sup>26</sup> “Câmaras de eco podem fazer as pessoas acreditarem em falsidades e poderá ser difícil ou impossível corrigi-las. Falsidades cobram seu pedágio” (SUNSTEIN, 2018, cap. 1, tradução nossa)

interpretação de um texto passa pelo meio em que ele está sendo lido, por isso, os escritos de Olavo de Carvalho na internet precisam ser analisados a partir deste ponto de vista.

Ler num monitor não é o mesmo que ler num códice. Se é verdade que abre possibilidades novas e imensas, a representação eletrônica dos textos modifica totalmente a condição destes: [...] à apreensão imediata da totalidade da obra, viabilizada pelo objeto que a contém, ela faz suceder a navegação de muito longo curso, por arquipélagos sem beira nem limites. Essas mutações comandam, inevitável e imperativamente, novas maneiras de ler, novas relações com o escrito, novas técnicas intelectuais. (CHARTIER., 1994, p. 190)

A posição ocupada por Olavo de Carvalho no debate político brasileiro dos últimos anos faz com que seja necessária a análise das técnicas utilizadas por ele para exercer este destaque. Mesmo com a morte do escritor, em janeiro de 2022, as ideias e teorias criadas ou compartilhadas, principalmente pelas plataformas digitais, continuam a ecoar entre seus seguidores e poderão, ainda, ter reflexos pelos próximos anos.

É preciso compreender o conceito de dispositivo no pensamento foucaultiano para se ter uma melhor dimensão da condução de conduta exercida por Carvalho. A noção de dispositivo vai surgir a partir da fase genealógica do pensador francês, que corresponde ao período em que começa a dar aulas no *Collège de France* no final do ano de 1970<sup>27</sup>. Foucault vai estabelecer três formas de se pensar o dispositivo: o primeiro como um

conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos. (FOUCAULT, 2018e, p. 364)

Em segundo lugar, o dispositivo pode ser compreendido como a maneira pela qual os elementos heterogêneos se conectam. Por fim, Foucault considera que o dispositivo tem uma função estratégica dominante, que se liga a um determinado momento histórico e que busca responder a uma urgência (FOUCAULT, 2018e). Esta última concepção irá nortear os estudos de Foucault sobre as tecnologias de poder ao falar de dispositivo disciplinar, dispositivo carcerário, dispositivo de poder, dispositivos de saber, dispositivos de sexualidade etc. (CASTRO, 2016).

---

<sup>27</sup> Foucault vai proferir *A ordem do discurso*, a célebre aula inaugural no *Collège de France*, em dois de dezembro de 1970. Comentadores da obra foucaultiana consideram que, a partir deste momento, tem início a segunda fase do pensamento do filósofo francês em que irá focar seus estudos nas tecnologias de poder.

O caráter heterogêneo do dispositivo nos leva ao cerne da análise do discurso olavista nas redes sociais. Para compreender as estratégias usadas pelo escritor é preciso não apenas se pautar pelo que está escrito de fato nas postagens, mas também pelo não dito, por exemplo, pelas ideias, pelos ressentimentos como o ódio, o desprezo e o rancor, pelas teorias conspiratórias, pelas obsessões e pelas características próprias de circulação dos conteúdos nas plataformas de redes sociais digitais. Nas palavras de Foucault, a natureza do dispositivo é

essencialmente estratégica, o que supõe que se trata no caso de uma certa manipulação das relações de força, de má intervenção racional e organizada nessas relações de força, seja para desenvolvê-las em determinada direção, seja para bloqueá-las, para estabilizá-las, utilizá-las etc. O dispositivo, portanto, será sempre inscrito em um jogo de poder, estando sempre, no entanto, ligado a uma ou a configurações de saber que dele nascem, mas que igualmente o condicionam. É isto o dispositivo: estratégia de relações de força sustentando tipos de saber e sendo sustentadas por ele. (2018e, p. 366-367)

O dispositivo ganha maior destaque na obra de Foucault a partir de *Vigiar e Punir*, de 1975, obra em que o filósofo irá se debruçar sobre os dispositivos disciplinares. A partir do século XVII o ocidente vê surgir toda uma tecnologia de controle, vigilância e disciplinamento dos corpos. Neste contexto, a escola, o exército, o hospital, a fábrica e a prisão serão considerados exemplos de instituições disciplinares (FOUCAULT, 2014b). Com o lançamento de *História da sexualidade 1: a vontade de saber*, em 1976, Foucault passa a estudar os discursos sobre o sexo como estratégias de exercício de poder, o que vai ser chamado por ele de dispositivo de sexualidade (FOUCAULT, 2020).

Já em 1978, Foucault vai ministrar, no *Collège de France*, o curso intitulado *Segurança, território e população*, em que o ponto de partida das discussões é o desenvolvimento dos dispositivos de segurança como mecanismos de controle da população (FOUCAULT, 2008b). Nas três obras, foram apresentados os mecanismos pelos quais as sociedades puderam controlar e adestrar os corpos, o sexo e os problemas relacionados à população. Agamben vai dizer que Foucault busca o conceito de dispositivo para mostrar “a relação entre os indivíduos como seres vivos e o elemento histórico, entendendo com este termo o conjunto das instituições, dos processos de subjetivação e das regras em que se concretizam as relações de poder” (AGAMBEN, 2009, p. 32).

O entendimento da noção de dispositivo será importante para estabelecer a relação de proximidade de Olavo de Carvalho com o poder do Estado e os efeitos produzidos nas ações do governo de Jair Bolsonaro. Os discursos do escritor podem ser analisados a partir de uma série de elementos dispersos, que, em primeiro momento, parecem não possuir ligações entre si, mas que, à luz de Foucault, emergem como estratégias para o exercício do poder. O objetivo

de Carvalho, como ele mesmo deixa claro em várias postagens, seria substituir o saber considerado dominante no mundo - em sua concepção, controlado por comunistas - por outro ligado à própria figura, como o fundador de um novo pensamento intelectual conservador. A tentativa do escritor é induzir, a partir de seus ensinamentos, a formação de uma sociedade de normalização em que ele é autorizado a definir quem é o sujeito normal e quem é o anormal, o que será bom para a população e o que será considerado pecado. Mais do que uma violação da lei jurídica, Olavo de Carvalho quer normalizar o que considera como uma violação das leis naturais, definidas a partir de uma moralidade de extrema-direita, católica e ultraconservadora.

A discussão sobre a condução das condutas da população entra no pensamento foucaultiano a partir do desenvolvimento do conceito de governamentalidade, peça central nas análises do poder feitas a partir da segunda metade da década de 1970 e que irá nortear suas pesquisas até o final da vida<sup>28</sup>. A governamentalidade, como um conjunto de procedimentos para governar a si e aos outros, só é possível de ser compreendida ao olhar, primeiro, para o surgimento, a partir do século XVII, de uma nova economia de poder centrada na vida biológica, na vida como objeto político. Com o biopoder

as populações tornam-se não apenas objetos de técnicas de governo como ainda objetos de conhecimento e de saberes diversos. O biopoder aplica uma política de investimento na vida em sentido bem amplo: de produção dos corpos e da vida dos indivíduos e da regulação da vida e dos corpos da população (PRADO FILHO, 2006, p. 22)

O poder disciplinar é a primeira tecnologia do biopoder, surgida no século XVII, a partir do fim dos suplícios dos condenados. Como explica Foucault, “o castigo passou da arte das sensações insuportáveis a uma economia dos direitos suspensos. [...] Uma execução que atinja a vida mais do que o corpo” (2014b, p. 16-17). O problema, nessa época, gira em torno de como transformar o indivíduo em um sujeito útil, como aumentar a capacidade produtiva dos corpos.

A tecnologia de poder disciplinar vai criar uma série de mecanismos de vigilância e controle que agem diretamente sobre o corpo individual. Surge o papel da prisão, da escola, da caserna, da fábrica e do hospital como as principais instituições de produção de um saber baseado na disciplina do corpo, na produção de corpos dóceis. Este é o período em que Foucault começa a desenvolver o entendimento da microfísica do poder.

O estudo desta microfísica supõe que o poder nela exercido não seja concebido como uma propriedade, mas como uma estratégia, que seus efeitos de dominação não sejam atribuídos a uma “apropriação”, mas a disposições, a manobras, a tática, a técnicas, a funcionamentos; que se desvende nele antes uma rede de relações sempre tensas, sempre em atividade, que um privilégio

---

<sup>28</sup> Foucault morreu em 1984 em decorrência de complicações causadas pelo vírus HIV.

que se pudesse deter; que lhe seja dado como modelo antes a batalha perpétua que o contrato que faz uma cessão ou a conquista que se apodera de um domínio. Temos em suma que admitir que esse poder se exerce mais que se possui, que não é o “privilégio” adquirido ou conservado da classe dominante, mas o efeito de conjunto de suas posições estratégicas – efeito manifestado e às vezes reconduzido pela posição dos que são dominados. (FOUCAULT, 2014b, p. 30)

Os mecanismos de controle e vigilância, característicos do poder disciplinar, continuam a atuar nas sociedades. Entretanto, a partir do século XVIII, os problemas da população começam a se fazer urgentes, e surge o que Foucault vai chamar de biopolítica. É a partir desta tecnologia específica do poder que será apresentada a ideia de que o antigo direito do soberano de deixar viver e fazer morrer se inverte e o poder vai ser exercido por medidas que fazem viver e deixam morrer. Deste momento em diante questões como a saúde, a higiene, a natalidade, a mortalidade e a raça começam a ser racionalizadas como ponto central para o desenvolvimento do Estado (FOUCAULT, 1999, 2020).

Percebe-se que para garantir a sobrevivência da espécie, será preciso adotar medidas para a segurança da população e criar mecanismos que possibilitem seu desenvolvimento, a partir de estatísticas e probabilidades. É neste momento que Foucault insere o conceito de dispositivo de segurança para explicar como uma série de elementos heterogêneos foram criados para conduzir a conduta da sociedade e para governar de acordo com uma racionalidade de Estado.

O governo será entendido em um sentido amplo, não apenas pensado em termos de um governo estatal e político-partidário, mas como um mecanismo para governar almas, pessoas, casa, família e a si mesmo. A problemática do poder, que é exercido por todo o corpo social, passa a ser como conduzir condutas de modo mais eficiente, e, a isso, Foucault vai chamar de governamentalidade.

Entendo o conjunto constituído pelas instituições, os procedimentos, análises e reflexões, os cálculos e as táticas que permitem exercer essa forma bem específica, embora muito complexa, de poder que tem por alvo principal a população, por principal forma de saber a economia política e por instrumento técnico essencial os dispositivos de segurança. (FOUCAULT, 2008a, p. 143)

A condução de condutas, que se torna o campo de atuação principal da governamentalidade, é definida, então, como “a atividade que consiste em conduzir [...] mas é também a maneira como uma pessoa se conduz, a maneira como se deixa conduzir, a maneira como é conduzida e como, afinal de contas, ela se comporta sob o efeito de uma conduta” (Ibid., p. 255). O poder exercido por Olavo de Carvalho se liga a este pensamento uma vez que o

escritor tenta travar uma guerra contra a governamentalidade atual, inserindo-se como um movimento de contracondutas, organizado nas plataformas digitais. “São movimentos que têm como objetivo outra conduta, isto é: querer ser conduzido de outro modo, por outros condutores e por outros pastores, para outros objetivos e para outras formas de salvação, por meio de outros procedimentos e de outros métodos.” (FOUCAULT, 2008a, p. 257).

É importante que se discuta os contextos políticos e tecnológicos que permitiram a formação dos discursos de Olavo de Carvalho porque, como ensina Michel de Certeau, é preciso se ater, antes de tudo, ao lugar de produção e ao tempo da escrita da história. Isso significa dizer que a História “faz parte da ‘realidade’ da qual trata, e que essa realidade pode ser apropriada “enquanto atividade humana”, ‘enquanto prática’. [...] A operação historiográfica se refere à combinação de um *lugar social*, de *práticas* ‘científicas’ e de uma *escrita*” (1982, p. 66, grifos do autor). Quase 40 anos antes de Certeau, Bloch já tinha afirmado que “nunca se explica plenamente um fenômeno histórico fora do estudo de seu momento.” (2002, p. 60).

Essa concepção de história apresentada por Certeau se baseia nos preceitos propostos pela Nova História, que, por sua vez, surge como herança dos questionamentos feitos pelos historiadores ligados a *École des Annales*, de Marc Bloch e Lucien Febvre (LE GOFF, 1990; BURKE, 1991, 1992). O movimento, que apareceu na França no final da segunda década do século XX, em torno da publicação da revista *Annales d'histoire économique et sociale*, propunha um novo olhar para a história. Burke cita ao menos três inquietações que levaram Bloch e Febvre a pensarem as mudanças no estudo da história:

Em primeiro lugar, a substituição da tradicional narrativa de acontecimentos por uma história-problema. Em segundo lugar, a história de todas as atividades humanas e não apenas história política. Em terceiro lugar, visando completar os dois primeiros objetivos, a colaboração com outras disciplinas, tais como a geografia, a sociologia, a psicologia, a economia, a linguística, a antropologia social, e tantas outras. (1991, p. 7)

Fundada em 1929, a revista *Annales d'histoire économique et sociale*<sup>29</sup> foi responsável pelo que Burke (Ibid.) chamou de a revolução francesa da História. A revista nasceu com o objetivo de fazer oposição à história tradicional positivista, que propunha a história de grandes eventos, dentro de uma linha temporal regular. A partir de Bloch a História passa a ser classificada como a ciência do homem no tempo, o que significa dizer que o importante é a presença dos homens e as ações tomadas por eles. “Por trás dos grandes vestígios sensíveis da paisagem, (os artefatos ou as máquinas), por trás dos escritos aparentemente mais insípidos e

---

<sup>29</sup> Desde sua criação a revista já mudou de nome algumas vezes. Em 1994 ela foi rebatizada de *Annales: Histoire, Sciences Sociales*, nome que permanece até hoje.

as instituições aparentemente mais desligadas daqueles que as criaram, são os homens que a história quer capturar” (BLOCH, 2002, p. 54). Bloch e Febvre colocaram a discussão da História no tempo presente. A preocupação do historiador passa a ser a compreensão da sociedade como um todo, não só do passado. “Uma das inovações, essencial, dos *Annales* da época é o rompimento com a concepção puramente passadista do discurso histórico, a correlação passado e presente na construção de uma história” (DOSSE, 1992, p. 67).

A Nova História vai surgir no final da década de 1960 com os herdeiros das duas primeiras gerações dos *Annales*. Liderados por Jacques Le Goff, Pierre Nora, Emmanuel Le Roy Ladurie entre outros, a Nova História surge com “novos problemas, novas abordagens e novos objetos” (LE GOFF, 2002, p. 22). Em um ensaio lançado em 1978, que funda as bases da Nova História, Le Goff vai citar Febvre para definir a motivação da terceira geração dos *Annales*.

Antes de tudo, tirar a história do marasmo da rotina, em primeiro lugar de seu confinamento em barreiras estritamente disciplinares, era o que Lucien Febvre chamava, em 1932, de “derrubar as velhas paredes antiquadas, os amontoados babilônicos de preconceitos, rotinas, erros de concepção e de compreensão. (FEBVRE 1932 apud LE GOFF, 1990, p. 29-30)

No entanto, a Nova História vai fragmentar ainda mais o campo histórico e permitir o surgimento de estudos até então inexistentes, ou pouco levados a sério, como a história das mulheres, os estudos de gênero, do corpo, da leitura, etc (BURKE, 1992). Os *Annales* alteraram o sentido do documento histórico e possibilitaram uma expansão da história, o que estendeu os domínios de pesquisa na disciplina (LE GOFF, 2003), mas para alguns essa expansão proporcionava falta de foco e “uma busca infinita de novos temas” (HUNT, 1992, p. 12).

Para dar conta dos novos questionamentos, foram necessárias outras fontes e métodos diferentes. Um dos efeitos da expansão dos domínios da história é a interdisciplinaridade, defendida por Bloch (2002), assim a história passa a se apropriar de estudos em outras áreas como a linguística, antropologia, sociologia, matemática, biologia etc. Um dos principais nomes que contribuíram para a expansão desse campo de pesquisa foi Michel Foucault.

Assim como Dosse (2017), Rago (1995) vai situar Foucault no cerne de uma “revolução” historiográfica iniciada ainda na década de 1960, mas que ganhará força e forma na década seguinte. Embora não fosse historiador, suas contribuições para o pensamento da História tiveram um grande impacto e foram responsáveis por boa parte de seu desenvolvimento a partir da década de 1960, quando lançou o livro *A História da Loucura*, em 1961. Outro viria em 1975 com a publicação do clássico *Vigiar e Punir*, obra na qual Foucault analisa o surgimento do biopoder a partir da disciplina e da vigilância, da anátomo-política do corpo.

“Enquanto todos os olhares convergiam para a centralidade da temática da Revolução (Francesa), Foucault deslocava o foco para as margens e detonava a exposição dos avessos” (RAGO, 1995, p. 68).

Em *A Arqueologia do Saber*, de 1969, Foucault se aproxima de algumas definições propostas por Bloch em *Apologia da História*, lançado postumamente em 1949. Le Goff, vai considerar que o período em que Foucault formula a arqueologia, é quando se interessa pelas propostas dos *Annales* e da Nova História, principalmente por compreender a história como momentos de rupturas, de descontinuidades.

O pensamento e a obra de Foucault foram para nós de enorme importância. Ele nos trouxe uma justificativa suplementar ao que nós havíamos apreendido de uma lição dos *Annales* e em particular de Marc Bloch: partir do presente para nossa reflexão, pois a genealogia parte do presente. A genealogia, segundo Foucault, desce, mas sobe de novo, e essa concepção está ligada à questão e à crítica das origens. (LE GOFF, 2003, p. 203)

A partir da noção de descontinuidade, Foucault vai propor a História feita por meio de séries, rompendo, assim, com a noção de uma linha contínua, e ambos os métodos de investigações propostos por Foucault, o arqueológico e o genealógico, partem do descontínuo. Para Gregolin (2006), este afastamento da história tradicional e aproximação com a Nova História é a base da análise de discurso foucaultiana.

O próprio Foucault vai indicar sua aproximação com a Nova História e com os *Annales* ao dizer que a preocupação da história é com a mudança e com o acontecimento, não mais com o tempo. O acontecimento seria então analisado a partir da regularidade de certas práticas. “A história serial define seu objeto a partir de um conjunto de documentos dos quais ela dispõe. [...] o objeto da pesquisa histórica é estabelecer, a partir desses documentos, um certo número de relações.” (FOUCAULT, 2000, p. 290). Ou seja, não mais pensar o documento como algo dado, mas sim como algo criado, organizado e serializado, transformado em monumento (DOSSE, 2017).

Foucault vai fazer uma mudança de método de investigação a partir do final de 1970 quando passa a trabalhar com genealogia, proposta anteriormente por Nietzsche. Com isso, a análise das práticas discursivas será levada para a compreensão das táticas e das estratégias, e o discurso, por sua vez, passa a fazer parte dos dispositivos de poder. As séries serão consideradas estratégicas para a análise dos discursos, assim como o acontecimento, as regularidades e as condições de possibilidade (FOUCAULT, 2014a).

Foucault foi fundamental para o desenvolvimento da pesquisa histórica, mas a História não parou de se expandir. Certeau já falava que “cada sociedade se pensa ‘historicamente’ com

os instrumentos que lhe são próprios” (1982, p. 78). Portanto, para fazer a genealogia dos discursos de Olavo de Carvalho, a pesquisa terá como fontes diretas as postagens feitas por ele nas redes sociais digitais, mais precisamente no Facebook.

Assumindo a afirmação de Certeau, buscamos a tecnologia como suporte para a coleta do material a ser analisado. O primeiro passo foi identificar as contas movimentadas por Olavo de Carvalho no Facebook que, como dito anteriormente, mantinha dois perfis oficiais. No entanto, para que conseguíssemos chegar à totalidade das postagens foram necessárias algumas tentativas que esbarraram no algoritmo da plataforma e que atrasaram a coleta dos dados.

A primeira tentativa foi rolar manualmente o *feed* das páginas para chegar até 2015, início do período proposto para a pesquisa. Essa forma se mostrou impossível de ser feita porque o Facebook restringe a pesquisa manual até um certo período de postagens, e depois de um tempo a página saía do ar. Posteriormente, a plataforma fez algumas mudanças internas nos mecanismos de busca de postagens antigas permitindo, assim, pesquisar o histórico de uma determinada página por dia, mês e ano. No entanto, neste ponto esbarramos em outro problema, o volume de *posts* feitos por Olavo de Carvalho que, em alguns dias, chegava a escrever mais de 30 vezes.

A saída foi, então, desenvolver um robô de inteligência artificial, por meio de uma linguagem própria de programação chamada *Python*, para que fizesse a captura dos dados individualmente e já organizasse em planilhas com indicação sobre data, hora e tipo de postagem (se era texto, foto ou vídeo). Mas novamente o algoritmo do Facebook dificultou o trabalho já que, a partir de um certo tempo, a plataforma bloqueava a conta que estava rodando o robô e era preciso abrir uma nova, até que, depois de algumas tentativas, a plataforma bloqueou o *IP*<sup>30</sup> do computador utilizado. A saída então foi mudar de computador e utilizar uma ferramenta própria da empresa Meta para pesquisas chamada *Crowdtangle*<sup>31</sup>. O aplicativo é voltado para análise de dados para profissionais que trabalham com mídias sociais e, para se ter acesso, foi preciso submeter a Meta um relatório com o objetivo desta pesquisa. Só depois que o pedido foi analisado e aprovado, recebemos uma chave de acesso para acessar o *Crowdtangle*.

Novamente o robô criado por IA foi colocado em funcionamento para capturar os dados dos dois perfis oficiais de Olavo de Carvalho, e ocorreu então mais uma limitação imposta pelo algoritmo do Facebook que nos obrigou a ajustar o *corpus* da pesquisa. Inicialmente a proposta

---

<sup>30</sup> *IP* significa *Internet Protocol*, uma espécie de identidade que cada computador possui. O bloqueio do IP significa que aquela máquina não pode mais acessar o Facebook.

<sup>31</sup> <https://www.crowdtangle.com/>.

era analisar ambos os perfis tendo o mesmo período como base, de 2015 a 2021, mas o *Crowdtangle* só fazia a pesquisa em páginas que tivessem o selo de verificação<sup>32</sup>. Com isso a planilha dos dados apresentou dois períodos diferentes para cada página, em uma delas foram capturadas postagens de 2014 a 2021 e em outra de 2021 e 2022. Na primeira página, Olavo de Carvalho postou 20.209 vezes de 24 de janeiro de 2014 a 24 de dezembro de 2021. A segunda página foram 975 postagens de 14 de abril de 2021 a 01 de maio de 2022<sup>33</sup>. Ao todo, o banco de dados de postagens de Olavo de Carvalho montado para esta pesquisa contém 21.184 postagens feitas só no Facebook entre 2014 e maio de 2022, em ambas as contas.

As postagens foram tabuladas em duas planilhas de *Excel*, que permite uma visão global da movimentação das páginas. Com isso optamos por recortar o corpus da pesquisa entre os anos de 2015 e 2021 que compreendem momentos importantes para a história recente do Brasil. Este mecanismo nos possibilita ainda proceder a análise de acordo com a proposta genealógica de Foucault, considerando os discursos como acontecimentos, produzidos regularmente e tendo as características das redes sociais digitais como condições de possibilidade para o exercício do poder.

A genealogia exige, portanto, a minúcia do saber, um grande número de materiais acumulados, exige paciência. Ele deve construir seus ‘monumentos ciclópicos’ não a golpes de ‘grandes erros benfazejos’, mas de ‘pequenas verdades inaparentes estabelecidas por um método severo’. (2018b, p. 56)

Esta pesquisa está estruturada em três capítulos, cada um compreendendo um recorte específico. O primeiro irá discutir a mentira como estratégia para as vontades de verdade de Olavo de Carvalho, tendo como foco os discursos negacionistas, revisionistas e anacrônicos. A opção foi se ater ao período de 2020 a 2021, evidenciando a pandemia de Covid-19. Olavo de Carvalho foi uma das principais vozes que minimizaram a gravidade da doença, que foram contra medidas impostas para tentar barrar a transmissão do vírus (como máscaras e isolamento social) e um dos principais nomes anti-vacina. O capítulo irá mostrar como a mentira é criada a partir de uma estratégia política e como ela é usada para a obtenção de determinados fins. A partir disso, vamos mostrar como Olavo de Carvalho busca criar vontades de verdade para legitimar sua posição autoconstruída de guru de uma nova classe pensante.

No segundo capítulo, o foco será as concepções do escritor para enunciar discursos que invoquem o sujeito normal, aquele que se enquadra dentro de regras aceitas por ele, contra o

---

<sup>32</sup> A verificação é um certificado dado pela plataforma para atestar que determinada página não é falsa.

<sup>33</sup> Embora Olavo de Carvalho tenha morrido em 14 de janeiro de 2022 os perfis continuam ativos, portanto, optamos por colher os dados até maio de 2022.

anormal, o que está fora. A partir da conceituação do belo e do feio como representação de algo bom e ruim, respectivamente, Olavo de Carvalho irá atacar todos que, em sua concepção, violem leis naturais, entre eles as mulheres e a população LGBTQUIA+. Nesses discursos vão surgir os mecanismos de vigilância e controle dos corpos, presentes na tecnologia do poder disciplinar, e os dispositivos de sexualidade, presentes na biopolítica, como forma de impor uma sociedade de normalização pautada em valores católicos e conservadores. Para esta análise a opção foi analisar as postagens feitas entre os anos de 2015 e 2016, período em que Carvalho foi peça fundamental para a construção de um sentimento antipetista.

Por fim, no último capítulo voltamos a analisar a mentira, mas no sentido de mostrar as relações entre o exercício de poder, a construção de saberes e regimes de verdade. Entre os anos de 2017, 2018 e 2019, o discurso conservador e de extrema-direita ganhou tons eleitorais por conta do fortalecimento do nome de Jair Bolsonaro para a presidência da República. Tendo participado ativamente da campanha antipetista nos anos anteriores, Olavo de Carvalho vai buscar fortalecer sua posição de liderança perante o conservadorismo por meio da descredibilização de instituições produtoras de saberes aceitos pela sociedade, como a imprensa e as universidades. A desinformação e as formas de circulação de conteúdos nas plataformas digitais serão a base para sustentar um regime de verdade.

Em um mundo conectado por meio das plataformas digitais é urgente que se entendam as estratégias utilizadas por novos atores que influenciam a política global. Como diz Morozov, “as eleições brasileiras de 2018 mostraram o alto custo a ser cobrado de sociedades que, dependentes de plataformas digitais e pouco cientes do poder que elas exercem, relutam em pensar as redes como agentes políticos” (2018, p.11). Por mais que em muitos momentos Olavo de Carvalho possa parecer um bufão, as estratégias usadas por ele nos fazem lembrar que precisam ser levadas a sério sob o risco de vermos, cada vez mais, o mundo afundar em ódio, ressentimentos e mentiras.

*Não fuja, covardes e vis criaturas, pois um cavaleiro vai-vos enfrentar sozinho”  
- Dom Quixote de la Mancha,  
ao enxergar gigantes em moinhos de vento*

## Capítulo 1

### MENTIRA, VONTADE DE VERDADE E GOVERNAMENTALIDADE

Em *Apologia da história ou o ofício do historiador*, Marc Bloch escreveu, pouco antes de ser assassinado pelo regime nazista, “de todos os venenos capazes de viciar o testemunho, o mais virulento é a impostura” (2001, p. 96). A inquietação manifestada pelo fundador da Escola dos *Annales* é sintomática por ter sido escrita durante um período dominado pelo terror de um governo totalitário, que seria responsável pelo seu assassinato<sup>34</sup>. Bloch foi morto pelos nazistas em 1944, sem concluir o livro que estava escrevendo no cárcere.

A afirmação do historiador nos leva a alguns questionamentos importantes para iniciar as análises propostas por esta pesquisa: o que é a verdade e a mentira? Como identificar o discurso verdadeiro do não verdadeiro? Qual o papel do falar a verdade para o exercício do poder? Perguntas complexas de serem respondidas até os dias de hoje, principalmente em uma época em que os discursos circulam livremente pelas plataformas na internet.

Diante destas questões, este capítulo propõe investigar as características negacionistas, revisionistas e anacrônicas presentes nos discursos construídos por Olavo de Carvalho no Facebook durante o período da pandemia de Covid-19. Para isso, irá abranger postagens feitas a partir do início de 2020, quando a doença começa a ganhar proporção de ameaça global<sup>35</sup>, até o final de 2021, quando o escritor ainda estava em condições de escrever. Este recorte nos permitirá observar se o posicionamento de Carvalho pode ser percebido como estratégico, como parte de uma governamentalidade negacionista, “compreendida, em termos foucaultianos, como um conjunto de instituições, procedimentos, análises e táticas que adquirem sentido e forma quando articuladas pelo negacionismo histórico” (VALIM; AVELAR, 2020).

Para iniciarmos a discussão será preciso, antes, fazer um desvio do pensamento foucaultiano e tecer uma breve história da mentira como estratégia, entender seus mecanismos

---

<sup>34</sup> *Apologia da história ou o ofício do historiador* foi lançado postumamente, em 1949, sob a supervisão de Lucien Febvre, companheiro de Bloch na criação da Escola dos *Annales*.

<sup>35</sup> As primeiras informações sobre a Covid-19 surgem ainda em 2019, mas somente no final daquele ano e início de 2020, quando outros países também começam a registrar casos, é que a doença vai despertar maior atenção e preocupação de governos, autoridades de saúde e da mídia. Durante a pesquisa, identificamos que só em março de 2020, portanto, é que Olavo de Carvalho vai falar pela primeira vez da Covid.

de atuação e contrapô-la às definições sobre verdade propostos por autores de diferentes linhas de pensamento.

### 1.1 Uma breve história da mentira

Nos primeiros dias do governo do ex-presidente estadunidense Donald Trump, em 2017, uma declaração da ex-assessora da Casa Branca, Kellyanne Conway, chamou a atenção da mídia. Durante entrevista coletiva, ela foi perguntada a respeito do número de participantes da posse presidencial. Logo após a solenidade, a Casa Branca havia divulgado uma quantidade de presentes que, segundo o governo, teria sido a maior presença popular da história dos Estados Unidos. A informação foi questionada pela imprensa porque as imagens do dia mostravam o contrário, mas ao ser abordada sobre o assunto, Conway defendeu a divulgação dos números manipulados dizendo se tratar de um “fato alternativo”<sup>36</sup>.

No ano anterior, por conta da campanha presidencial de Trump, o Dicionário Oxford elegeu a expressão “pós-verdade” como a palavra de 2016<sup>37</sup>. Segundo o dicionário, pós-verdade significa o que é “relativo a ou que denota circunstâncias nas quais fatos objetivos são menos influenciadores na formação da opinião pública do que apelos à emoção ou à crença pessoal”. Na prática, o verbete significa que não interessa se um determinado fato é verdadeiro ou não, o que importa é o que a pessoa acha que é, o que ela quer acreditar. Essa definição fica mais clara quando entendemos a pós-verdade como uma estratégia usada nas plataformas digitais para legitimar mentiras, teorias da conspiração e promover o ódio.

Máquinas de buscas e mídias sociais promovem a segregação ideológica, pois o usuário acaba por se expor quase exclusivamente a visões unilaterais dentro do espectro político mais amplo. Quando muito arraigada devido à repetição ininterrupta do mesmo, a unilateralidade de uma visão acaba por gerar crenças fixas, amortecidas por hábitos inflexíveis de pensamento, que dão abrigo à formação de seitas cegas a tudo aquilo que está fora da bolha circundante. (SANTAELLA, 2018, cap. 1)

É preciso considerar que, desde os tempos bíblicos, a mentira já era motivo de preocupação. Tanto é que, para o cristão, o oitavo mandamento diz ser pecado levantar falso testemunho. Na Roma antiga, o fim da República foi marcado por uma forte campanha difamatória construída em cima de mentiras. Otaviano, que mais tarde se tornaria o primeiro imperador romano, montou uma rede de produção de notícias falsas durante a última guerra

---

<sup>36</sup> Disponível em [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/22/internacional/1485111258\\_732145.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/22/internacional/1485111258_732145.html). Acesso em mai. 2022.

<sup>37</sup> Disponível em <https://g1.globo.com/educacao/noticia/pos-verdade-e-eleita-a-palavra-do-ano-pelo-dicionario-oxford.ghtml>. Acesso em mai. 2022.

civil da República, envolvendo Marco Antônio e sua relação íntima com Cleópatra, então rainha do Egito (LEAL, 2021).

A mentira como estratégia política foi usada por Procópio, historiador bizantino do século VI. Robert Darnton (2017) conta que, como forma de atingir politicamente o imperador Justiniano, Procópio escreveu um livro chamado *Anedokta*, conhecido como *História Secreta*, composto por episódios falsos que foram responsáveis por arruinar a reputação do imperador. O conclave de 1522 também foi marcado por uma intensa campanha de mentiras para atingir os candidatos ao pontificado. O poeta Pietro Aretino criou uma série de sonetos difamatórios contra os cardeais que disputavam o conclave, exceto contra o cardeal Giulio de Médici, que teria sido o responsável por financiar Aretino. Naquele ano, Médici perdeu a disputa para o cardeal Adriaan Florensz Boeyens, que ficou conhecido como Papa Adriano VI, mas o cardeal se tornaria pontífice em 1523 como Papa Clemente VII (DARNTON, 2017; LEAL, 2021).

Darnton destaca, ainda, o surgimento, na França e na Inglaterra do século XVII, de publicações especializadas em fofocas, mentiras e notícias sensacionalistas. Os *canards*, como ficaram conhecidos, eram jornais impressos em tamanho grande, com ilustrações usados para ridicularizar autoridades. No final do século XVII, os *canards* se tornaram um importante instrumento de propaganda política ao publicar gravuras difamatórias contra a rainha consorte Maria Antonieta, condenada e executada, em 1793, durante a Revolução Francesa (DARNTON, 2017).

Já no século XX, a mentira foi a base da propaganda nazista na Alemanha, antes e durante a Segunda Guerra Mundial. Segundo Arendt, “os discursos de Hitler aos seus generais, durante a guerra, são verdadeiros modelos de propaganda, caracterizados principalmente pelas monstruosas mentiras com que o *Führer* entretinha os seus convidados na tentativa de conquistá-los” (2012, p. 475).

Arendt dirá que a oposição entre o dizer a verdade, com base em fatos sólidos, e a mera opinião, como resultado de paixões e estratégias, já era problematizada pelos filósofos na Grécia antiga. Em *Górgias*, Platão vai diferenciar o diálogo da retórica, sendo que o primeiro é “o discurso adequado à verdade filosófica” e a segunda é a forma “através da qual o demagogo, como hoje diríamos, persuade a multidão” (ARENDR, 2016, p. 290). Já na idade moderna, Hobbes vai opor o raciocínio lógico e a eloquência vigorosa, “o primeiro sendo fundado em princípios de verdade, e a outra em opiniões... e em paixões e interesses dos homens, que são diferentes e mutáveis” (HOBBS, 19-- apud ARENDR, 2016, p. 290).

No Iluminismo, a verdade e as formas de comunicá-la começam a ser questionadas. Arendt (2016) vai opor Spinoza a Kant em relação à proibição de pensamento e de expressão.

Segundo a filósofa alemã, Spinoza, embora considerado o pai da liberdade de expressão, em nenhum momento teria defendido a livre circulação das ideias. Para a autora, apesar de Spinoza dizer que “todo homem é, por direito natural e inalienável, senhor de seus próprios pensamentos” e que seria “melhor assegurar o que não se pode abolir” (SPINOZA, 19-- apud ARENDT, 2016, p. 291) sob o risco fomentar a perfídia, ele considerava “a necessidade de comunicação que tem o homem, sua incapacidade de ocultar seus pensamentos e manter silêncio, entre as ‘fraquezas comuns’ de que o filósofo não compartilha” (ARENDT, 2016, p. 291). Já para Kant, recupera Arendt, “o poder externo que priva o homem da liberdade de comunicar publicamente seus pensamentos *priva-o ao mesmo tempo de sua liberdade de pensar*” (KANT, 19-- apud ARENDT, 2016, p. 91, grifo da autora). Ainda sobre a perspectiva kantiana, Arendt (2016) vai dizer que a razão humana só pode funcionar, mesmo sendo falível, com a garantia da livre circulação de ideias, ainda que as pessoas estejam sob a tutela de alguém por serem incapazes de pensar por si próprias.

Nesse ponto, cabe trazer ao debate a discussão de Derrida feita, em São Paulo em 1995, sobre a mentira. Analisando o pensamento de Arendt, Kant e Santo Agostinho, Derrida (1996) busca compreender a história do conceito "mentira" e defende que o seu oposto não é a verdade, mas sim o dizer verdadeiro. Para ele, “mentir é querer enganar o outro, às vezes até dizendo a verdade. Pode-se dizer o falso sem mentir, mas pode-se dizer o verdadeiro no intuito de enganar, ou seja, mentindo” (Ibid. p. 8). Pensamento semelhante já tinha sido abordado por Arendt ao falar sobre os discursos de Hitler.

Para que não se subestime a importância das mentiras da propaganda, convém lembrar os muitos casos em que Hitler foi completamente sincero e brutalmente claro na definição dos verdadeiros objetivos do movimento, os quais, no entanto, simplesmente deixaram de ser percebidos pelo público, despreparado para tamanho despropósito. (ARENDT, 2012, p. 475)

Já para Nietzsche (1983), a verdade é um conjunto de metáforas e de relações construídas, por meio de designações da linguagem, para que a humanidade possa se relacionar entre si, harmoniosamente ou não. Nesse sentido, “o mentiroso usa as designações válidas, as palavras, para fazer aparecer o não-efetivo como efetivo; ele diz, por exemplo, ‘sou rico’, quando para seu estado seria precisamente ‘sou pobre’ a designação correta” (Ibid., p. 46). Para o filósofo alemão, ao mentir, a pessoa age de forma egoísta e corre o risco de perder a confiança da sociedade.

Para Santaella, entregar-se ao ceticismo diante de fatos é “abandonar a busca pela verdade, uma busca que não pode ser negligenciada” (2021, p.13). Isso significa que, assim como Arendt (2016), a autora não exclui a existência de fatos concretos, chamados por elas de

verdade factual. O atentado ao *World Trade Center* em Nova York, em 11 de setembro de 2001, é um exemplo de fato concreto, sendo impossível negar que dois aviões bateram nas Torres Gêmeas na manhã daquele dia. Da mesma forma, não há como negar a existência da pandemia de Covid-19 que assolou o planeta a partir do final de 2019. Ou então, como cita Arendt (2016), a invasão da Bélgica pela Alemanha em agosto de 1914. De acordo com a filósofa alemã, este episódio, ocorrido durante a Primeira Guerra Mundial, é um fato concreto e só irá ganhar dimensões políticas a partir do momento em que for questionado. Para ela, colocar em suspeição uma verdade factual é uma tentativa deliberada de alterar o registro histórico.

O mesmo ocorre quando o mentiroso, sem poder para fazer com que sua falsidade convença, não insiste sobre a verdade bíblica de sua asserção, mas pretende ser esta sua “opinião”, à qual reclama direito constitucional. Frequentemente o fazem grupos subversivos e, em um público imaturo politicamente, a confusão resultante pode ser considerável. O apagamento da linha divisória entre verdade fatural e opinião é uma das inúmeras formas que o mentir pode assumir, todas elas formas de ação. (Ibid., p. 309)

Por ser uma forma de ação, a mentira é criada com um propósito, com uma intenção, o que é diferente do erro, já que não há uma intenção deliberada em quem erra. O erro surge do engano, do desconhecimento ou da distração, enquanto a mentira é estratégica porque, segundo Santaella, “não é algo que arrancamos do solo como uma planta ou algo que cai de paraquedas. A mentira tem um agente. [...] Quem mente, tem consciência que mente” (SANTAELLA, 2021, p. 35).

É possível mostrar essa relação em uma postagem feita por Olavo de Carvalho no dia 14 de agosto de 2020 sobre a vacina que estava sendo desenvolvida contra a Covid<sup>38</sup>.

**Figura 1:** 14/08/2020



**Fonte:** banco de dados do autor

A postagem se refere aos testes que estavam sendo feitos com a vacina Coronavac, parceria do Instituto Butantan, órgão de pesquisa do governo de São Paulo, com o laboratório chinês Sinovac, para o combate a Covid-19. Dias antes, a imprensa havia noticiado que os testes parciais com a Coronavac apresentavam resultados positivos até aquele momento. Não é possível analisar o texto de Carvalho sob o ponto de vista do erro ou da opinião, uma vez que os meios de comunicação informaram, com base em dados oficiais do instituto de pesquisa

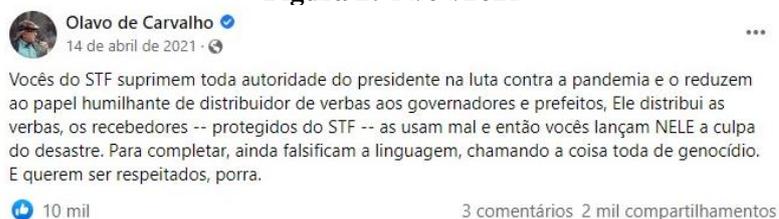
<sup>38</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/275181425967272/posts/1710438989108168>. Acesso em jun. 2022.

responsável pelo desenvolvimento do imunizante, o contrário do que o escritor sustentava. A postagem ignora qualquer menção à ciência para se pautar em uma afirmação mentirosa, criada sem nenhum embasamento.

É preciso também destacar que o Instituto Butantan é um órgão de pesquisa do Governo de São Paulo e que, em 2020, era governado por João Dória (PSDB), inimigo político do ex-presidente Jair Bolsonaro. Diante disso, o caráter intencional da mentira fica mais visível, porque pode-se entender que a postagem foi feita em um contexto de jogo de força entre dois grupos políticos. “A marca distintiva da verdade fatural consiste em que seu contrário não é o erro, nem a ilusão, nem a opinião, nenhum dos quais se reflete sobre a veracidade pessoal, e sim a falsidade deliberada, a mentira” (ARENDDT, 2016, p.308).

No dia 14 de abril de 2021, Olavo de Carvalho escreveu<sup>39</sup>:

**Figura 2:** 14/04/2021



**Fonte:** banco de dados do autor

A postagem faz referência à decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) de 15 de abril de 2020, que definiu as competências da União, Estados e Municípios na gestão da pandemia. O argumento de que a decisão do STF impediu o ex-presidente Bolsonaro de agir foi explorado por apoiadores do governo e pelo próprio ex-presidente, para justificar a falta de ações no combate à Covid, mesmo com o próprio Supremo desmentindo a tese bolsonarista<sup>40</sup>. Chama a atenção que o texto de Olavo de Carvalho foi escrito exatamente um ano depois da decisão da Suprema Corte, o que pode configurar como uma estratégia do escritor, já que serve como legitimação da mentira criada e contada pelo governo durante todo o ano anterior e sustentada até o final do mandato de Bolsonaro.

Ao longo dos primeiros dois anos e meio da pandemia, Carvalho não poupou críticas a pesquisas científicas e a China, país considerado por ele como responsável pela criação e propagação da doença. No dia 21 de março de 2020, postou um comentário em que minimiza a pandemia e sugere que a Covid seria uma arma política<sup>41</sup>.

<sup>39</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/olavo.decarvalho/posts/10159077428532192>. Acesso em ago. 2022.

<sup>40</sup> Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/07/stf-rebate-bolsonaro-sobre-combate-da-pandemia-e-diz-que-uma-mentira-contada-mil-vezes-nao-vira-verdade.shtml>. Acesso em ago. 2022.

<sup>41</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/275181425967272/posts/1682575425227858>. Acesso em mai. 2022.

**Figura 03:** 21/03/2020

**Fonte:** banco de dados do autor

O *link* compartilhado na postagem direciona o usuário para um artigo publicado no próprio site oficial, escrito em 2013, em que Carvalho fala sobre supostas estratégias de dominação da política mundial por comunistas e sugere uma lista de leitura para a compreensão de tais táticas<sup>42</sup>. No mesmo dia, ele postou outras 34 vezes, 14 delas ligavam a pandemia, pesquisas e orientações das autoridades sanitárias à existência de um plano de dominação chinês e comunista. A narrativa criada por Carvalho tenta desacreditar as pesquisas sobre a Covid-19 ao vincular a pandemia como uma arma política. Ao escrever 14 vezes no mesmo dia sobre o assunto, Carvalho busca reforçar suas ideias, mostrando que, há anos, já alertava sobre os perigos do comunismo e que a pandemia é só mais uma arma de manipulação política.

Em uma postagem feita em 06 de dezembro de 2021<sup>43</sup>, Olavo de Carvalho compartilhou um vídeo do canal de um influenciador digital chamado Jaime Bruning, que se apresenta na internet como terapeuta holístico<sup>44</sup>.

<sup>42</sup> Disponível em [http://olavodecarvalho.org/estudar-antes-de-falar/?fbclid=IwAR1sAMSjOBYrszPe3620wPEyTk-Iee3YZ\\_IGsthuCrccx631nUiU76xCXKk](http://olavodecarvalho.org/estudar-antes-de-falar/?fbclid=IwAR1sAMSjOBYrszPe3620wPEyTk-Iee3YZ_IGsthuCrccx631nUiU76xCXKk). Acesso em mai. 2022.

<sup>43</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/olavo.decarvalho/posts/10159529665797192>. Acesso em ago. 2022.

<sup>44</sup> Na internet é possível encontrar diversas acusações contra Jaime Bruning por charlatanismo. O autointitulado terapeuta holístico também foi um dos convocados para depor na Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Covid no Congresso Nacional, acusado de ser um dos influenciadores digitais que divulgaram mentiras sobre a eficácia de vacinas. Disponível em <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2020/02/05/cpi-mista-das-fake-news-tomara-depoimento-de-influenciadores-antivacinas>. Acesso em ago. 2022.

**Figura 04:** 06/12/2021

**Fonte:** banco de dados do autor

O vídeo, com 10 minutos de duração, é intitulado *A falsa ciência está destruindo a humanidade* e, durante todo o tempo, o influenciador digital cita Olavo de Carvalho para tecer críticas a quem, ao longo da pandemia, dizia confiar na ciência e não em terapias sem nenhuma comprovação de eficácia, como as defendidas pelo ex-presidente Jair Bolsonaro<sup>45</sup>. Dados e evidências são questionados e classificados como “falsos”, enquanto a única verdade seria aquela propagada por Carvalho.

Como explica Nietzsche, o ser humano busca a verdade, desde que ela não lhe incomode. Ou seja, “o homem quer somente a verdade: deseja as consequências da verdade que são agradáveis e conservam a vida; diante do conhecimento puro sem consequências ele é indiferente, diante das verdades talvez perniciosas e destrutivas ele tem disposição até mesmo hostil” (1983, p. 46-47). Nesse sentido, as pesquisas científicas sobre a vacina contra a Covid estariam na direção oposta à verdade apregoada por Olavo de Carvalho, por isso a necessidade de atacá-las, considerando-as falsas e responsáveis pela destruição da humanidade.

As estratégias usadas nos exemplos apresentados por enquanto podem ser explicadas por mecanismos de controle dos discursos propostos por Michel Foucault. Para o exercício do poder, segundo ele, é preciso controlar, selecionar, organizar e redistribuir os discursos, conferindo autoridade a quem fala, impedindo outros de falar, e, assim, “conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade” (FOUCAULT, 2014a, p. 8-9).

O primeiro procedimento de controle dos discursos, apresentado por Foucault em sua aula inaugural no *Collège de France*, em 1970, foi denominado “exclusão”. Nele estão

<sup>45</sup> Durante toda a pandemia, Bolsonaro defendeu o que chamou de “tratamento precoce”, utilização de medicamentos como hidroxiquina, indicado para o tratamento de malária, e ivermectina, um vermífugo, ambos sem nenhuma comprovação científica de eficácia e sem indicação de autoridades sanitárias. Disponível em <https://g1.globo.com/saude/coronavirus/noticia/2021/09/21/onu-bolsonaro-defende-tratamento-sem-eficacia-contracovid-19-veja-frases-do-discurso-e-o-que-se-sabe.html>. Acesso em jan. 2023.

incluídos os mecanismos de interdição, que fazem a ligação do discurso com o desejo e o poder. Segundo Foucault, “sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa” (FOUCAULT, 2014a, p. 9). Dessa maneira, Carvalho confere a si um “direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala” (Ibid.), ou seja, enquanto um estudioso do comunismo e das ciências, ele teria a capacidade de mostrar os perigos de uma suposta dominação global e a pandemia de Covid-19 seria, portanto, a comprovação disso. Essa capacidade preditiva daria a ele o poder “de dizer uma verdade escondida, o de pronunciar o futuro, o de enxergar com toda ingenuidade aquilo que a sabedoria dos outros não pode perceber” (Ibid., p. 10-11).

Olavo de Carvalho vai tentar assumir o papel do filósofo, como proposto por Foucault, responsável por

analisar, elucidar, tornar visível e, portanto, intensificar as lutas que se desenrolam em torno do poder, as estratégias dos adversários no interior das relações de poder, as táticas utilizadas, os focos de resistência, em suma com a condição de que a filosofia deixe de colocar a questão do poder em termos de bem ou mal, mas sim em termos de existência. (2006a, p. 43)

A mentira criada pelos discursos do escritor vai assumir, portanto, outras características que precisam ser diagnosticadas. É importante, sobretudo, questionar “de que maneira as formas de dominação sobre os indivíduos ou sobre algumas categorias de indivíduos se estabeleceram e como elas puderam fazer funcionar as sociedades ocidentais, as sociedades modernas?” (FOUCAULT, 2011, p. 233). As falas negacionistas, revisionistas e anacrônicas fazem parte do rol de críticas olavistas, sendo utilizadas, na ordem do discurso, para dar suporte às vontades de verdade de Olavo de Carvalho.

## 1.2 A negação como estratégia

Entre os anos de 1939 e 1945, a humanidade passou por um dos piores momentos de sua história com a ascensão do regime nazista na Alemanha. Milhões de judeus, ciganos, homossexuais, entre outros povos e grupos sociais foram assassinados por causa de uma política de Estado que buscava o extermínio de quem era considerado inferior. Campos de concentração como *Dachau*, na Alemanha, e *Auschwitz* e *Treblinka*, na Polônia, por exemplo, ganharam notoriedade, principalmente, por causa da existência das câmaras de gás (ARENDDT, 2012).

Mesmo diante de provas materiais, imagens e depoimentos de sobreviventes dos campos de extermínio, muita gente duvidou que a tragédia realmente tivesse acontecido. A dúvida foi plantada a partir de questionamentos feitos por professores e escritores, logo após o término da Segunda Guerra, que insistiam em dizer que os fatos não eram bem aqueles que estavam sendo

narrados pelos sobreviventes (VIDAL-NAQUET, 1988; NAPOLITANO, 2021). Estas pessoas foram chamadas de revisionistas, consideradas por Vidal-Naquet como

uma seita minúscula, mas obstinada, dedica todos os seus esforços e emprega todos os meios, panfletos, fábulas, histórias em quadrinhos, estudos pretensamente científicos e críticos, revistas especializadas, para destruir, não a verdade, que é indestrutível, mas a tomada de consciência da verdade. (1988, p. 9)

Embora seja necessária para o desenvolvimento do conhecimento, a revisão da história vai ganhar um caráter negativo a partir do segundo pós-guerra. Napolitano diz que é “a revisão historiográfica legítima, que faz avançar o conhecimento diante de novas descobertas documentais e perspectivas teóricas” (2021, p. 88). No entanto, os revisionistas do Holocausto usurparam o conceito que, anteriormente, possuía “uma atitude mais que honorável, uma atitude à vez legítima e necessária, para lhe darem uma respeitabilidade enganadora e falsa” (BÉDARIDA, 1993, apud TRAVERSO 2012, p. 150).

A revisão natural na História acontece de duas maneiras, segundo Traverso (2012). A primeira é com a possibilidade do descobrimento de novas fontes, de novos arquivos, que fazem surgir outras leituras sobre determinados conhecimentos. Já a segunda forma de revisionismo se dá com o surgimento de diferentes formas de interpretação da História, por exemplo, com a elaboração da história das mulheres, que implicou uma transformação no olhar dos objetos e das fontes. O revisionismo, nesses casos, é importante para que se busque a melhor compreensão de fatos e episódios do desenvolvimento das sociedades, ou então, para corrigir injustiças, como a revisão da condenação de Alfred Dreyfus, na França, em 1894, que inocentou o capitão do exército francês acusado de traição (VIDAL-NAQUET, 1988).

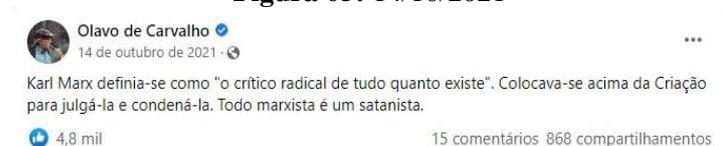
No entanto, nos discursos de Olavo de Carvalho é possível encontrar exemplos em que o revisionismo é empregado com o propósito de dar crédito a teorias da conspiração. Uma das principais obsessões de Olavo de Carvalho, tanto em livros publicados como nas plataformas de redes sociais, foi o comunismo. Considerado por ele como o principal problema no mundo, o escritor escreveu diversas vezes que a primeira coisa que o presidente Jair Bolsonaro deveria ter feito era criminalizar partidos de esquerda<sup>46</sup>.

---

<sup>46</sup> No dia 04 de dezembro de 2020, Olavo de Carvalho postou: “Desde o PRIMEIRO dia do seu governo o Bolsonaro tinha a OBRIGAÇÃO de lutar pelo fechamento dos partidos do Foro de São Paulo -- a maior organização criminosa do continente. Se deixou de fazer isso, foi a conselho de traidores e covardes”. O Foro de São Paulo é uma organização, formada na década de 1990, por partidos de esquerda da América Latina e que é considerada por Carvalho como sendo a responsável pelo comunismo no Brasil. Disponível em: <https://www.facebook.com/275181425967272/posts/1821405374678195>. Acesso em: set. 2022.

Para atacar o comunismo, Carvalho dava uma interpretação própria para a teoria de Marx. No dia 14 de outubro de 2021, por exemplo, ele formulou uma interpretação sobre uma proposição do teórico alemão para chamá-lo de satanista<sup>47</sup>.

**Figura 05:** 14/10/2021



**Fonte:** banco de dados do autor

Na postagem, Carvalho distorce o sentido de uma carta escrita por Marx (2010), em 1843, para o filósofo Arnold Ruge, em que explica algumas de suas ideias, ainda bastante iniciais, para a construção de um novo pensamento. Na carta, Marx explicita a insatisfação com a filosofia da época e a necessidade de se propor outros caminhos, a partir da crítica ao pensamento vigente. Em sua análise ele fala que o interesse da Alemanha estava pautado na religião e na política, portanto, o novo conhecimento teria que ser uma “*crítica inescrupulosa da realidade dada*; inescrupulosa tanto no sentido de que a crítica não pode temer os próprios resultados quanto no sentido de que não pode temer os conflitos com os poderes estabelecidos” (MARX, 2010, p.71, grifo do autor). Ao ler a carta percebe-se não haver qualquer relação entre o que Marx propunha na época com o satanismo.

Nesta mesma linha, quase um ano antes, Carvalho já insistia na ideia de revisar a teoria marxista relacionando-a ao satanismo. Em 30 de novembro de 2020, ele fez uma postagem sem nenhum embasamento, muito mais para reforçar sua ideia<sup>48</sup>.

**Figura 06:** 30/11/2020



**Fonte:** banco de dados do autor

Os dois exemplos configuram uma tentativa de descontextualizar as ideias de Marx sem qualquer preocupação teórica ou metodológica e creditar à ideologia comunista uma fantasia religiosa, ao sugerir uma ligação satânica. As postagens de Olavo de Carvalho demonstram as formas de ação de quem se propõe revisar a história sob uma perspectiva ideológica, apenas

<sup>47</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/olavo.decarvalho/posts/10159430316932192>. Acesso em ago. 2022.

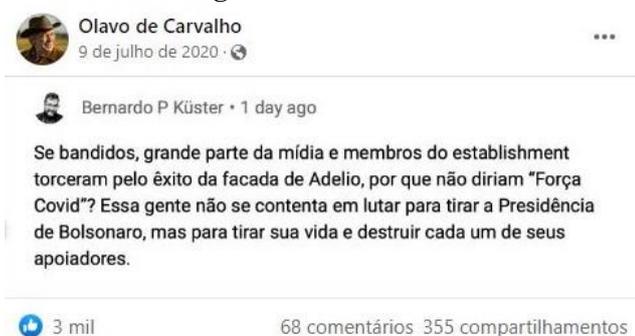
<sup>48</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/275181425967272/posts/1817861791699220>. Acesso em ago. 2022.

com a finalidade de adequar o mundo às suas ilusões. O escritor brasileiro se preocupa, muito mais, em apontar o que considera distorções morais e religiosas, do que possíveis discordâncias teóricas.

Esse tipo de revisionismo é refém de objetivos meramente ideológicos, da falta de método e da ética da pesquisa histórica. Trata-se daquele revisionismo calcado em manchete sensacionalista sobre um tema histórico, na apropriação descontextualizada de trabalhos historiográficos, no anacronismo, no uso acrítico de fontes primárias (tomadas como “prova factual” a partir de uma leitura superficial, sem crítica ou contextualização), sempre com o intuito de defender uma tese dada *a priori* sobre o passado incômodo e sensível. (NAPOLITANO, 2021, p. 99-100)

Os revisionistas empregam também o anacronismo como outra estratégia para distorcer acontecimentos e ideias. Funari (2021) explica que o discurso anacrônico é um meio de manipulação que mistura diferentes tempos históricos, dando a eles o mesmo tratamento, como em uma postagem feita por Olavo de Carvalho no dia 09 de julho de 2020, em que o escritor compartilhou um *post* feita pelo blogueiro olavista Bernardo Kuster<sup>49</sup>.

**Figura 07:** 09/07/2020



**Fonte:** banco de dados do autor

A tentativa de Carvalho foi vincular o atentado sofrido por Jair Bolsonaro durante a campanha presidencial em 2018 e a pandemia, sendo que, além de serem fatos ocorridos em anos diferentes, os episódios não têm nenhuma relação entre si. Já em 30 de julho de 2021, Olavo de Carvalho escreveu sobre a existência de agentes comunistas infiltrados para manipular a sociedade<sup>50</sup>.

<sup>49</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/275181425967272/posts/1676848995800501>. Acessado em jun. 2022.

<sup>50</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/275181425967272/posts/2009525392532858>. Acesso em jun. 2022.

**Figura 08:** 30/07/2021

**Fonte:** banco de dados do autor

A postagem aponta para a ideia de que agentes comunistas estariam infiltrados na sociedade brasileira, construindo, dessa maneira, um discurso que remete a narrativas da época da Guerra Fria. Funari (2021) vai classificar a utilização do anacronismo como uma apropriação da história, ou seja, tornar presente algo do passado.

Os abusos da História promovidos por meio de anacronismos não são apenas contrários aos procedimentos do conhecimento científico, mas também, o que é mais grave, podem levar à morte e ao sofrimento em muitos contextos. Esse potencial destrutivo existe hoje, no mundo todo e no Brasil, em particular. (Ibid., p. 122)

É preciso, ainda, diferenciar o anacronismo do uso do passado, sob o risco de normalizar e aceitar os discursos revisionistas. Le Goff (1990b) vai defender a legitimidade da apropriação da história como instrumento de transformação do conhecimento, mas, como afirma Rousso, “uma coisa é observar conscientemente seu tempo como objetivo de fazer dele uma narração, [...] outra é pôr em ação muito tempo depois suas lembranças da juventude como elementos de uma narrativa histórica crível” (2016, p. 16). É certo que a História é construída a partir do olhar e do tempo histórico de quem a escreve, mas isso não significa aceitar o emprego de mecanismo de manipulação.

Se por um lado, o revisionismo busca revisar fatos passados e o anacronismo usa o passado para misturar os elementos do presente, há uma outra forma de ação da mentira como instrumento político, que é a negação dos fatos históricos. O termo negacionismo parte das considerações feitas por Vidal-Naquet a respeito dos revisionistas do Holocausto, mas foi popularizado pelo historiador francês Henry Rousso, no final da década de 1980, também ao estudar as pessoas que negavam a existência do massacre de judeus pelo regime nazista. Inspirados por pensadores revisionistas estadunidenses da década de 1920, os negacionistas do Holocausto acreditavam ser descendentes de uma corrente teórica que, para eles, seria creditável.

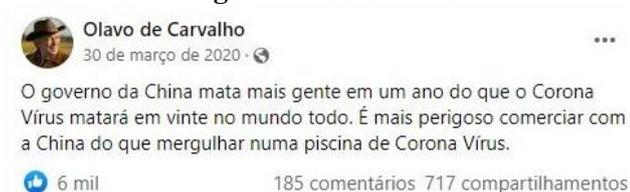
A palavra passou a ser usada em sentido contrário ao empregado pelos próprios negacionistas, que se viam como fundadores de uma “escola revisionista” (a denominação é do negacionista Roubert Faurisson) e

pretendiam conferir credibilidade intelectual e científica ao que não passava de falsificação e de distorção de evidências. (VALIM; AVELAR; BEVERNAGE, 2021, p. 14)

O negacionismo escancara ainda mais as formas de agir da mentira e mostra um dos seus lados mais perigosos. Segundo Santaella (2021), quem mente propositadamente conhece o outro lado, mesmo assim o faz por ter algum tipo de interesse, ainda que a mentira contada não tenha uma finalidade negativa. A autora vai classificar cinco tipos de mentiras: piedosa, necessária, obrigatória, justificada e destrutiva, sendo que a última é a que pode gerar mais danos à sociedade. “A mentira é destrutiva quando ela visa prejudicar o outro, lembrando que aqueles que lesam os outros por meio da mentira, da fraude e da calúnia, assim o fazem porque se creem impunes” (Ibid., p. 53).

No dia 30 de março de 2020, Olavo de Carvalho postou no Facebook um comentário negando a gravidade da pandemia que, naquela época, ainda estava no início<sup>51</sup>.

**Figura 09:** 30/03/2020



**Fonte:** banco de dados do autor

Até a data da postagem, mais de 17 mil pessoas já tinham morrido pela doença no mundo todo e a projeção era de que o número iria aumentar ainda mais. Dias antes, o ex-presidente Jair Bolsonaro havia feito um pronunciamento em rádio e TV em que minimizou a Covid-19, chamando a doença de “gripezinha”<sup>52</sup>. Diante desta afirmação de Carvalho, é preciso problematizar o que leva alguém a compartilhar uma informação negando a gravidade da doença, mesmo diante de milhares de mortes que estavam ocorrendo diariamente em todo mundo. Na opinião de Napolitano, sem que se apresente qualquer embasamento científico válido, discursos como o de Carvalho são puramente políticos.

Os negacionistas alimentam e são alimentados pelas diversas “teorias da conspiração” que sempre existiram, mas que nos primeiros anos do século XXI têm sido canalizadas por interesses políticos, sobretudo de partidos e líderes de extrema direita, para combater os valores progressistas e democráticos. (2021, p. 98)

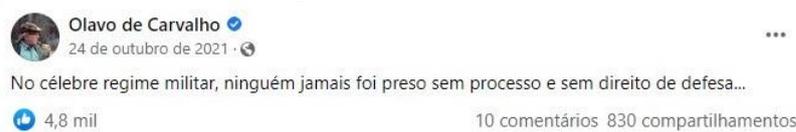
<sup>51</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/275181425967272/posts/1582373498581385>. Acesso em jun. 2022.

<sup>52</sup> Disponível em <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-03-25/em-cadeia-de-tv-bolsonaro-minimiza-coronavirus-para-insuflar-base-radical.html>. Acesso em jul. 2022.

Cohen (2001) aponta três maneiras de analisar uma proposição negacionista. A primeira delas é quando uma pessoa que nega determinado fato possa ter razão, por exemplo, ao rebater alguma mentira que tenha sido criada contra si. Nesse caso, a apresentação de provas e de um contraditório válido faz com que a negação seja legítima. A segunda maneira é quando o negacionismo se dá em casos de divergências de pensamentos ou de visões de mundo, como em um debate de ideias. Já a terceira forma de se analisar a negação é justamente quando ela é feita propositadamente, como forma de atingir algum objetivo ou alguém especificamente. Cohen (Ibid.) diz que esse tipo de negacionismo, quando utilizado por governantes ou por pessoas ligadas ao poder governamental, visa encobrir fraudes, corrupções, atrocidades e/ou para evitar responsabilizações por erros.

Diante destas três formas de se analisar um conteúdo negacionista, Cohen (Ibid.) vai propor também três formas que o negacionismo pode assumir. A primeira é chamada de negação literal, que é quando o conteúdo simplesmente nega um fato concreto, como se não tivesse acontecido, como em uma postagem feita por Olavo de Carvalho em 24 de outubro de 2021<sup>53</sup>.

**Figura 10:** 24/10/2021



**Fonte:** banco de dados do autor

Na afirmação do escritor fica evidente o caráter literal do negacionismo ao desconsiderar qualquer menção às violações dos direitos humanos cometidas pelo Estado brasileiro durante o regime militar, entre os anos de 1964 a 1985, e que já foram comprovadas, por exemplo, pela Comissão Nacional da Verdade<sup>54</sup>.

A segunda forma de conteúdo negacionista é o que Cohen (2001) classifica como negacionismo interpretativo. Nestes casos, a negação é feita por meio de uma interpretação diferente de um fato. No dia 21 de março de 2020<sup>55</sup>, Carvalho compartilhou um vídeo postado no Youtube no *Canal Professor Bellei*<sup>56</sup>, em que um blogueiro, que se autointitula analista

<sup>53</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/olavo.decarvalho/posts/10159445921642192>. Acesso em ago.2022.

<sup>54</sup> Todo o trabalho de comprovação feito pela Comissão Nacional da Verdade pode ser acessado publicamente por meio do site <http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/>.

<sup>55</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/275181425967272/posts/1573106932841375>. Acesso em ago. 2022.

<sup>56</sup> Em plataformas de redes sociais o blogueiro Alexandre Bellei se intitula analista político, *youtuber* e mestre em filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste).

político, comenta sobre supostas provas de que o vírus da Covid-19 teria sido propagado deliberadamente pelo Partido Comunista Chinês. O vídeo, intitulado *SIM, A CHINA É CULPADA! COMEÇOU A 3ª GUERRA MUNDIAL*, cria uma narrativa conspiracionista de propagação proposital da doença que se tornou uma interpretação recorrente de Olavo de Carvalho e que, neste contexto, foi usada como estratégia para negar a eficácia de medidas de controle, como o isolamento social e o *lockdown*.

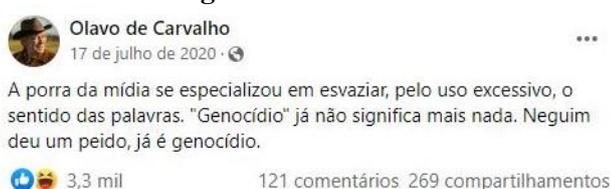
**Figura 11:** 21/03/2020 - 1



**Fonte:** banco de dados do autor

Por fim, Cohen (2001) vai dizer que há o tipo de negacionismo implicatório, que busca negar ou minimizar um fato que implique algo ou alguém. Esse é o caso da postagem feita em 17 de julho de 2020<sup>57</sup>.

**Figura 12:** 17/07/2020



**Fonte:** banco de dados do autor

Até a data da postagem o ex-presidente Jair Bolsonaro tinha sido denunciado no Tribunal Penal Internacional, como sede em Haia, na Holanda, duas vezes por genocídio e crimes contra humanidade por conta da condução do país até aquele momento na pandemia, que já tinha matado pelo menos, 80 mil brasileiros<sup>58</sup>. No caso da figura 12, é possível perceber a tentativa de Carvalho de negar a responsabilidade de Bolsonaro que, por diversas vezes, já tinha minimizado os efeitos da doença.

<sup>57</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/275181425967272/posts/1684367121715355>. Acesso em jun. 2022.

<sup>58</sup> Disponível em <https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2020/07/26/bolsonaro-e-denunciado-no-tribunal-de-haia-por-crimes-contra-humanidade.htm>. Acessado em jun. 2022.

### 1.3 Vontade de verdade e governamentalidade negacionista

Analisar o discurso produzido por Olavo de Carvalho nos leva à relação saber-poder e à condução de condutas, no âmbito de uma governamentalidade negacionista, em que a mentira assume um protagonismo estratégico na produção das vontades de verdade. Mesmo sem apresentar qualquer embasamento científico, as teorias criadas por Carvalho no Facebook não podem ser ignoradas. Os movimentos conservadores e de extrema-direita, que emergiram no Brasil após os protestos de 2013, tiveram nas ideias do escritor um dos principais suportes para o fortalecimento dos discursos de ódio que circulam pelas plataformas digitais e que ganham cada vez mais espaço na vida *offline*. Como dizia Marc Bloch, “não basta o embuste. É preciso também descobrir seus motivos. Mesmo que, a princípio, para melhor rastreá-lo” (2001, p. 98).

Ao longo de toda sua produção intelectual, Foucault não irá se debruçar sobre a verdade factual, como problematizado por Hannah Arendt (2012), ou para a verdade como "o conjunto de coisas verdadeiras a descobrir ou a fazer aceitar" (FOUCAULT, 2018a, p. 53), mas sim para a verdade como "o conjunto de regras segundo as quais se distingue o verdadeiro do falso e se atribui efeitos específicos de poder" (Ibid. p. 53). Com isso, Foucault coloca a vontade de verdade como um dos mecanismos de exclusão utilizados para ordenar o discurso, produzindo saberes e exercendo o poder (FOUCAULT, 2014a). A produção dos discursos de verdade será entendida como estratégica.

A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade: isto é, os tipos de discursos que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiro; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro. (FOUCAULT, 2018a, p. 52)

Foucault (Ibid.) vai propor cinco características da verdade. A primeira é que ela é centrada no discurso científico; segundo, ela induz constantemente a política e a economia; terceira, é produzida e transmitida por aparelhos e instituições políticas e econômicas; quarta, a verdade é objeto de consumo; e, por fim, ela é motivo de debate político e de lutas sociais. Nas palavras de Foucault, por verdade estende-se "um conjunto de procedimentos regulados para a produção, a lei, a repartição, a circulação e o funcionamento dos enunciados. A ‘verdade’ está circularmente ligada a sistemas de poderes, que a produzem e apoiam, e a efeitos de poder que ela induz e que a reproduzem" (Ibid. p. 54).

Esta definição vai de encontro com o que Foucault já havia afirmado em sua aula inaugural no *Collège de France*, de que o discurso é a finalidade da luta, não consequência; é aquilo do que se quer apoderar. Isso significa dizer que o poder só é exercido por meio da produção de discursos de verdade. "Somos submetidos pelo poder à produção da verdade e só podemos exercer o poder mediante a produção da verdade" (FOUCAULT, 1999, p. 29). Ao analisar as postagens de Olavo de Carvalho, nos parece ser essa a estratégia do escritor brasileiro, produzir discursos verdadeiros como forma de exercer o poder.

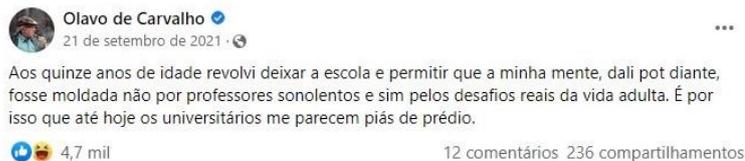
É preciso também entender que a produção de discursos de verdade faz parte da constituição de um saber. Para Foucault, o saber não é caracterizado pelo acúmulo de conhecimentos adquiridos, "pois destes sempre se deve poder dizer se são verdadeiros ou falsos, exatos ou não, aproximativos ou definidos, contraditórios ou coerentes" (2000, p. 110). O saber, para ele, é um conjunto de elementos formado pelo objeto, pelos tipos de formulações dos discursos, pelos conceitos e pelas escolhas teóricas (Ibid.).

O método arqueológico proposto por Foucault em suas primeiras obras, vai analisar "como" surgem os saberes, por exemplo, o saber psiquiátrico, o saber da medicina moderna ou as ciências humanas. Para ele, "o saber não está contido somente em demonstrações; pode estar também em ficções, reflexões, narrativas, regulamentos institucionais, decisões políticas" (2019, p. 221). Esta afirmação, que está no final de *A Arqueologia do Saber*, sinaliza para a mudança de direção nas investigações de Foucault a partir da década de 1970, dando início ao período em que irá se debruçar sobre a genealogia do poder. Nesta fase, o saber será analisado como estratégico no jogo de forças pelo poder. "Para o genealogista, o saber é inteiramente vazado pela malícia mesquinha das relações de dominação. O saber não oferece uma saída; ou melhor, ele aumenta os perigos que enfrentamos" (DREYFUS; RABINOW, 1995, p. 127).

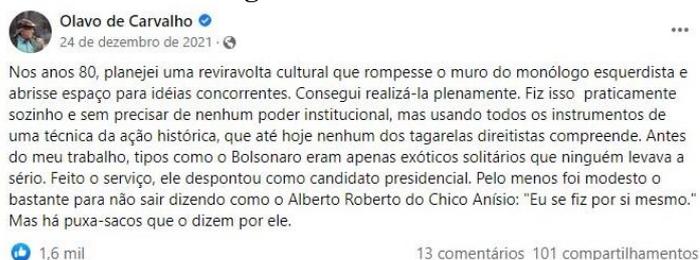
Ao longo de todo período analisado é possível identificar mensagens escritas por Carvalho como forma de dar credibilidade às suas vontades de verdade, em uma tentativa de se firmar como alguém que passou a vida construindo uma estratégia capaz de questionar os saberes vigentes na sociedade atual. Um exemplo pode ser observado na postagem feita no dia 21 de setembro de 2021, em que o guru tenta mostrar como, desde a adolescência, já buscava atingir uma espécie de iluminação que o levaria a estar acima de outras pessoas<sup>59</sup>.

---

<sup>59</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/olavo.decarvalho/posts/10159392865222192>. Acesso em ago. 2022.

**Figura 13:** 21/09/2021**Fonte:** banco de dados do autor

Em outro *post*, escrito em 24 de dezembro de 2021, Olavo de Carvalho vai escrever sobre uma obsessão recorrente em suas postagens, de que, sozinho, teria criado uma estratégia para acabar com a hegemonia cultural da esquerda no Brasil. Além disso, o escritor irá creditar o surgimento do ex-presidente Jair Bolsonaro ao seu planejamento, feito há mais de 30 anos<sup>60</sup>.

**Figura 14:** 24/12/2021**Fonte:** banco de dados do autor

No ano anterior, em 21 de outubro de 2020, vai se referir à suposta superioridade intelectual dos alunos formados em seu curso de filosofia *online*<sup>61</sup>.

**Figura 15:** 21/10/2020**Fonte:** banco de dados do autor

Os três exemplos acima evidenciam a compreensão de que, em Olavo de Carvalho, o poder será exercido por meio da construção de discursos de verdade e pela produção de saber. Com o primeiro exemplo, Carvalho se coloca como um pensador que, sozinho, descobriu verdades ocultas no mundo. No exemplo da figura 14, ele se proclama como o estrategista, com uma missão específica e que, também sozinho, teria obtido vitória. No último, Carvalho vai apontar que a verdade está do lado apenas de quem o segue. No entanto, o ponto mais importante a ser destacado é que nos três exemplos, o escritor ataca os saberes que, na visão

<sup>60</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/olavo.decarvalho/posts/10159561107612192>. Acesso em set. 2022.

<sup>61</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/275181425967272/posts/1778886772263389>. Acesso em: set. 2022.

dele, são considerados os saberes dominantes. Pela ótica de Foucault, esse seria o papel a ser desempenhado pelo intelectual, posição que Olavo de Carvalho reivindica para si a todo momento.

O papel do intelectual não é mais o de se colocar um pouco na frente ou um pouco de lado "para dizer a muda verdade de todos"; é antes o de lutar contra as formas de poder exatamente onde ele é, ao mesmo tempo, o objeto e o instrumento: na ordem do saber, da "verdade", da "consciência", do discurso. (FOUCAULT, 2018c, p.131-132)

Outros três exemplos a seguir darão mais indicações para a análise das vontades de verdade olavista. Novamente, o escritor irá buscar atacar os centros produtores do saber, como as universidades e instituições de pesquisas científicas, para mostrar que, apenas ele está certo. Em 14 de setembro de 2020, o alvo serão diplomas universitários<sup>62</sup>.

**Figura 16:** 14/09/2020



**Fonte:** banco de dados do autor

Quase dois meses depois, no dia 05 de novembro, Carvalho vai mirar a crítica para cima de institutos de pesquisa<sup>63</sup>.

**Figura 17:** 05/11/2020 - 1



**Fonte:** banco de dados do autor

Por fim, no mesmo dia, ele vai decretar, para os seus seguidores, qual o papel das universidades, em seu mundo particular<sup>64</sup>.

<sup>62</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/275181425967272/posts/1741210922697641>. Acesso em jun. 2022.

<sup>63</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/275181425967272/posts/1794299444055455>. Acesso em jun. 2022.

<sup>64</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/275181425967272/posts/1794300134055386>. Acesso em jun. 2022.

**Figura 18:** 05/11/2020 - 2

**Fonte:** banco de dados do autor

Além de possuir características de ressentimento, descritas por Ansart (2004) como rancores, invejas e desejos de vingança, Carvalho faz ataques às universidades numa tentativa de desqualificar o papel da academia. Não cabe, nesta pesquisa, discutir os motivos do ressentimento dele com professores universitários, mas suas críticas vão ser diretamente dirigidas à produção do saber que serviu como base para o combate à pandemia de Covid-19.

Podemos olhar para os exemplos acima como uma tentativa de mostrar que o regime de verdade que se constitui pelos saberes atuais das ciências é considerado, por ele, como “fraude”. Neste sentido, o que Carvalho busca é construir uma espécie de contradiscurso ao discurso aceito pela comunidade acadêmica e científica em todo o Brasil e no exterior, além de tentar fazer um movimento de contraconduta, no âmbito da governamentalidade atual. Foucault afirma que “para compreender o que são as relações de poder, talvez devêssemos investigar as formas de resistência e as tentativas de dissociar estas relações” (FOUCAULT, 1995, p. 234). Nesse sentido, cabe olhar para os discursos produzidos por Olavo de Carvalho como uma forma de resistência aos regimes de saber exercidos, por exemplo, pelas universidades.

Como já visto, o exercício do poder pode ser caracterizado como o conjunto de ações sobre ações, “ele incita, induz, desvia, facilita ou torna mais difícil, amplia ou limita, torna mais ou menos provável; no limite, ele coage ou impede absolutamente, mas é sempre uma maneira de agir sobre um ou vários sujeitos ativos” (Ibid., p.243). A essa definição, Foucault vai dizer que exercer poder é conduzir condutas. Portanto, podemos afirmar que os discursos produzidos por Olavo de Carvalho se inscrevem como um movimento de contraconduta ao propor a insurreição contra universidades e contra medidas de saúde defendidas pela comunidade científica, por exemplo. Centrada em sua figura, o escritor propõe a “busca de outra conduta: ser conduzido de outro modo, por outros homens, na direção de outros objetivos que não o proposto pela governamentalidade oficial, aparente e visível da sociedade” (FOUCAULT, 2008a, p. 262).

O movimento de contraconduta em Olavo de Carvalho fica mais evidente ao olharmos para seus objetivos a partir da definição, feita por Foucault, das características em comum que as lutas contra o poder tiveram ao longo da história.

Não há nada de “cientificista” nisto (ou seja, uma crença dogmática no valor do saber científico), nem é uma recusa cética ou relativista de toda verdade verificada. O que é questionado é a maneira pela qual o saber circula e funciona, suas relações com o poder. Em resumo o *régime du savoir*. [...] O principal objetivo destas lutas é atacar, não tanto “tal ou tal” instituição de poder ou grupo ou elite ou classe, mas, antes, uma técnica, uma forma de poder. (FOUCAULT, 1995, p.235, grifo do autor)

Embora se autointitule filósofo, Carvalho foge do método científico para construir discursos em que parte para ofensas pessoais diretas, como forma de descredibilizar a imagem de quem considera seu adversário. Esta tática, pautada muito mais no espetáculo do que em evidências, é encontrada em diversas personalidades políticas no mundo, como, por exemplo, no político francês Jean-Marie Le Pen, candidato à presidência da França por cinco vezes e ex-presidente da Frente Liberal, partido francês de extrema-direita.

Bonnafoous analisa os discursos de Le Pen sob a ótica da derrisão e mostra que, em muitas situações, o político francês utiliza estratégias similares às que serão usadas por Carvalho. De acordo com a autora, as falas do líder da extrema-direita na França têm, entre outras, táticas a “ridicularização [...]; jogos de palavras e brincadeiras mais ou menos injuriosas contra adversários ausentes; e ironia a teses e termos de adversários” (2003, p. 44). Como exemplo, Bonnafoous cita um trecho de uma fala de Le Pen de 1985: “Franceses, saudai a contribuição do Sri-Lanka à nossa economia, a dos Turcos às Belas Artes, a dos zairenses à técnica, a dos argelinos aos costumes! Sem eles, certamente, nós ainda seríamos selvagens” (LE PEN, 1985, apud BONNAFOOUS, 2003, p. 43). Este trecho joga com a antífrase<sup>65</sup> para disfarçar um sentimento xenofóbico, característico do político francês.

Assim como em Le Pen, é possível identificar a derrisão no discurso de Olavo de Carvalho. No dia 21 de março de 2020 Carvalho postou contra o presidente da China, Xi Jinping<sup>66</sup>.



**Fonte:** banco de dados do autor

<sup>65</sup> Emprego de uma frase ou locução em sentido oposto ao usual, geralmente por ironia, por intenção de eufemismo para obter um efeito estilístico. Disponível em <https://michaelis.uol.com.br/palavra/wp9L/ant%C3%ADfrase/>. Acesso em set. 2022.

<sup>66</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/275181425967272/posts/1573107272841341>. Acesso em jun. 2022.

Carvalho é irônico ao dizer algo quando, na verdade, está afirmando o contrário, além de mostrar preconceito ao ironizar o modo como os chineses pronunciam certas palavras em português. O escritor também utiliza outros dois métodos comuns a Le Pen, o humor e o jogo de palavras com nomes próprios para ridicularizar determinada pessoa. A essas estratégias, semelhantes no político francês e no escritor brasileiro, Bonnafous vai classificar como “figuras de agressão”, que seriam o “conjunto de meios não demonstrativos, não argumentativos, que visam a desconsiderar o adversário, a perturbar o leitor, a desencorajar a controvérsia, a ameaçar sem refutar” (2003, p. 40).

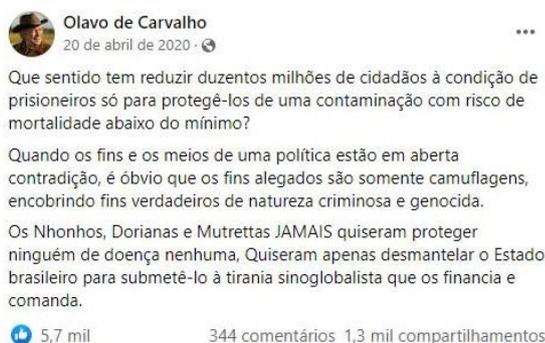
É preciso considerar, também, que o negacionismo no discurso olavista escancara o caráter biopolítico de suas ideias. Antes do surgimento da biopolítica, Michel Foucault vai mostrar, em *Vigiar e Punir*, que, a partir do século XVII, o direito sobre a vida biológica passa a ser preocupação da política do Estado pela “sujeição dos corpos e o controle das populações. Abre-se, assim, a era de um ‘biopoder’.” (FOUCAULT, 2020, p. 151). Nessa época, os problemas para aumentar a eficiência do corpo e gerar indivíduos dóceis começam a integrar as técnicas e tecnologias de poder e a primeira mudança acontece com a passagem do poder soberano para o poder disciplinar. A violência explícita da punição, característica do poder soberano, dá lugar a técnicas de disciplinamento do corpo porque, “o corpo só se torna útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso” (FOUCAULT, 2014b, p. 29). Nesse sentido, a escola, o exército, o hospital e a fábrica ganham destaque como instituições de produção de saberes e exercício do poder, dando lugar a uma anatomia política do corpo humano.

O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente. Forma-se então uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos. O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadriha, o desarticula e o recompõe. (Ibid. p. 135)

O surgimento da biopolítica como tecnologia de poder acontece após o aparecimento das disciplinas, no século XVIII, e a preocupação passa a girar em torno dos problemas da população, não apenas do corpo individual. Nesse período, aparecem as estatísticas, o controle de natalidade, o controle da mortalidade, a fecundidade, a longevidade, e a máxima do poder soberano de deixar viver e fazer morrer se inverte, dando lugar ao fazer viver e deixar morrer, característica principal do biopoder (FOUCAULT, 1999, 2020).

O controle das doenças ganha destaque neste contexto porque é preciso garantir saúde para que a economia não seja prejudicada, uma relação que vai ser a base da economia liberal e neoliberal (FOUCAULT, 2008b). A estratégia da biopolítica será evitar que o indivíduo fique incapacitado a ponto de interferir no desenvolvimento do Estado. Um exemplo pode ser observado na postagem do dia 20 de abril de 2020<sup>67</sup>.

**Figura 20:** 20/04/2020 - 1



**Fonte:** banco de dados do autor

Além de mostrar algumas das características já mencionadas do discurso olavista, como a obsessão contra a China e a estratégia de usar jogos de palavras para denegrir a imagem de adversários<sup>68</sup>, a publicação cria uma narrativa negacionista que apela para uma suposta taxa de mortalidade durante a pandemia. Ao negar os riscos da Covid-19, o escritor relaciona as medidas de isolamento social, que eram recomendadas pelas autoridades sanitárias de todo o mundo, e um suposto plano chinês de financiamento de políticos brasileiros.

Em outra postagem, feita um minuto após o comentário anterior<sup>69</sup>, Carvalho escreve sobre supostos riscos à economia mundial com o isolamento social durante a pandemia<sup>70</sup>.

**Figura 21:** 20/04/2020 - 2



**Fonte:** banco de dados do autor

<sup>67</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/275181425967272/posts/1603064119845656>. Acesso em jul. 2022.

<sup>68</sup> As três pessoas citadas na postagem são: Rodrigo Maia, ex-presidente da Câmara dos Deputados, tratado por Nhonho; o ex-governador de São Paulo, João Dória, é Dorianas; e o ex-ministro da saúde, Luiz Henrique Mandetta, é chamado de Mutreta.

<sup>69</sup> O primeiro comentário foi às 20h32, este foi às 20h33.

<sup>70</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/275181425967272/posts/1603064723178929>. Acesso em jul. 2022.

A postagem, mais uma vez, minimiza a pandemia e distorce dados ao não informar a fonte para o índice de mortalidade que apresenta. Olavo de Carvalho usa, ainda, o risco à economia para tentar construir um discurso em que o futuro pudesse ser ameaçado, caso fosse mantido o isolamento social. A afirmação dele é que o *lockdown* prejudicaria a economia mundial, não importando se algumas pessoas iriam morrer, o principal, nesta lógica, é manter o funcionamento do Estado. É preciso destacar que, 10 dias antes das duas postagens, os Estados Unidos, país em que Olavo de Carvalho morava, já tinha registrado mais de 500 mil casos de Covid-19 e 18 mil óbitos, com uma média de duas mil mortes por dia.

Os discursos analisados neste capítulo mostram as estratégias utilizadas por Olavo de Carvalho para usar a mentira como tática para o exercício do poder. Durante o período analisado é possível observar que o escritor faz uso de mecanismos, como agressões, ofensas, ironias e teorias da conspiração, para mentir e negar a existência da Covid-19 atingindo, assim, quem considera seus inimigos e, principalmente, atacando a produção de saber. Mbembe (2020) vai dizer que a criação do inimigo é uma característica da sociedade atual, mesmo que para isso seja preciso inventá-lo de forma espetacular.

Olavo de Carvalho é uma espécie de Dom Quixote do século XXI que enxerga gigantes em chineses e exércitos em professores universitários e pesquisadores científicos, não em moinhos de vento e carneiros como o personagem de Cervantes. Entretanto, diferentemente do cavaleiro da triste figura que enfrenta seus inimigos imaginários em busca, apenas, de fazer o bem, o escritor não enfrenta os seus inimigos imaginários, ele mente e, por meio do discurso fraudulento, busca tornar reais as suas vontades de verdade.

Foucault vai dizer que o exercício do poder é conjunto de ações sobre ações possíveis, ou seja, “aquilo que define uma relação de poder é o modo de ação que não age direta ou indiretamente sobre os outros, mas que age sobre sua própria ação. Uma ação sobre a ação, sobre eventuais, ou atuais, futuras ou presentes” (1995, p. 243). Visto por esta perspectiva, entende-se que Olavo de Carvalho, ao almejar ter suas vontades de verdade como fundadoras de novos saberes e, sabendo que o poder se exerce por meio da produção do saber, cria discursos mentirosos para estabelecer relações de poder.

Da mesma maneira que Jean-Marie Le Pen na França, Carvalho vai transformar o discurso político em espetáculo, deformando, com isso, o debate de ideias (COURTINE, 2003). O espetáculo é construído por meio da formação do imaginário, que será determinante para o êxito da proposta olavista.

É por meio do imaginário que se podem atingir as aspirações, os medos e as esperanças de um povo. É nele que as sociedades esboçam suas identidades e

objetivos, detectam seus inimigos e, ainda, organizam seu passado, presente e futuro. O imaginário social se expressa por ideologias e utopias, que se materializam em símbolos, alegorias, rituais e mitos. Através dessas textualizações, erigem-se visões de mundo, modelam-se condutas e estilos de vida, em movimentos contínuos ou descontínuos de preservação da ordem vigente ou de introdução de mudanças. (GREGOLIN, 2003, p. 97)

Como ensinava Nietzsche (1983), a verdade é uma linguagem convencionalizada para que os seres humanos pudessem conviver em sociedade e quem a considera como algo dado, como um valor absoluto, estará fadado a permanecer em uma ilusão. Olavo de Carvalho parece viver dentro de um mundo particular, fantasioso, em que ele é o senhor da razão, capaz de apontar o certo do errado, o bom no lugar do mal, o justo e o injusto. O guru cria um sistema de valores em que o normal é ser homem, branco, heterossexual, em que a mulher é submissa ao marido e a relação entre pessoas do mesmo sexo é considerada antinatural. Sendo assim, no próximo capítulo iremos analisar os conceitos de normalidade e anormalidade nas postagens de Carvalho.

*Merdra!*  
(*Ubu Rei*, Alfred Jarry)

## Capítulo 2

### O NORMAL, O ANORMAL E OS DISPOSITIVOS DE SEXUALIDADE EM OLAVO DE CARVALHO

Desde os filósofos gregos, as noções de belo e feio são associadas ao bom e ao mau, respectivamente. Platão (2017), por exemplo, dedica todo o *Livro III* de *A república* para a defesa de que a educação das crianças e dos jovens seja pautada em valores morais, considerados adequados para a formação de guardiões e de chefes das cidades. Para ele, tudo que estivesse em desacordo com padrões de beleza deveria ser excluído da sociedade, evitando desvios de conduta na formação dos jovens. “Em todas estas coisas há, com efeito, beleza ou fealdade. E a fealdade, a arritmia, a desarmonia, são irmãs da linguagem perversa e do mau caráter; ao passo que as qualidades opostas são irmãs e imitação do inverso, que é o caráter sensato e bom” (Ibid., p. 131).

Para defender seu argumento, o filósofo grego tece uma série de críticas e análises sobre a poesia, a música, os prazeres, a justiça, os exercícios físicos, a alimentação, entre outros temas. Em resumo, Platão considerava que alguns assuntos deveriam ser censurados e que os mais bem preparados assumissem a liderança da sociedade. “Ora, eles não estariam apetrechados com a melhor das precauções, se tivessem sido educados de modo realmente perfeito?” (Ibid., p. 158).

As colocações de Platão dão indicações sobre as condutas que eram aceitas na Grécia antiga, como a sociedade deveria se portar e que tipo de pessoa era considerada normal no século IV a.C. Naquela época, a sexualidade e a educação das crianças já figuravam como preocupações que tinham que ser controladas, assim como a exclusão de discursos imorais, sob o risco de contaminar toda a sociedade. A concepção platônica do belo como algo bom e do feio como algo ruim, portanto, passível de ser eliminado da vida pública, está na base do desenvolvimento da civilização ocidental até os dias de hoje.

Os discursos de Olavo de Carvalho partem de uma concepção semelhante, ao diferenciar quem é bom e quem é mau, quem é normal, que segue princípios morais determinados por ele, e quem é considerado anormal. Como argumenta Nietzsche (2006), o ser humano adora o belo porque se espelha nele, como um objeto de adoração, enquanto o feio será entendido como sinal de degenerescência. “O que odeia aí o ser humano? Não há dúvida: *o declínio de seu tipo*. Ele odeia a partir do mais profundo instinto da espécie” (Ibid. cap. VIII, grifo do autor).

Esta concepção narcísica, pode nos levar a compreender um período particular da história recente do Brasil, que são os dois últimos anos do governo de Dilma Rousseff. Entre 2015 e 2016, início do segundo mandato e impeachment da ex-presidenta, a extrema-direita no Brasil estava despontando e se consolidando, e Carvalho foi uma peça fundamental nesse contexto porque foi um dos principais criadores de discursos antipetistas. Para estimular a mobilização popular contra o PT e contra Dilma, vai ser preciso acusar a esquerda de violar regras morais, não só o código jurídico constituído no país, mostrar como os defensores de ideologias progressistas representavam não só um risco para o país, mas antes de tudo para a própria sobrevivência da espécie humana.

Este capítulo, portanto, se baseia nos anos de 2015 e 2016, pois foi o período, dentro dos anos analisados por esta dissertação, em que Olavo de Carvalho mais se prendeu em discursos sobre a moralidade. A partir de padrões de beleza, pureza, força, gênero, sexualidade e doença, por exemplo, o guru vai buscar construir uma imagem do sujeito normal e do anormal. O biopoder irá aparecer no controle das condutas desviantes e na manutenção da segurança da população que, na opinião dele, está ameaçada por um suposto inimigo, ligado a ideologias de esquerda, disposto a destruir a família, as relações entre homens e mulheres e a educação das crianças.

## 2.1 O discurso de Ubu em Olavo de Carvalho

Em um estudo sobre a história da feiura, o filósofo italiano Umberto Eco (2022), aponta como o belo e o feio, ao longo do tempo, são associados ao bom e ao mau. Tanto pensadores gregos, quanto filósofos escolásticos, como Santo Agostinho compartilharam esta concepção e tentaram justificar a associação. A noção de fealdade, enquanto algo ruim, foi usada, por exemplo, como estratégia para a desqualificação do outro. “Desde a Antiguidade, o inimigo sempre foi antes de tudo o Outro, o estrangeiro. Seus traços não parecem corresponder aos nossos critérios de beleza e se tem hábitos alimentares diversos, o cheiro de seu alimento nos choca” (Ibid., p. 185).

Sodré e Paiva (2014) vão dizer que a relação entre beleza e bondade foi encarada como sinônimo para uma vida ideal, enquanto a oposição era associada à desarmonia do gosto.

O comum nesses casos é a figura do *rebaixamento* (chamada de *bathos*, na retórica clássica), operado por uma combinação insólita e exasperada de elementos heterogêneos, com referência frequente a deslocamentos escandalosos de sentido, situações absurdas, animalidade, partes baixas do corpo, fezes e dejetos [...] que atravessa as épocas e as diversas conformações culturais, suscitando um mesmo padrão de reações: riso, horror, espanto, repulsa. (Ibid., p. 16, grifo dos autores)

O rebaixamento, como citado por Sodré e Paiva, é entendido aqui como sinônimo de grotesco. Os autores contam que, desde o século XVII, a palavra já figurava nos dicionários franceses como “aquilo que tem algo de agradavelmente ridículo [...] bizarro, extravagante” (2014, p. 28-29), relacionado tanto a uma pessoa, como a uma situação, uma peça de vestuário ou, até mesmo, à arquitetura.

Por sua vez, Bakhtin (1987) vai se prender ao conceito de realismo grotesco, a partir da análise da obra de Rabelais, para mostrar sua relação direta com a ridicularização do corpo. Para ele, a lógica do realismo grotesco é ignorar a superfície corporal e destacar suas extremidades e pontos de saída.

Os principais acontecimentos que afetam o corpo grotesco, os atos do drama corporal - o comer, o beber, as necessidades naturais (e outras excreções: transpiração, humor nasal etc.), a cópula, a gravidez, o parto, o crescimento, a velhice, as doenças, a morte, a mutilação, o desmembramento, a absorção por um outro corpo - efetuam-se nos limites do corpo e do mundo ou nas do corpo antigo e do novo. (Ibid., p. 277)

Outra característica importante do realismo grotesco de Bakhtin (Ibid.) é que o discurso grotesco será construído a partir da criação de uma série de adjetivos para órgãos sexuais, para o ato sexual, para as necessidades fisiológicas e para características físicas particulares. Em todo o conjunto de postagens de Olavo de Carvalho, é possível encontrar exemplos de realismo grotesco, como na postagem do dia 25 de agosto de 2015<sup>71</sup>.

**Figura 22:** 25/08/2015



**Fonte:** banco de dados do autor

Carvalho utiliza o grotesco para criticar o conceito de democracia ao fazer uma associação com sexo oral e sexo anal, além de utilizar a palavra “piroca” como substituição para o substantivo pênis. Outro exemplo é encontrado em uma postagem feita em 18 de janeiro de 2016, em que o escritor Carvalho se apoia no grotesco para atacar adversários<sup>72</sup>:

<sup>71</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/275181425967272/posts/535233543295391>. Acesso em nov. 2022.

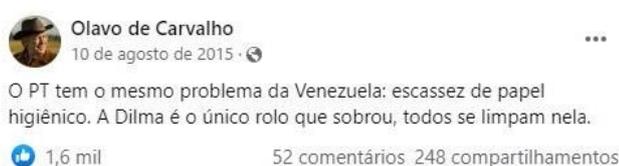
<sup>72</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/275181425967272/posts/586215264863885>. Acesso em nov. 2022.

**Figura 23:** 18/01/2016

**Fonte:** banco de dados do autor

A postagem de Olavo de Carvalho busca satirizar um protesto contra a influência da bancada evangélica no Congresso Nacional, que ocorreu um dia antes, em 17 de janeiro de 2016, chamada *Marcha para Satanás*<sup>73</sup>. Além de, mais uma vez, fazer referências à prática de sexo anal, Carvalho faz uma analogia ao *Manifesto Comunista* de Marx e Engels, que termina com a célebre conclamação “proletários de todos os países, uni-vos” (1998, p. 69).

Em um sentido semelhante, Olavo de Carvalho postou em 10 de agosto de 2015 um comentário vinculando o PT, a ex-presidenta Dilma Rousseff e a Venezuela<sup>74</sup>.

**Figura 24:** 10/10/2015

**Fonte:** banco de dados do autor

Em poucas palavras, o escritor faz uso de uma série de estratégias grotescas para atacar Dilma Rousseff. Em um primeiro momento, as condições sociais na Venezuela<sup>75</sup>, com a falta de itens básicos de higiene, se tornam uma forma de Carvalho ironizar e sugerir que a ex-presidenta seja usada como papel higiênico. Esse tipo de discurso, como o produzido por Olavo de Carvalho, fará parte de uma mecânica grotesca do poder, chamada por Foucault de “poder ubuesco” (2010a).

Foucault vai ilustrar sua ideia a partir de uma analogia com a obra *Ubu Rei*, de Alfred Jarry. A peça, encenada na França pela primeira vez em 1896 e considerada um marco do teatro modernista, acompanha Pai Ubu, um personagem grotesco que assassina o rei da Polônia para tomar o trono e, ao assumir, se torna um tirano. “Ubu não é uma figura composta nos moldes

<sup>73</sup> Disponível em <https://noticias.uol.com.br/album/2016/01/17/marcha-para-satanas-protesta-contra-influencia-de-bancada-evangelica-no-congresso.htm?foto=4>. Acesso em nov. 2022.

<sup>74</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/275181425967272/posts/529429320542480>. Acesso em nov. 2022.

<sup>75</sup> Críticos dos governos dos ex-presidentes Lula e Dilma usam, até os dias de hoje, a referência à Venezuela em uma tentativa de amedrontar a população, caso o PT volte ao poder. Na visão de Olavo de Carvalho e, consequentemente, da extrema direita, a Venezuela é um país comunista, onde as pessoas vivem na miséria e comem cachorro para suprir a falta de alimentação. Para eles, a mesma coisa aconteceria no Brasil, caso a esquerda voltasse a governar.

tradicionais, mas uma espécie de síntese animada de rapacidade, crueldade, estupidez, glotonaria, covardia e vulgaridade” (FERNANDES, 2007, p. 12). Entretanto, o grotesco em *Ubu Rei* não se dá apenas na figura do personagem principal, mas também em ações como os diálogos entre Pai e Mãe Ubu, as tramas para assassinar o rei, a exploração a que os súditos são submetidos, os assassinatos em massa, a guerra e, por fim, a fuga de Pai Ubu. Em suma, ao longo de todo o texto, Jarry inaugurou uma forma de utilização do humor no teatro. “O riso é usado para agredir e ofender os espectadores, em lugar de buscar sua cumplicidade na crítica a uma personagem aberrante” (ABIRACHED, 19--., p. 191 *apud* FERNANDES, 2007, p. 12).

A partir destas características, Foucault vai abrir o curso dado no *Collège de France* entre 1974 e 1975, chamado *Os Anormais*, com a definição do que considera ser o poder grotesco ou ubuesco. Para ele, o poder ubuesco é o “fato, para um discurso ou para um indivíduo, de deter por estatuto efeitos de poder de que sua qualidade intrínseca deveria privá-los” (2010a, p. 11). Isto significa dizer que o grotesco, segundo Foucault, é “a maximização dos efeitos do poder a partir da desqualificação de quem os produz” (Ibid.). O grotesco parte, então, da desqualificação do outro, como uma tentativa de mostrar que esse outro é infame, ridículo e, portanto, indigno, para exercer o poder sobre algo ou alguém.

Em nossa sociedade, de Nero (que talvez seja a primeira grande figura incitadora do soberano infame) até o homenzinho de mãos trêmulas que, no fundo do seu *bunker*, coroado por quarenta milhões de mortos, não pedia mais que duas coisas: que todo o resto fosse destruído acima dele e que lhe trouxesse, até ele arrebentar, doces de chocolate - vocês têm todo um enorme funcionamento do soberano infame. (Ibid. p. 13)

Em postagem feita em 17 de abril de 2016, dia em que a Câmara dos Deputados autorizou a abertura do processo de impeachment contra a ex-presidenta Dilma<sup>76</sup>, Carvalho buscou, mais uma vez, a desqualificação do outro como tática<sup>77</sup>.

**Figura 25:** 17/04/2016



**Fonte:** banco de dados do autor

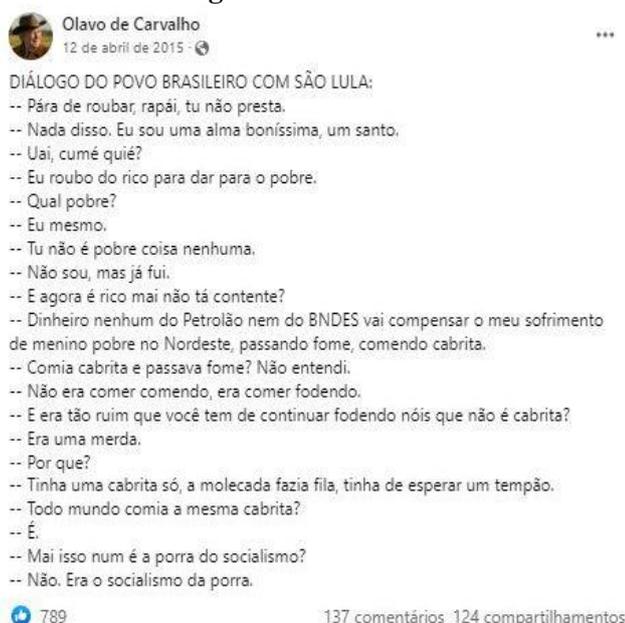
<sup>76</sup> Disponível em <https://www.camara.leg.br/noticias/485947-camara-autoriza-instauracao-de-processo-de-impeachment-de-dilma-com-367-votos-a-favor-e-137-contra/>. Acesso em dez. 2022.

<sup>77</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/275181425967272/posts/626073004211444>. Acesso em dez. 2022.

Em duas frases curtas, Carvalho é direto ao desqualificar Dilma Rousseff que, até aquele momento, ainda ocupava o cargo e só seria afastada 25 dias depois<sup>78</sup>. O escritor, então, cria uma imagem dela sem conseguir se levantar do vaso sanitário para dizer que a ex-presidenta ainda não tinha deixado o cargo.

Estratégia semelhante foi usada para desqualificar o então ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva<sup>79</sup>. Em postagem feita em 12 de abril de 2015, Olavo de Carvalho cria um diálogo fictício entre Lula e uma pessoa qualquer em que o ex-presidente afirma ter praticado zoofilia<sup>80</sup>.

**Figura 26:** 12/04/2015



**Fonte:** Banco de dados do autor

Carvalho faz menção à pobreza e à fome e cita casos de corrupção que eram investigados na época, mas é com a imputação de Lula como zoófilo que o escritor vai fazer a desqualificação do adversário. Lula se torna, então, uma representação de Pai Ubu, a figura degenerescente e indigna de ocupar a Presidência da República. “Parece-me que encontramos aí, da soberania infame à autoridade ridícula, todos os graus do que poderíamos chamar de indignidade do poder” (FOUCAULT, 2010a, p. 12).

Os exemplos apresentados nas figuras 24, 25 e 26 são uma tentativa de ridicularizar Lula e Dilma e limitar os efeitos de poder exercidos por ambos. Olavo de Carvalho busca

<sup>78</sup> Por 55 votos favoráveis e 22 contrários, o Senado abriu o processo de impeachment, que já tinha sido autorizado pelos deputados, e determinou o afastamento da ex-presidenta por 180 dias. Disponível em <https://g1.globo.com/politica/processo-de-impeachment-de-dilma/noticia/2016/05/processo-de-impeachment-e-aberto-e-dilma-e-afastada-por-ate-180-dias.html>. Acesso em dez. 2022.

<sup>79</sup> Lula assumiu, pela terceira vez, a Presidência da República, em 01 de janeiro de 2023. Na ocasião da postagem de Olavo de Carvalho, ele ainda era ex-presidente.

<sup>80</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/275181425967272/posts/477272969091449>. Acesso em dez. 2022.

mostrar aos seus seguidores que os dois ex-presidentes não são só figuras patéticas, incompetentes e desqualificadas, mas seus próprios governos são imorais.

Nas sociedades ocidentais, a mecânica ubuesca do poder, ou seja, a colocação no lugar estatutário do poder de alguém que aparentemente não possui os atributos para ocupar esse lugar, visa, pelo contrário, manifestar a incontornabilidade do poder. Não se trata, portanto, de enfraquecer o poder, mas de manifestar a sua inevitabilidade. Se, apesar de nulo e ridículo, Ubu está no poder, então o seu poder é inelutável. (LEME, 2008, p. 190)

Outra constatação do ubuesco no discurso de Olavo de Carvalho é observada em uma postagem feita em 25 de agosto de 2015. Naquele dia o escritor publicou uma caricatura do rosto da ex-presidenta em um corpo de alienígena<sup>81</sup>.

**Figura 27:** 25/08/2015



**Fonte:** banco de dados do autor

Em todos os exemplos acima é possível identificar formas possíveis da linguagem grotesca. Sodré e Paiva (2014) vão propor classificações que ajudam a identificar, com mais precisão, determinados aspectos dessa prática. Os autores dividem o grotesco em duas categorias, quanto aos gêneros e às espécies. A primeira pode ser analisada como representação ou atuação. O grotesco representado diz respeito a formas que o fenômeno é apresentado nos meios de comunicação, seja por suporte escrito, como na imprensa escrita e na literatura; ou por meios imagéticos, como na pintura, na fotografia, no cinema, na televisão, etc. Já a categoria de grotesco atuado por ser encontrada de maneira espontânea, em episódios e incidentes do cotidiano; encenada, como em peças teatrais e no cinema; ou em festas e manifestações, a exemplo do carnaval.

Nas duas categorias propostas por Sodré e Paiva encontram-se manifestações grotescas de diferentes espécies. A primeira é a escatológica, que se refere a “situações escatológicas ou coprologicamente caracterizadas, por referência a dejetos humanos, secreções, partes baixas do

<sup>81</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/275181425967272/posts/535351093283636>. Acesso em dez. 2022.

corpo, etc.” (2014, p. 64). O grotesco pode se manifestar também como teratologia, ao fazer referências a monstruosidades, deformações físicas e aberrações. A terceira categoria, chamada de chocante, vai utilizar as duas espécies anteriores para provocar discursos sensacionalistas, por exemplo, com o objetivo de chocar a população. Por fim, o grotesco pode aparecer de modo crítico, em que imagens e textos serão usados para criticar determinada pessoa ou situação.

Nas postagens de Olavo de Carvalho, o grotesco é sempre representado e assume características das quatro espécies. As figuras de 22 a 26, por exemplo, podem ser entendidas como manifestações escatológicas e críticas, ao fazerem menção a partes corporais, como ânus e pênis, e à zoofilia. Já a figura 27 apresenta, além da crítica, características do grotesco teratológico ao retratar a ex-presidenta Dilma como um ser híbrido de humano com alienígena. Todos os *posts* poderão ser classificados, ainda, na categoria de grotesco chocante.

Importante destacar o papel que o humor tem nos discursos produzidos por Olavo de Carvalho. Eco, vai chamar de revolta compensatória quando a “comicidade e obscenidade casam-se [...] quando nos divertimos à custa de alguém que desprezamos [...] ou num ato liberador voltado contra algo ou alguém que nos oprime” (2022, p. 135). Dessa maneira, Carvalho transforma seus adversários em *Ubus*, personagens patéticos, que vivem situações obscenas e vexatórias, que os levam a situações ridículas. “Pode-se exibir comportamentos obscenos por raiva ou por provocação, mas com muita frequência a linguagem ou o comportamento obsceno simplesmente *fazem rir* – basta pensar na satisfação com que as crianças apreciam dizer ou ouvir piadas sobre excrementos” (Ibid. p. 131, grifo do autor). Por meio do riso faz-se a crítica. O humor em Olavo de Carvalho tem a função de ridicularização. Àquele que não comunga de suas ideias e visões de mundo, portanto, vai ser alvo de desqualificação por meio do grotesco.

Foucault (2010a), durante a primeira aula do curso *Os Anormais*, pouco antes de introduzir o conceito de poder ubuesco, lê dois relatórios de exames psiquiátricos referentes a casos julgados pelo judiciário francês na época. Os laudos chamam a atenção por apresentarem características psicológicas dos réus como justificativa para que tenham cometido os crimes a eles imputados. A todo momento, nos dois relatórios lidos por Foucault, os acusados são tratados como preguiçosos, perversos, imorais, medíocres, com baixas capacidades intelectuais, etc. Em determinados pontos da aula, a plateia, que acompanhava o curso no *Collège de France* naquele dia, ri das descrições feitas pelos peritos<sup>82</sup>, mas Foucault chama a atenção para o fato

---

<sup>82</sup> Nas notas explicativas que constam na edição de *Os Anormais* utilizada nesta pesquisa (ver Referências Bibliográficas), há a explicação de que a plateia dava risadas em determinados pontos da leitura feita por Michel Foucault dos laudos psiquiátricos. A aula mencionada foi ministrada em 08 de janeiro de 1975.

de que laudos médicos, como aqueles que eram motivos de risos, foram usados para condenar pessoas, com o poder de determinar o encarceramento e, até mesmo, a execução. Ele vai dizer, então, que os enunciados médico-legais possuíam efeitos de verdade por servirem de embasamento para o julgador, eram discursos que faziam rir, mas que também podiam matar. “Os discursos de verdade que fazem rir e que têm o poder institucional de matar são, no fim das contas, numa sociedade como a nossa, discursos que merecem um pouco de atenção” (FOUCAULT, 2010a, p. 7).

Neste mesmo sentido, Leme (2008) também alerta sobre os perigos dos discursos que fazem rir, por gerarem efeitos que podem ser deturpados por quem recebe o enunciado engraçado.

Quando nos deparamos com uma história que é narrada de um modo aparentemente inofensivo, como se se tratasse de uma anedota, de um relaxe merecido que interrompe a seriedade do momento, é bom ficarmos atentos, pois talvez seja aí que as coisas decisivas estejam em jogo. (Ibid. p. 181)

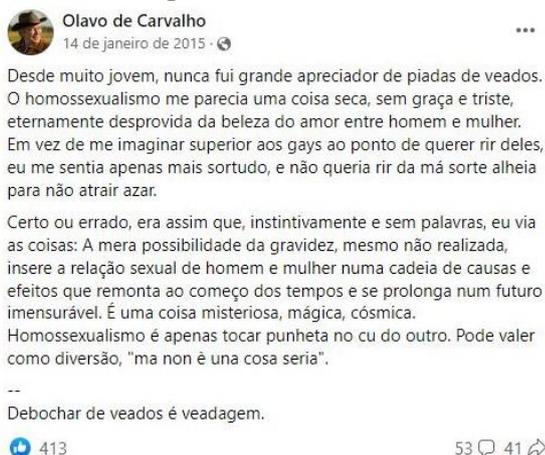
Em todos os exemplos apresentados anteriormente é possível observar que Olavo de Carvalho não acusa seus adversários de cometerem nenhum tipo de crime, de violarem as leis judiciais, mas sim de serem desqualificados, indignos e infames. Da mesma forma que os laudos psiquiátricos lidos por Foucault, a regra moral, nas postagens do escritor brasileiro, passa a ter mais destaque do que qualquer suposta infração penal. O discurso grotesco, ou ubuesco, reforça a antiga associação de que o feio é algo ruim, que o repugnante é uma violação da natureza e, por isso, precisa ser punido. Este pensamento será usado para diferenciar, segundo códigos morais definidos por Carvalho, quem é considerado normal e quem é anormal.

## **2.2 O normal e o anormal para Olavo de Carvalho**

Em 14 de janeiro de 2015<sup>83</sup>, Olavo de Carvalho fez uma longa postagem em que compara a relação sexual entre pessoas do mesmo sexo com a relação heteronormativa, em que considera a primeira inferior a segunda.

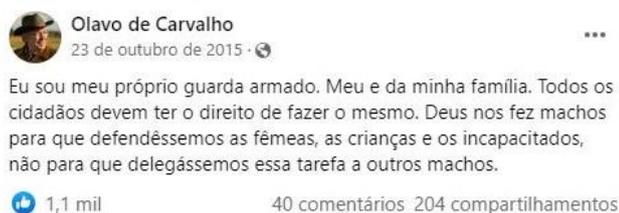
---

<sup>83</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/275181425967272/posts/433894120096001>. Acesso em dez. 2022.

**Figura 28:** 14/01/2015

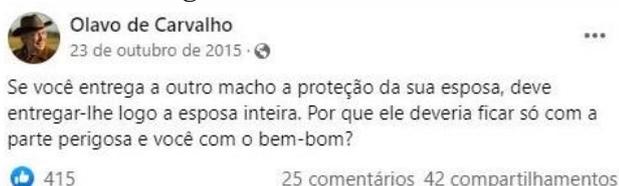
**Fonte:** banco de dados do autor

Em outras duas postagens feitas em 23 de outubro de 2015, Olavo de Carvalho diz qual papel que o homem deve exercer perante a proteção da família. Na primeira, o escritor busca uma associação entre a masculinidade e a posse de armas como dever moral da sociedade<sup>84</sup>.

**Figura 29:** 23/10/2015 -1

**Fonte:** banco de dados do autor

Na segunda postagem, feita logo em seguida, Carvalho segue a mesma ideia, mas dá a entender, também, que o homem que não proteger a esposa não tem condições morais de continuar casado<sup>85</sup>.

**Figura 30:** 23/10/2015 - 2

**Fonte:** banco de dados do autor

Os três textos, escritos em 2015, dão indicações de algumas das condutas morais defendidas por Olavo de Carvalho. Na figura 28 o escritor deixa claro que a homossexualidade<sup>86</sup>

<sup>84</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/275181425967272/posts/556990441119701>. Acesso em dez. 2022.

<sup>85</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/275181425967272/posts/556990491119696>. Acesso em dez. 2022.

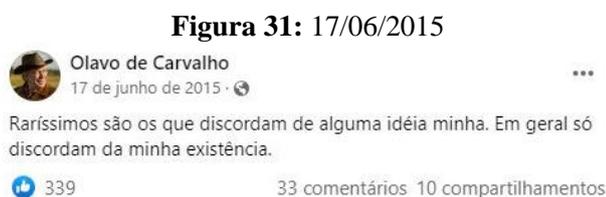
<sup>86</sup> Olavo de Carvalho utiliza a palavra homossexualismo ao invés de homossexualidade, evidenciando o seu preconceito. Desde 1990 a Organização Mundial de Saúde retirou a homossexualidade da lista de doenças, o que fez com que a o sufixo "ismo" não fosse mais aceito, já que é homossexualismo denotaria uma doença. Disponível

é para ele um desvio, quase uma doença como a depressão, e coloca a relação sexual entre pessoas do mesmo sexo como algo feio, sem qualquer sentimento e inferior ao sexo heteronormativo. Já nas figuras 29 e 30, ele constrói a imagem do macho que tem o dever de proteger a fêmea e a prole, dever que é divino, já que esta seria a vontade de Deus. Portanto, para Olavo de Carvalho, o normal é o homem, heterossexual, forte, responsável pela defesa de pessoas mais fracas, como mulheres e crianças, mas, sobretudo, armado e cristão. Na visão dele, quem não se enquadra neste padrão, como os homossexuais, é considerado um ser inferior e desprovido de características elementares que seriam inerentes à humanidade.

Os princípios morais defendidos por Olavo de Carvalho colocam em evidência qual seria seu papel enquanto líder intelectual, personagem que se auto-atribui, responsável por enxergar a verdade por trás das coisas. Ao enunciar esses códigos morais, que são próprios, ele busca conduzir a conduta de seus seguidores pelos caminhos que considera ser de normalidade. Ao se autointitular filósofo, o guru da extrema-direita quer assumir uma posição que o credencia como dono de um saber, de detentor de vontades de verdades capacitado a classificar a sociedade entre pessoas, aquelas que seguem comportamentos conformes, e pessoas anormais, que não se enquadram no que se espera deles.

Evidencia-se, nestes casos, o papel dos procedimentos de exclusão do discurso em que lhe é conferido direito privilegiado de fala (FOUCAULT, 2014a). Assim como os psiquiatras que elaboraram os relatórios médico-legais lidos por Foucault são possuidores de um saber médico que irá fundamentar a decisão da justiça, Olavo de Carvalho busca se investir de uma autoridade capaz de apontar quem é o sujeito perverso da sociedade.

A todo momento ele tenta reafirmar essa posição com postagens como a de 17 de junho de 2015<sup>87</sup>.



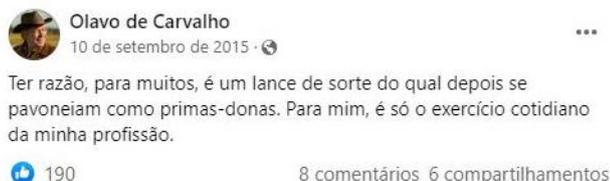
**Fonte:** banco de dados do autor

Em 10 de setembro de 2015<sup>88</sup>, o escritor faz outra publicação com a tentativa de reforçar a suposta autoridade autoconferida a ele.

em <https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/cultura/por-que-o-correto-e-homossexualidade-e-como-surgiu-o-termo-homossexualismo>. Acesso em jan. 2023.

<sup>87</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/275181425967272/posts/506336192851793>. Acesso em dez. 2022.

<sup>88</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/275181425967272/posts/542260319259380>. Acesso em dez. 2022.

**Figura 32:** 10/09/2015

**Fonte:** banco de dados do autor

As constantes autoafirmações de Olavo de Carvalho servem, portanto, como estratégia para legitimar como verdadeiro o que ele considera como normal. De acordo com Foucault (1999, 2010a, 2014b), a normalização da vida ganha destaque com o surgimento do biopoder, a partir do século XVIII, primeiro com a disciplina e, posteriormente, com a biopolítica. As disciplinas irão enfraquecer o poder soberano, que era apoiado em leis rígidas, para emergir uma mecânica de poder centrada no corpo, em extrair o máximo do tempo e do trabalho, a partir de mecanismos de vigilância em um conjunto de coerções. Assim, o funcionamento das disciplinas não se baseia apenas em leis, mas também em normas.

As disciplinas vão trazer um discurso que será o da regra; não o da regra jurídica derivada da soberania, mas o da regra natural, isto é, da norma. Elas definirão um código que será aquele, não da lei, mas da normalização, e elas se referirão necessariamente a um horizonte teórico que não será o edifício do direito, mas o campo das ciências humanas. E sua jurisprudência, para essas disciplinas, será a de um saber clínico. (FOUCAULT, 1999, p. 42)

O anormal será aquele que não viola, necessariamente, a lei contida em um código jurídico, mas que irá transgredir a lei da natureza ou, no caso de Olavo de Carvalho, a lei divina também. O anormal será, então, o sujeito que não vive de acordo com as normas defendidas pelo escritor.

Canguilhem sugere que a normatividade é um conceito subjetivo, não natural, que surge a partir de “qualquer julgamento que aprecie ou qualifique um fato em relação a uma norma, mas essa forma de julgamento está subordinada, no fundo, àquele que institui as normas” (2009, p. 48). Assim, entende-se que o poder de normalização só é possível de ser exercido a partir da constituição de saberes. Carvalho, ao se autointitular filósofo, quer sujeitar seus seguidores ao seu ideal de normatividade.

Parece-me enfim que o século XVIII instituiu, com as disciplinas e a normalização, um tipo de poder que não é ligado ao desconhecimento, mas que ao contrário, só pode funcionar graças a formação de um saber, que é para ele tanto um efeito quanto uma condição de exercício (FOUCAULT, 2010a, p. 45)

Foucault (Ibid.) mostra que o anormal aparece na passagem dos séculos XVII para o XVIII, formado por três elementos: o monstro humano, o sujeito incorrigível e a criança

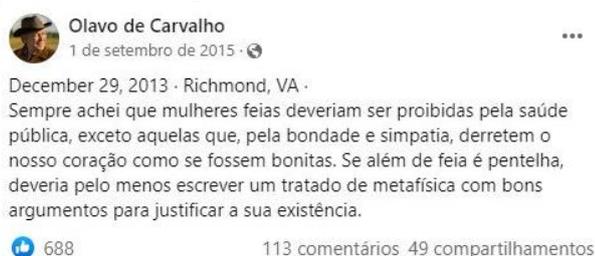
masturbadora. No entanto, com o passar do tempo, essas três figuras irão se mesclar gradativamente, dando origem ao sujeito anormal da sociedade moderna.

O primeiro elemento a surgir, no século XVII, será o monstro. A figura monstruosa aparece nos relatórios médico-legais em casos de indivíduos com alguma má formação do corpo, principalmente que tenham deformidades relacionadas com a sexualidade. Foucault vai usar casos de hermafroditas que foram julgados nos séculos XVII e XVIII para ilustrar como o saber médico orientou toda uma discussão legal a respeito da sexualidade de pessoas que nasceram com aquela condição, de como deveriam se portar na sociedade, com quem se relacionar e como se vestir. A monstruosidade do hermafrodita vai se dar, portanto, a partir de uma infração da natureza, de uma deformidade que fará com que a lei seja cobrada a se manifestar.

De fato, o monstro contradiz a lei. Ele é a infração, e a infração levada a seu ponto máximo. E, no entanto, mesmo sendo a infração (infração de certo modo no estado bruto), ele não deflagra, da parte da lei, uma resposta que seria uma resposta legal. Podemos dizer que o que faz a força e a capacidade de inquietação do monstro é que, ao mesmo tempo que viola a lei, ele a deixa sem voz. (Ibid., p. 48)

Ao longo do período analisado nesta pesquisa, é possível identificar no discurso de Olavo de Carvalho a criação de uma série de monstros humanos. Mulheres, negros, islâmicos, evangélicos, políticos adversários, gays, lésbicas, feministas, transexuais, em suma, todas as pessoas que, de alguma maneira, não façam parte do ideal próprio de normatividade, que representem uma degenerescência da espécie, são transformadas em figuras monstruosas. Um exemplo pode ser encontrado em uma postagem feita em 01 de setembro de 2015, em que Carvalho fala sobre mulheres consideradas feias por ele<sup>89</sup>.

**Figura 33:** 01/09/2015



**Fonte:** banco de dados do autor

A mensagem, eminentemente de cunho misógino, deve ser analisada sob alguns aspectos. Primeiro, é preciso se perguntar, o que é beleza para Olavo de Carvalho? O que ele

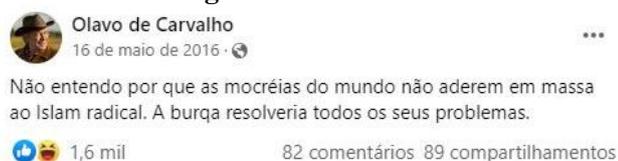
<sup>89</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/275181425967272/posts/538285652990180>. Acesso em dez. 2022.

define como bondade e simpatia? E ainda, o que define uma mulher chata, ou pentelha, como na postagem? Considerando a beleza como uma noção fabricada e alterada ao longo da história, de acordo com a moral e a cultura de cada época (VIGARELLO, 2006), a mulher bela para Carvalho é uma definição pessoal, moldada pelo que ele reconhece como padrão de normalidade aceito. Eco mostra que a misoginia sempre teve papel de destaque na sociedade, tanto em relação à beleza quanto à moral feminina. Sobretudo no período Renascentista, a feiura da mulher adquiriu características de sátiras burlescas. “Entre a Idade Média e o período barroco, o tema da *vituperatio* em relação à mulher feia, cuja feiura manifestaria sua malícia interior e seu nefasto poder de sedução, obteve grande sucesso” (2022, p. 159).

Além disso, o texto de Olavo de Carvalho exemplifica o conceito de monstro humano, como defendido por Foucault (2010a), ao explorar a ideia de que a feiura é uma doença que deveria ser controlada por órgãos de saúde e pela lei. No entanto, o escritor brasileiro vai além e, em um discurso que pode ser olhado pela ótica da eugenia, sugere que as mulheres consideradas feias por ele deveriam ser proibidas de sair às ruas. Neste exemplo, o monstro, personificado na figura da mulher feia, é uma violação das leis naturais, que deveria ser condenado pela justiça dos homens e, em último caso, extinto da face da terra.

Em 16 de maio de 2016, em outra postagem misógina, Carvalho sugere o confinamento como um mecanismo para o controle de mulheres consideradas feias<sup>90</sup>.

**Figura 34:** 16/05/2016



**Fonte:** banco de dados do autor

Assim como na figura 33, a feiura abre uma possibilidade de se exercer o poder sobre o corpo e puni-lo por ter se desviado, naturalmente, dos padrões estéticos considerados normais, segundo entendimento de Carvalho. A exposição da monstruosidade seria ainda uma falta de caráter, que deve ser escondida, segregada, mas, ao mesmo tempo vigiada, para que não fira os olhos da sociedade. O corpo da mulher não é mais algo natural, pertencente somente a ela, mas é um campo onde se exerce o poder político, de controle e de subjetivação.

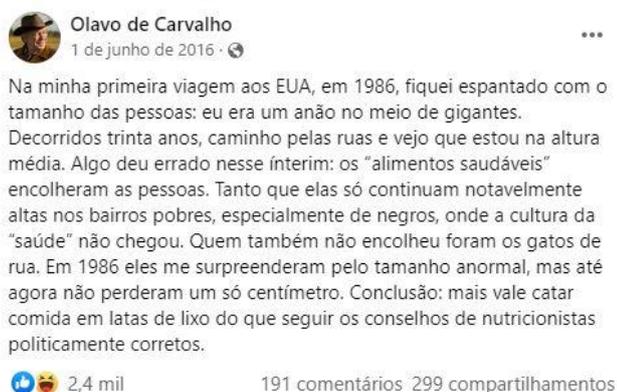
Em nossas sociedades, os sistemas punitivos devem ser recolocados em uma certa “economia política” do corpo: ainda que não recorram a castigos violentos ou sangrentos, mesmo quando utilizam métodos “suaves” de trancar ou corrigir, é sempre do corpo que se trata – do corpo e de suas forças, da

<sup>90</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/275181425967272/posts/639070692911675>. Acesso em dez. 2022.

utilidade e da docilidade delas, de sua repartição e de sua submissão. (FOUCAULT, 2014, p.29)

O racismo também será usado como elemento para desvendar uma das facetas do sujeito monstruoso para Olavo de Carvalho. Em 01 de junho de 2016, ele relatou a impressão que teve sobre a altura da população dos Estados Unidos, quando foi pela primeira vez para aquele país<sup>91</sup>.

**Figura 35:** 01/06/2016



**Fonte:** banco de dados do autor

Courtine (2013) mostra que a exploração das figuras do anão e do gigante estão presentes na história do corpo, principalmente a partir do século XVIII, como atrações teratológicas que eram apresentadas em feiras, circos e teatros. Anões e gigantes eram exibidos como figuras grotescas, monstruosas com o objetivo de “distrair, obviamente, mas afastando a inquietação, a impotência, a fraqueza, a diminuição de si, que trazem nelas a percepção do nanismo” (COURTINE, 2013, p. 111). Ou seja, exhibe-se o monstro para mostrar o quanto ele é diferente das pessoas consideradas normais.

O exemplo apresentado na figura 35 pode ser analisado sob perspectiva semelhante. Embora Olavo de Carvalho se inclua na figura do anão, a maior parte da população dos Estados Unidos se adaptou ao seu tamanho com o tempo, logo, ele se tornou uma pessoa normal naquele país. No entanto, moradores de regiões pobres, sobretudo os negros, continuaram a fazer parte da categoria de seres monstruosos ao não se adequarem à altura média da população. Carvalho vai atribuir a diferença, entre os negros e o restante da população, com base em problemas de alimentação, sugerindo ao leitor que, assim como gatos de rua, o negro pega comida do lixo. Para o escritor brasileiro, ele e os que se adequaram a sua altura são pessoas normais, bem alimentadas, já o gigante monstruoso é o negro pobre e que, por ser negro e pobre, não tem hábitos saudáveis, se alimenta mal e come direto da lata de lixo como um animal.

<sup>91</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/275181425967272/posts/646211228864288>. Acesso em dez. 2022.

O racismo é reforçado pelos mecanismos de normalização, uma vez que é usado para justificar a classificação dos seres humanos entre as raças boas e as ruins. O racismo, portanto, ganha um destaque com o surgimento das tecnologias de biopoder por ser um mecanismo que coloca o corpo do negro como alvo para o exercício do poder, a partir de dispositivos disciplinares e de normalização. Será preciso vigiar, classificar, organizar em espaços definidos, separar e criar instrumentos que garantam a segurança do restante da população contra a raça diferente. “Tudo isso vai ser uma maneira de fragmentar esse campo do biológico de que o poder se incumbiu; uma maneira de defasar, no interior da população, uns grupos em relação aos outros” (FOUCAULT, 1999, p. 304).

O normal, para Olavo de Carvalho, é então o homem branco, que tem condições de se alimentar de forma saudável e que, por isso, possui uma estatura compatível com a maior parte da população. O anormal serão os negros que comem lixo e, portanto, são gigantes, monstros grotescos, que não têm uma “cultura de saúde”, como ele mesmo escreve.

O racismo também é a condição para que a morte do outro seja aceita em uma sociedade de normalização (Ibid.). A separação entre o normal e o anormal possibilita que o medo seja acionado e, com isso, uma pessoa pode se sentir impotente perante o diferente, considerando-o, assim, uma ameaça (KEHL, 2007). Este sentido pode ser analisado por uma postagem feita em 16 de julho de 2016. Nesse dia, Carvalho compartilhou um *post* feito pelo então candidato à presidência dos Estados Unidos, Donald Trump, com estatísticas sobre assassinatos entre brancos e negros.

**Figura 36:** 16/07/2016



**Fonte:** banco de dados do autor

O quadro estatístico compartilhado não é preciso em relação aos dados de assassinatos, ao não especificar as condições em que o levantamento dos dados foi realizado. No entanto, os números apresentados servem para reforçar o sentimento de diferença entre as raças ao induzir o leitor a pensar que 81% das pessoas brancas são assassinadas por pessoas negras e que 97% dos negros são assassinados por outros negros. Ou seja, o quadro busca passar a impressão de que a população afrodescendente dos Estados Unidos é mais violenta que a formada por brancos.

O corpo será, portanto, o elemento principal para o desenvolvimento das tecnologias do biopoder, primeiro com as técnicas disciplinares e depois com os mecanismos de regulação das populações.

É o corpo da sociedade que se torna, no decorrer do século XIX, o novo princípio. É esse corpo que será preciso proteger, de um modo quase médico: em lugar dos rituais através dos quais se restaurava a integridade do corpo do monarca, serão aplicadas receitas, terapêuticas, como a eliminação dos doentes, o controle dos contagiosos, a exclusão dos delinquentes. A eliminação do suplício é, assim, substituída por métodos de assepsia: a criminologia, a eugenia, a exclusão dos ‘degenerados’ (FOUCAULT, 2018d, p. 234)

Neste contexto, a vontade de saber sobre as práticas sexuais da população será a base para o desenvolvimento da sociedade de normalização. Surgem, assim, os dispositivos de sexualidade e a criança masturbadora entra nos domínios da norma. Com Olavo de Carvalho não é diferente, as relações sexuais, os gêneros e a educação sexual são exploradas em discursos para com a finalidade de sujeitar os indivíduos.

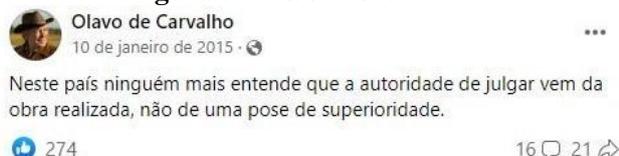
### **2.3 A normalização da sexualidade**

Segundo Foucault (1995), o objeto de toda sua obra foi compreender os modos pelos quais os seres humanos se tornaram sujeitos. O poder, para ele, não é algo que existe naturalmente, como inerente a alguma coisa ou propriedade de alguém, mas é uma mecânica que se estende por todo o corpo social e que, ao se estudar a produção e a significação do sujeito, é preciso entender as formas pelas quais o poder é exercido. “O poder não é uma instituição nem uma estrutura, não é uma certa potência de que alguns sejam dotados: é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada” (FOUCAULT, 2020, p. 101). A emergência de saberes específicos, ao longo dos séculos, criou condições de possibilidade para o surgimento de vontades de verdade e de dispositivos, que tiveram e têm a finalidade de objetivar e subjetivar o sujeito.

Neste contexto, Olavo de Carvalho vai se posicionar como um juiz que define sujeito normal e condena o indivíduo desviante. “É passível de pena o campo indefinido do não conforme” (FOUCAULT, 2014b, p. 176), ou seja, quem não está dentro do sistema de crenças, das regras definidas por ele, será exposto, humilhado e se torna alvo de algum tipo de punição. No dia 10 de janeiro de 2015, o escritor postou um comentário em que defendia o direito próprio

de julgar os outros como consequência de sua produção intelectual ao longo das últimas décadas<sup>92</sup>.

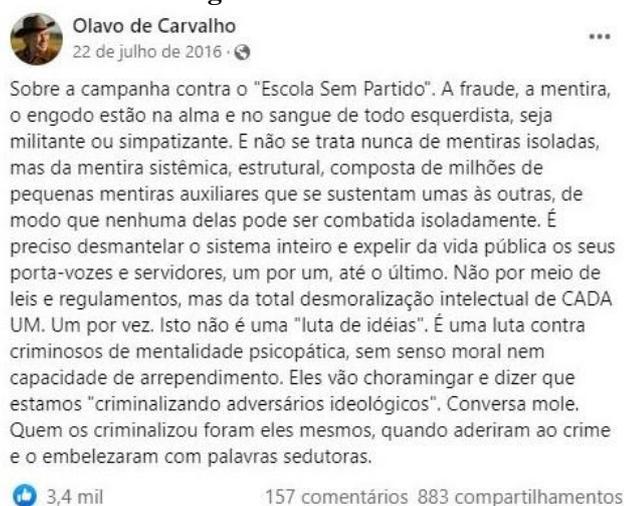
**Figura 37:** 10/01/2015



**Fonte:** banco de dados do autor

Ao assumir a posição de juiz, Carvalho vai definir também os tipos de punições que considera condizentes com os critérios de anormalidade definidos por ele. Em 22 de julho de 2016, por exemplo, defendeu a expulsão da vida pública, desmoralização e a criminalização de críticos do movimento Escola Sem Partido (ESP)<sup>93</sup>, que serão classificados como esquerdista pelo escritor<sup>94</sup>.

**Figura 38:** 22/07/2016



**Fonte:** banco de dados do autor

Para Olavo de Carvalho apenas o fato de alguém se posicionar contra o ESP já o torna criminoso. No entanto, ele não vai propor a recuperação do infrator, mas sim a sua destruição completa, sendo feita, inclusive, fora de parâmetros legais. Isto significa que Carvalho quer

<sup>92</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/275181425967272/posts/432053916946688>. Acesso em dez. 2022.

<sup>93</sup> O movimento Escola Sem Partido foi criado em 2004 pelo advogado Miguel Nagib com a justificativa de combater a doutrinação ideológica em escolas. Na opinião de Nagib e de seus seguidores, as escolas e os professores seriam dominados por partidos de esquerda, responsáveis pela defesa de ideologias comunistas. O ESP defendia, entre outras coisas, que os alunos gravassem as aulas, por meio de câmeras de telefones celulares, e denunciasses professores que, na opinião dos defensores do movimento, estariam doutrinando em sala. Em agosto de 2020 Nagib anunciou o fim do movimento por falta de apoio do governo do ex-presidente Jair Bolsonaro. Disponível em <http://escolasempartido.org/>. Acesso em fev. 2023.

<sup>94</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/275181425967272/posts/669260743226003>. Acesso em fev. 2023.

condenar não o crime como uma infração às leis da sociedade, mas como uma violação de leis naturais, o crime moral.

Este exemplo demonstra que a sociedade de normalização se constrói a partir de uma relação que vai além do cumprimento de uma legislação, mas se articula em torno de normas. Assim, ao se colocar como juiz, não das leis, mas da moral, Olavo de Carvalho tanta assumir o papel da pessoa responsável por apontar quem está apto a ser considerado normal para a sociedade.

Isso implica um sistema de vigilância, de controle, completamente diferente: uma visibilidade incessante, uma classificação permanente dos indivíduos, uma hierarquização, uma qualificação, o estabelecimento de limites e de diagnósticos. A norma se torna o critério de divisão dos indivíduos. (FOUCAULT, 2011, p. 395)

Não é coincidência que Carvalho defenda o ESP. As reivindicações apresentadas pelo movimento, como o monitoramento de professores contra uma ilusória doutrinação comunista, por exemplo, estão em consonância com o sistema de crenças do guru da extrema-direita. Embora fale em uma suposta liberdade no ensino, a proposta do ESP, assim como Olavo de Carvalho, quer a censura, a perseguição e a punição a professores que façam parte da parcela da população considerada por eles como anormal. Em nome de uma educação natural nas escolas, será preciso punir quem se desvia do caminho.

Do controle e da vigilância nas escolas surge uma série de novas técnicas de exercício do poder que vão incidir sobre o sexo da criança e dos pais.

A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede de superfícies em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder (FOUCAULT, 2020, p. 115)

O sexo, portanto, deve ser entendido como um dispositivo, não como práticas sexuais físicas, mas sim enquanto um conjunto de elementos heterogêneos de saberes que estabelece um padrão de normalização da sexualidade. “O discurso de sexualidade não se aplicou inicialmente ao sexo, mas ao corpo, aos órgãos sexuais, aos prazeres, às relações de aliança, às relações interindividuais, etc...” (FOUCAULT, 2018f, p. 384). A sexualidade aparece como articulação entre a disciplina e a biopolítica. Já que o biopoder atua no controle, na vigilância e na regulação do corpo humano, a sexualidade é o elemento que perpassa todo um conjunto de saberes. Assim, a análise dos discursos de Olavo de Carvalho se dá pelos dispositivos de

sexualidade, considerando que o sexo é um dos principais elementos dos discursos promovidos pelo guru da extrema-direita.

A partir do século XVII, há uma explosão dos discursos sobre a sexualidade. A repressão, característica da soberania, pautada pelos mecanismos legalistas, será suplantada por uma discursividade que busca a verdade do sexo. É preciso conhecer o sujeito na sua intimidade, seus gostos e prazeres, em busca de obter efeitos de poder sobre ele (FOUCAULT, 2020). São criados, assim, mecanismos para estimular que se fale sobre o sexo, cada vez mais e com maiores detalhes.

Certamente essa ampla e dispersa proliferação de discursos em torno do sexo foi possível a partir de uma estrita e minuciosa série de limitações acerca de como falar, com quem e em quais circunstâncias; contudo, todas essas restrições funcionaram, ao mesmo tempo, como mecanismos de incitação e produção discursiva. (CASTRO, 2021, p.100)

Os sintomas, por sua vez, estão escondidos e são de difícil acesso, por isso será preciso desenvolver técnicas de interpretação para que se decifre os perigos inerentes às atividades sexuais. Com isso, qualquer desvio da sexualidade se torna passível de ser posta em uma terapêutica, de ser medicalizada, tratada e, possivelmente, curada. “O domínio do sexo não será mais colocado, exclusivamente, sob o regime da culpa e do pecado, do excesso ou da transgressão, e sim no regime [...] do normal e do patológico” (FOUCAULT, 2020, p. 75-76).

O primeiro elemento de domínio do dispositivo de sexualidade a aparecer será o que Foucault (2010a, 2018d, 2020) vai chamar de criança masturbadora. A partir do século XVIII surge a necessidade de controlar a sexualidade de crianças e adolescentes, sob o argumento de que a masturbação poderia trazer deformidades, tanto corporais, quanto morais. A relação das crianças com a família, com os psicólogos, com educadores deverá ser normalizada, será preciso exercer um poder sobre a intimidade da infância.

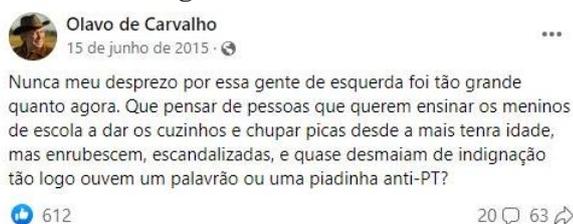
Esta noção é encontrada, nos dias de hoje, em torno da discussão da chamada ideologia de gênero. O conceito é empregado pelo pensamento da extrema-direita como argumento para a tese de que políticas progressistas de educação sexual em escolas seriam usadas para ensinar as crianças a praticarem sexo, transformando-as em homossexuais. Olavo de Carvalho já defendia este pensamento mesmo antes das plataformas de redes sociais. Em um capítulo intitulado *Mentira Gay*, integrante do livro *O Imbecil Coletivo*, publicado em 1996, ele dizia que “os homossexuais vão mais longe em suas exigências: pretendem que suas doutrinas e preferências devam ser ensinadas às crianças, para que estas possam ‘fazer livremente sua opção’.” (1999, cap 28). Insinua também que a chamada ideologia de gênero “incitará praticamente todas as crianças à experiência homossexual” (Ibid.) e ainda supõe que esta prática

induz a pedofilia. “A longo prazo, entregará as crianças à mercê dos homossexuais adultos e suscitará a eclosão de movimentos pela liberação das relações eróticas entre adultos e crianças” (Ibid.).

A masturbação infantil foi, no século XVIII, apontada como a causa para a degenerescência da espécie. Toda uma série de doenças e distúrbios será apontada como consequência do ato da criança se tocar e a prática será creditada a uma influência dos adultos. A criança será seduzida no exterior de sua família por algum adulto próximo (FOUCAULT, 2010a).

O caráter político dos discursos de Olavo de Carvalho para o exercício do poder sobre a sexualidade das crianças fica mais evidente considerando as postagens feitas por ele no Facebook. Dilma Rousseff sofreu impeachment em 2016, mas no ano anterior já se formavam os movimentos que pediram a cassação dela. Carvalho, como um dos principais influenciadores pelo surgimento do antipetismo, aproveitou a oportunidade para relacionar a ideologia de gênero a políticas do Governo Federal na época. Em 15 de junho de 2015, o escritor postou um comentário com linguagem explícita, evidenciada pelo discurso grotesco<sup>95</sup>.

**Figura 39:** 15/06/2015



**Fonte:** banco de dados do autor

Dias antes, em 08 de junho, Carvalho fez uma longa postagem compartilhando um *e-mail* que teria recebido de uma pessoa chamada Alberto R. S. Monteiro, que alertava para uma suposta tentativa do Governo Federal em determinar a implantação da ideologia de gênero nas escolas. A mensagem ora compartilhava links de padres e outras pessoas, em vídeos e artigos<sup>96</sup>, ora tentava explicar o significado do termo, pedindo às pessoas para que a mensagem fosse compartilhada<sup>97</sup>.

<sup>95</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/275181425967272/posts/505323522953060>. Acesso em nov. 2022.

<sup>96</sup> Boa parte dos links com vídeos e artigos indicados no suposto e-mail compartilhado por Olavo de Carvalho já estavam fora do ar quando esta pesquisa foi feita.

<sup>97</sup> Devido ao tamanho da postagem, optamos por colocar o print só de parte dela. O conteúdo completo do *post* feito por Olavo de Carvalho pode ser acessado no link a seguir. Disponível em <https://www.facebook.com/275181425967272/posts/501795669972512>. Acesso em jan. 2023.

#### Figura 40: 08/06/2015

- > A IDEOLOGIA DE GÊNERO, CONTRARIAMENTE
- > AO QUE DIZEM SEUS ATIVISTAS, NÃO TEM
- > POR FINALIDADE COMBATER A
- > DISCRIMINAÇÃO CONTRA MINORIAS.
- >
- > Ela tem origem no movimento marxista e tem por finalidade aboli
- > instituição familiar da estrutura social. É doutrina de Marx a
- > noção de que a primeira de todas as opressões é constituída pela
- > própria família, e que, sem a abolição da família, não poderá
- > ser levada adiante a revolução comunista.
- >
- > Esta doutrina foi claramente exposta no último livro escrito por
- > Marx, intitulado "A ORIGEM DA FAMÍLIA, DA
- > PROPRIEDADE E DO ESTADO", finalizado postumamente
- > por Engels.
- >
- > Após a revolução russa de 1917, Lenin tentou, sem sucesso,
- > abolir a família da sociedade soviética, através de medidas
- > legislativas. Mas, pouco antes da Segunda Guerra Mundial, o
- > movimento marxista já havia entendido que a família não poderia
- ser
- > abolida por decreto. Seria necessário, em vez disso, uma
- > revolução sexual. A estratégia correta surgiu nos anos 90,

**Fonte:** banco de dados do autor

Os dois exemplos mostram a preocupação de reforçar um discurso estratégico, por meio do revisionismo, de que é preciso garantir a segurança das crianças diante de uma ameaça, que teria sido engendrada por movimentos marxistas. O risco, de acordo com o pensamento vigente entre os opositores da ideologia de gênero, viria de dois lados, do comunismo e dos gays, ambos supostamente infiltrados dentro das escolas.

Pouco mais de um ano depois, durante o início das campanhas para as eleições municipais de 2016, o tema continuava a ganhar espaço nas plataformas de redes sociais. No entanto, além do risco de expor crianças a práticas sexuais, Olavo de Carvalho denunciava também que professores estariam estimulando o uso de drogas. No dia 18 de julho de 2016, Carvalho compartilhou uma postagem do então candidato a vereador em Londrina, no Paraná, Filipe Barros<sup>98</sup>, em que denunciava que as escolas públicas teriam recebido cartilhas com conteúdos impróprios<sup>99</sup>.

<sup>98</sup> Atualmente Filipe Barros é deputado federal pelo Partido Liberal (PL), mesmo partido do ex-presidente Jair Bolsonaro, tendo sido um dos defensores da tese da ideologia de gênero no Congresso Nacional. Barros também já foi alvo de investigações da Polícia Federal por divulgação de *fake news*. Disponível em <https://paranaportal.uol.com.br/politica/deputado-estadual-filipe-barros-fake-news>. Acesso em jan. 2023.

<sup>99</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/275181425967272/posts/667610610057683>. Acesso em jan. 2023.

**Figura 41:** 18/07/2016

**Fonte:** banco de dados do autor

Na postagem, Olavo de Carvalho é enfático ao afirmar que as escolas estariam ensinando as crianças a praticarem sexo em grupo e a fumarem maconha. A publicação, que foi feita no início das campanhas para as eleições municipais daquele ano, também coincide com o período em que a ex-presidenta Dilma ainda não tinha sido cassada definitivamente, daí a necessidade de se reforçar o discurso antipetista. O argumento de que o Ministério da Educação, sob o comando de Dilma, distribuiu cartilhas com conteúdos eróticos para crianças se tornou uma das principais táticas empregadas pelos seguidores de Carvalho e da extrema-direita para atacar candidatos de linhas políticas mais progressistas<sup>100</sup>.

A estratégia utilizada na postagem remete ao princípio das campanhas anti-masturbatórias na França do século XVIII e XIX, em que as famílias eram estimuladas a prestar atenção em seus filhos, sob o risco de as crianças serem seduzidas por professores.

É a ideia de uma educação tal como que, em primeiro lugar, seria inteiramente, ou no essencial, confiada aos próprios pais, que são os educadores naturais dos filhos. Tudo o que é criadagem, preceptores, governantas, etc., se necessários, não podem ser mais que um intermediário, e o intermediário mais fiel possível, dessa relação natural entre pais e filhos. Mas o ideal é que todos esses intermediários desapareçam e que os pais sejam efetivamente os encarregados diretos dos filhos. (FOUCAULT, 2010, p. 222)

A pedagogização do sexo das crianças, considerado por Foucault (2020) como um dos principais dispositivos de sexualidade, traz consigo um risco individual e coletivo que deve ser controlado e vigiado. A produção de verdades necessárias para o exercício do poder e os saberes

<sup>100</sup> A distribuição do chamado *Kit Gay* nas escolas foi amplamente explorada pelo ex-presidente Jair Bolsonaro durante a campanha eleitoral de 2018. Mesmo sendo desmentida constantemente, a ideia se tornou comum entre os eleitores da direita. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/08/livro-exibido-por-bolsonaro-nunca-foi-adotado-pelo-mec-diz-editora.shtml?origin=folha>. Acesso em fev. 2023.

que surgiram a partir da psicologia, da medicina, da pedagogia e da própria religião, deram suporte para que se fizessem agir os dispositivos de sexualidade na mobilização da população contra a sujeição imposta pelos educadores.

Esse tipo de discurso é, na verdade, um formidável instrumento de controle e de poder. Ele utiliza, como sempre, o que dizem as pessoas, o que elas sentem, o que elas esperam. Ele explora a tentação de acreditar que é suficiente, para ser feliz, ultrapassar o umbral do discurso e eliminar algumas proibições. E de fato acaba depreciando e esquadrinhando os movimentos de revolta e liberação. (FOUCAULT, 2018d, p. 349)

O controle do sexo da criança está diretamente ligado a outra estratégia de normalização da sociedade moderna pelos dispositivos de sexualidade. A socialização das condutas de procriação, como chama Foucault (2020), vai apontar que o sexo normal é a relação heteronormativa, monogâmica e baseada nos valores católicos de família, formada pelo pai/homem, pela mãe/mulher e por seus descendentes. Olavo de Carvalho deixa transparecer esta moral em postagens nas quais afirma o papel da família como regra para se evitar a degradação da moralidade. Em 15 de agosto de 2015<sup>101</sup>, por exemplo, ele publica uma foto e um comentário defendendo a formação de uma família grande, sob pena de extinção da instituição familiar<sup>102</sup>.

**Figura 42:** 15/08/2015



**Fonte:** banco de dados do autor

O modelo de família tradicional, como o defendido por Olavo de Carvalho, irá surgir no século XVIII a partir de uma série de mecanismos, entre eles o controle dos corpos e da sexualidade da criança. A família será o ponto de intersecção entre os dispositivos de aliança, entendidos como o “sistema de matrimônio, de fixação e desenvolvimento dos parentescos, de

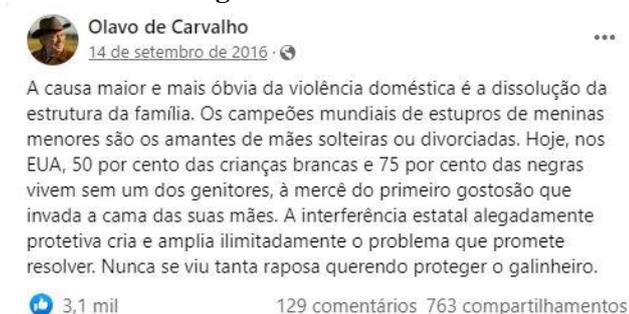
<sup>101</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/275181425967272/posts/531547323664013>. Acesso em jan. 2023.

<sup>102</sup> Olavo de Carvalho teve oito filhos.

transmissão dos nomes e dos bens” (FOUCAULT, 2020, p. 115), e os dispositivos de sexualidade. Ambos os dispositivos terão finalidades opostas, mas que irão se complementar porque “a família é o permutador da sexualidade: transporta a lei e a dimensão do jurídico para o dispositivo de sexualidade; e a economia do prazer e a intensidade das sensações para o regime da aliança” (Ibid., p. 118). Ou seja, na figura 42, Olavo de Carvalho mostra que é preciso manter sólidas as relações de alianças para evitar a degenerescência ao longo dos anos, para isso, é preciso que a relação sexual dentro do casamento tenha a finalidade de procriação.

Enquanto o dispositivo de aliança busca manter “o vínculo entre os parceiros com status definido; [...] o segundo sensações do corpo, a qualidade dos prazeres, a natureza das impressões” (Ibid., p. 116). Esta oposição fica evidente em uma postagem feita em 14 de setembro de 2016, em que Olavo de Carvalho ilustra, para ele, os perigos de uma família que não segue o modelo tradicional<sup>103</sup>.

**Figura 43:** 14/09/2016



**Fonte:** banco de dados do autor

Carvalho vai atribuir a violência doméstica ao divórcio, culpabilizando a mulher por este e outros desvios de conduta. Os homens, que são os responsáveis diretos pelos estupros, parecem não ter culpa nenhuma pela violência, enquanto a mulher tem toda a responsabilidade por se envolver com outra pessoa após o divórcio ou mesmo por não ter um marido. O sexo vai ser, portanto, o ponto chave para o surgimento da histerização da mulher dentro dos dispositivos de sexualidade. O corpo da mãe deve ser regulado para garantir a fecundidade e para a manutenção da segurança da família, com o cuidado dos filhos. Como esposa, a mulher tem um papel a cumprir no espaço familiar e a sexualidade dela, por ser um risco à segurança dos filhos, deverá ser controlada e vigiada. O menor desvio será considerado falta de virtude e motivo de histeria (FOUCAULT, 2020).

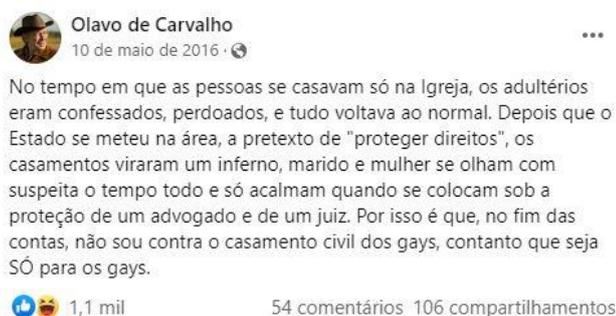
No exemplo apresentado na figura 43, pode-se observar o papel das estatísticas para a formação dos dispositivos de sexualidade. Com a emergência das tecnologias do biopoder, o

<sup>103</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/275181425967272/posts/698598216958922>. Acesso em jan. 2023.

corpo humano será normalizado a partir de uma série de acontecimentos que incidirão diretamente na segurança da população. Se antes, nas disciplinas, o corpo era individualizado, na biopolítica ele é colocado como parte constituinte de algo maior, que é a população. Será preciso saber exatamente onde agir, com que força e por meio de quais estratégias para garantir a segurança de todos (FOUCAULT, 2008a, 2020). A postagem de Olavo de Carvalho manipula os dados de uma estatística, sem apontar a fonte, para mostrar o quanto a não adoção do modelo tradicional de família, formado por um casamento estável e com o sexo normalizado entre marido e esposa, pode ser prejudicial para a garantia da segurança dos filhos.

Em outra publicação, em 10 de maio de 2016, o casamento enquanto instituição tradicional, regulada por dispositivos de aliança e pela moralidade católica foi abordado para fazer um contraponto a união civil entre pessoas do mesmo sexo<sup>104</sup>.

**Figura 44:** 10/05/2016



**Fonte:** banco de dados do autor

O escritor dá uma interpretação própria para o papel do casamento porque, como mostrou Foucault (1984), a monogamia é a base do matrimônio na doutrina cristã. No entanto, para Carvalho, a igreja teria a função de absolver a infidelidade para preservar a normalidade da família. No exemplo da figura 44, o escritor se aproxima do aforismo atribuído a Demóstenes: “as cortesãs, nós as temos para o prazer; as concubinas, para os cuidados de todo dia; as esposas, para ter uma descendência legítima e uma fiel guardiã do lar” (DEMÓSTENES apud, FOUCAULT, 1984, p. 129). Entretanto, o orador e político grego escreveu o aforismo no contexto da relação matrimonial que existia na Grécia antiga, em que o homem não tinha obrigação de manter relações sexuais apenas com a esposa legítima. Na doutrina e na pastoral cristã, esta concepção de relações entre marido e esposa ficará rígida porque

O homem se verá proibido de ir buscar qualquer outra forma de prazer que seja, fora daquele que deve ter com sua esposa legítima; e esse mesmo prazer colocará um número considerável de problemas, já que o objetivo das relações sexuais não deve estar na volúpia, mas na procriação. (FOUCAULT, 1984, p. 130)

<sup>104</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/275181425967272/posts/636294056522672>. Acesso em jan. 2023.

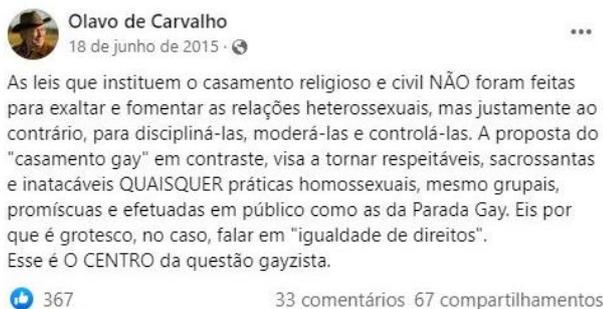
Ao questionar ainda o aparecimento de leis específicas que irão regulamentar a união civil como forma assegurar direitos iguais entre cônjuges, Olavo de Carvalho dá a entender ser contra tal legislação por representar uma espécie de castração a algo banal para ele, como o adultério. No entanto, a liberdade para a infidelidade não é para todos. Como visto na figura 43, a mulher, por exemplo, não deve ter outros parceiros além do marido, porque isto representa um risco aos filhos. Assim como casais homossexuais que, para Carvalho, não devem ter os mesmos direitos de um casal heteronormativo. “Este é o paradoxo da sociedade que, desde o século XVIII inventou tantas tecnologias de poder estranhas ao direito: ela teme seus efeitos e proliferações e tenta recodificá-los nas formas do direito” (FOUCAULT, 2020, p. 119).

Da mesma maneira da sexualidade das crianças, a demonização da relação homoafetiva é feita por Olavo de Carvalho há anos, desde antes do surgimento das plataformas de redes sociais. Em livros escritos ainda na década de 1990, Carvalho chega a classificar explicitamente como anomalia o relacionamento afetivo e sexual entre pessoas do mesmo sexo. O guru da extrema-direita coloca a prática sexual homoafetiva como inferior por ser, na avaliação dele, antinatural, uma vez que não há possibilidade de ocorrer a procriação e que, por isso, pode levar à extinção da espécie humana.

A incapacidade absoluta para a conduta heterossexual deve ser considerada anormal, quer essa incapacidade seja de ordem física ou psicológica, congênita ou adquirida. Se a conduta homossexual constante resulta numa capacidade adquirida - ainda que de ordem puramente psicológica e sob a forma de uma rejeição ou ojeriza invencível -, então *certamente é anormal*. É anormal porque é a privação de uma potência necessária à subsistência da espécie (CARVALHO, 1999, cap 28, grifo do autor)

Diferentemente à ideia que tinha defendido no exemplo apresentado na figura 44, Olavo de Carvalho vai postar em 18 de junho de 2015, um texto em que defende as leis que regem o casamento civil e religioso como forma de atacar a união homoafetiva<sup>105</sup>.

**Figura 45:** 18/06/2015



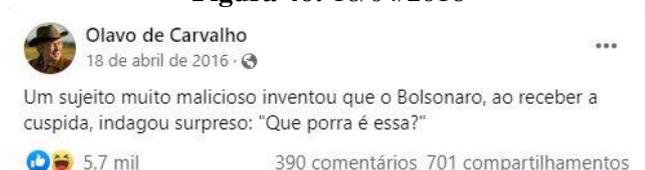
**Fonte:** banco de dados do autor

<sup>105</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/275181425967272/posts/506692249482854>. Acesso em jan. 2023.

Olavo de Carvalho considera a homossexualidade um desvio de conduta que leva a uma patologia, portanto a uma anomalia. Nas palavras de Canguilhem, “estar doente significa ser nocivo, ou indesejável, ou socialmente desvalorizado” (2009, p. 46-47), ou seja, Carvalho defende que o sujeito homossexual é alguém nocivo à sociedade normal e ao futuro da espécie humana. Discursos como esses são exemplos do que Foucault (2020) vai chamar de “psiquiatrização dos prazeres perversos”, que, assim como a pedagogização do sexo da criança, das condutas de procriação e da histerização da mulher, formam os quatro principais dispositivos de sexualidade. A união entre pessoas do mesmo sexo, portanto, vai representar para o sistema de crenças de Olavo de Carvalho, um desvio de condutas que leva o sujeito a se submeter a perversões. O indivíduo desviante será um doente, potencialmente perigoso para a sociedade, seja porque oferece um risco às crianças ou então à sobrevivência da espécie, por isso, ele não deve ter os mesmos direitos das pessoas consideradas normais.

Em abril de 2016, Olavo de Carvalho iniciou uma discussão no Facebook, que se estendeu por semanas, sobre a atitude do ex-deputado federal Jean Wyllys<sup>106</sup> (Psol) que cuspiu no então deputado Jair Bolsonaro no dia 17 de abril daquele ano, quando a Câmara dos Deputados autorizou a abertura do processo de impeachment contra a ex-presidenta Dilma Rousseff<sup>107</sup>. No dia 18 de abril, Carvalho começou a atacar o ex-deputado com postagens irônicas insinuando que Wyllys poderia ter feito sexo oral em outro homem antes de cuspir em Bolsonaro<sup>108</sup>.

**Figura 46:** 18/04/2016



**Fonte:** banco de dados do autor

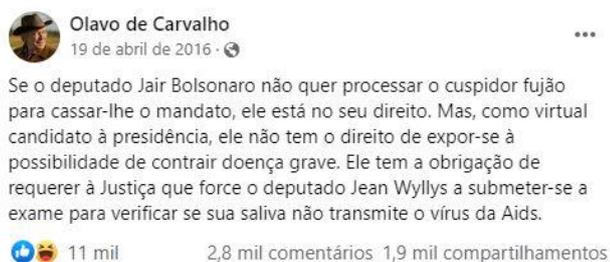
Um dia depois, o escritor começou uma série de postagens em que sugere que, após a cuspidinha, Bolsonaro deveria se submeter a exames de HIV e processar Wyllys por ter exposto o parlamentar, e futuro candidato à Presidência da República, a um risco de contaminação, que violaria a Constituição Federal<sup>109</sup>.

<sup>106</sup> Jean Wyllys é gay, ativista dos direitos LGBTQIA+.

<sup>107</sup> Disponível em <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2016/04/17/jean-wyllys-cospe-em-bolsonaro-e-diz-que-faria-de-novo.htm>. Acesso em jan. 2023.

<sup>108</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/275181425967272/posts/626510530834358>. Acesso em jan. 2023.

<sup>109</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/275181425967272/posts/626956057456472>. Acesso em jan. 2023.

**Figura 47:** 19/04/2016

**Fonte:** banco de dados do autor

As postagens, de caráter homofóbico, tentam vincular Jean Wyllys a alguém que faz parte de um grupo de risco e que, portanto, pode ser portador de uma doença grave, no caso a Aids. Para Carvalho, além de ser anormal, a relação entre pessoas do mesmo sexo é ainda perigosa à sociedade por ser potencialmente transmissora de doenças graves. No entanto, é preciso destacar que atualmente a Aids já não é uma doença exclusiva de homens gays. Segundo o último boletim epidemiológico divulgado em dezembro de 2022 pela Secretaria de Vigilância em Saúde, do Ministério da Saúde, embora a detecção de HIV ainda seja maior em homens, os casos de contaminação pelo vírus em mulheres e gestantes têm crescido a cada ano. Em 2021, o Ministério da Saúde registrou uma alta de 45,6% de novas infecções em mulheres entre 15 e 34 anos. Nas mulheres com 50 anos ou mais o índice de detecção de HIV passou de 12% em 2011 para 17% em 2021, enquanto no mesmo período, nos homens da mesma faixa etária, a detecção de HIV se manteve estável em 10%<sup>110</sup>. Os números do Ministério da Saúde deixam ainda mais evidente a homofobia exposta nos discursos de Olavo de Carvalho a propagar ideias preconceituosas que já foram refutadas há anos por meio de dados e estudos científicos.

Como visto nos exemplos apresentados neste capítulo, Olavo de Carvalho constrói uma série de características que são da ordem da moral e do patológico para definir o que, segundo concepção própria, representa o sujeito normal. O escritor busca criar modos de subjetivação com base em uma normalização da sociedade que tem os dispositivos de sexualidade como centrais. O homossexual, assim como a mulher divorciada ou não casada na igreja católica e a criança masturbadora e sexualizada, serão apresentados como exemplos de seres perversos, que ameaçam a instituição familiar e o futuro da espécie humana (FOUCAULT, 2020).

Todos esses seres degenerescentes e perversos são relacionados por Carvalho como inimigos de toda a direita conservadora, como esquerdistas e comunistas. Neste contexto, inclui-se ainda o discurso racista, inerente aos mecanismos biopolíticos, como condição de

<sup>110</sup> Os dados completos do boletim epidemiológico do Ministério da Saúde com a incidência de HIV por ser conferido no endereço: <https://www.gov.br/aids/pt-br/centrais-de-conteudo/boletins-epidemiologicos/2022/hiv-aids>. Acesso em fev. 2023.

aceitabilidade para a classificação dos seres humanos entre normais e anormais. Os saberes dominantes nos dias de hoje se tornam exemplos do grotesco na sociedade. A educação, o casamento, a homossexualidade tudo isso será usado para transformar os seres vivos em monstros deformados, física e moralmente.

O discurso de normalização de Olavo de Carvalho obteve certos efeitos, que puderam ser vistos com a vitória de Jair Bolsonaro nas eleições presidenciais de 2018. Portanto, no capítulo seguinte, a análise irá se concentrar nas relações saber-poder e no regime de verdade construídos ao longo dos anos de 2017, 2018 e 2019, que compreendem a consolidação do nome de Bolsonaro como pré-candidato à Presidência, a campanha ao qual ele saiu vitorioso e o primeiro ano de governo. Com um discurso conservador, preconceituoso e de extrema-direita, Olavo de Carvalho fez emergir um novo saber baseado na desinformação e na mentira, assumindo as plataformas das redes sociais como um novo púlpito para a disseminação de vontades de verdade para o exercício do poder.

“*Em mim habita força do verdadeiro*”  
Tirésia, em *Édipo Rei*

### Capítulo 3

## O SABER, O EXERCÍCIO DO PODER E OS REGIMES DE VERDADE PELA DESINFORMAÇÃO

Antes de morrer o rei da França Luís XIV encomendou à administração da monarquia um relatório completo da situação do país durante seu reinado<sup>111</sup>. O objetivo era preparar o neto, o Duque de Borgonha, para assumir o trono assim que o monarca morresse<sup>112</sup>. Diante da grande quantidade de documentos e relatórios que foram produzidos, a nobreza que rodeava o Duque de Borgonha pediu ao Conde Henri de Boulainvilliers que compilasse todas as informações e apresentasse ao neto do rei. No entanto, os nobres que circundavam o Duque eram contrários a Luís XIV e aproveitaram a oportunidade para expor a situação da França, na passagem do século XVII para o XVIII, de acordo com os seus pontos de vista.

Este episódio da história da monarquia francesa foi resgatado por Foucault no curso que ministrou no *Collège de France*, entre 1975 e 1976, intitulado *Em defesa da sociedade* (1999). Nas aulas dedicadas ao relatório de Boulainvilliers<sup>113</sup>, será mostrado que a nobreza protestava, entre outras coisas, contra medidas adotadas por Luís XIV que eram consideradas responsáveis pelo empobrecimento dos nobres e contra a ineficiência da administração das províncias.

Boulainvilliers faz um resgate, desde a queda do Império Romano às invasões franco-germânicas na Gália, para mostrar que o desenvolvimento da monarquia francesa foi marcada por episódios de roubos e traições, que teriam relegado a nobreza ao estado que se encontrava no século XVIII. Para Foucault, os relatórios são importantes, não apenas para mostrar a insatisfação dos nobres da época, mas porque, pela primeira vez, o saber do rei será questionado. “Trata-se de protestar contra o fato de que o saber dado ao rei, e depois ao príncipe, seja um saber fabricado pela própria máquina administrativa” (Ibid. p. 153-154).

Separados por três séculos, Olavo de Carvalho assume postura semelhante a de Boulainvilliers ao questionar os saberes existentes e aceitos em uma época específica. Embora as estratégias sejam bastante próximas, Carvalho escreve a partir de um contexto impensável

<sup>111</sup> O reinado de Luís XIV é o mais longo da história, tendo durado 72 anos. Ele assumiu aos 4 anos de idade, em 1643 e morreu com 76 anos, em 1715 (BURKE, 2009).

<sup>112</sup> O Duque de Borgonha morreu em 1712, dois anos antes do avô. Com isso, o trono de Luís XIV foi sucedido por Luís XV, filho do Duque de Borgonha. (Ibid.).

<sup>113</sup> Foucault vai começar a detalhar o relatório de Boulainvilliers na aula do dia 11 de fevereiro de 1976.

para o século XVIII e, de certa maneira, novo até para as primeiras décadas do século XXI, as plataformas de redes sociais. Para o escritor brasileiro, a nobreza dos tempos atuais será a população, que está ameaçada por riscos e perigos que viriam de um *establishment* formado, por exemplo, por professores, jornalistas, cientistas, comunistas e globalistas<sup>114</sup>, estes assumindo o lugar do opressor, como Luís XIV.

Este capítulo faz uma discussão sobre a relação saber-poder, compreendendo que Olavo de Carvalho cria discursos de contra-saberes<sup>115</sup> para desconstruir os saberes aceitos nos dias de hoje. Com base nisso, ele tenta exercer o poder ao propor novos saberes baseados em desinformação, com o suporte dos mecanismos de circulação dos discursos nas plataformas de redes sociais. Assim, Carvalho visa a criação de um regime de verdade como resistência para validação de suas vontades de verdade, recorrendo ao preconceito, ao ódio e à mentira.

Para esta análise o *corpus* será recortado para compreender os anos de 2017, 2018 e 2019. Esses três anos correspondem ao período em que o nome do ex-presidente Jair Bolsonaro aparece como possível pré-candidato à Presidência da República, posteriormente à campanha eleitoral de 2018 e a facada sofrida por Bolsonaro naquele ano, e o primeiro ano do governo bolsonarista, período importante porque muitas ideias propagadas por Olavo de Carvalho serviram como suporte para a ascensão do bolsonarismo. Assim, mostramos que, embora o poder exercido pelo guru da extrema-direita não fosse diretamente ligado ao governo institucional, ele serviu de base para a construção de um tipo de discurso que, durante os quatro anos do governo Bolsonaro, foi o discurso do Estado brasileiro. Como mostra Foucault,

a estrutura de Estado, no que ela tem de geral, de abstrato, mesmo de violento, não chegaria a manter assim, contínua e cautelosamente, todos os indivíduos, se ela não se enraizasse, não utilizasse, como uma espécie de grande estratégia, todas as pequenas táticas locais e individuais que encerram cada um entre nós. (2006a, p. 231-232)

Por meio das postagens no Facebook será possível compreender de que maneira Olavo de Carvalho usou as plataformas digitais para desqualificar instituições produtoras de saberes, como as universidades e a imprensa. Dessa maneira, ele ganhou espaço no debate público brasileiro e foi creditado como um dos responsáveis pela vitória de Bolsonaro em 2018.

---

<sup>114</sup> Globalismo é um neologismo usado por seguidores da extrema-direita para chamar a elite econômica global que seria financiada por comunistas em um plano de implantação de um governo mundial único, sob a ideologia socialista. Disponível em <https://olavodecarvalho.org/a-revolucao-globalista/>. Acesso em fev. 2023.

<sup>115</sup> O prefixo “contra” será usado no mesmo sentido utilizado por Foucault (1999), significando oposição a algo. Disponível em <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/Contra/>. Acesso em fev. 2023.

### 3.1 Relação saber-poder

Os três anos analisados neste capítulo mostram a consolidação de ideias e teorias que já apareciam nos discursos de Olavo de Carvalho em anos anteriores. No entanto, conforme se aproximavam as eleições presidenciais de 2018, esses discursos cresceram e construíram um importante apoio para a vitória do ex-presidente Jair Bolsonaro, que defendia pautas como o armamento civil, fraudes nas urnas, ataques ao PT, especialmente a Lula<sup>116</sup>, e a formação de uma militância conservadora e de extrema-direita sólida. Em 2019, após a vitória e posse de Bolsonaro, Olavo de Carvalho passa a cobrar o presidente para a implantação de políticas públicas com base em seu sistema de regras morais. Com isso, o guru tenta se consolidar como o detentor dos saberes essenciais para o desenvolvimento da sociedade brasileira. O exercício do poder vai aparecer, neste ponto, como uma forma de afeto entre relações de força, ou seja, na capacidade do escritor de “incitar, induzir, desviar, tornar fácil ou difícil, ampliar ou limitar, tornar mais ou menos provável” (DELEUZE, 2019, p. 73) as ações governamentais.

Os relatórios de Boulainvilliers ilustram uma característica fundamental que será observada em Olavo de Carvalho, o uso deturpado da história como estratégia. Foucault (1999) mostra que a nobreza contrária a Luís XIV vai construir uma espécie de discursos de contra-saber ao saber do rei e da administração monárquica.

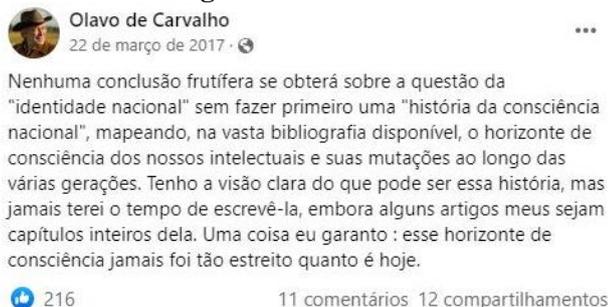
O grande inimigo desse saber novo pelo qual a nobreza quer voltar a tomar pé no saber do rei, o saber que é preciso descartar, é o saber jurídico: aquele do tribunal, do procurador do jurisconsulto e do escrivão. Saber, claro, odiável para os nobres, uma vez que foi esse saber que os pôs na arapuca, que os espoliou mediante argúcias que eles não compreendiam, que os despojou, sem que eles sequer pudessem dar-se bem conta disso, de seus direitos de jurisdição e, depois, até seus bens. (Ibid. p. 156)

Carvalho deixa explícito esta proximidade com a estratégia de Boulainvilliers em uma postagem feita em 22 de março de 2017, na qual o escritor defende o conhecimento histórico para a formação de uma identidade nacional nos dias de hoje<sup>117</sup>.

---

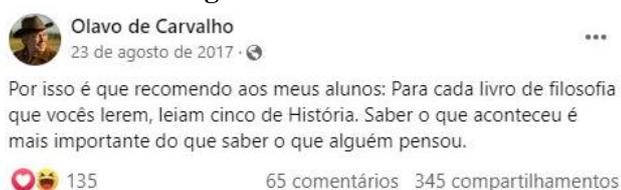
<sup>116</sup> O presidente Lula foi preso em 07 de abril de 2018, mas até setembro o Partido dos Trabalhadores ainda tentava garantir a candidatura dele nas eleições daquele ano. O ex-prefeito de São Paulo Fernando Haddad acabou assumindo a candidatura à presidência um mês antes do pleito, ocorrido em outubro.

<sup>117</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/275181425967272/posts/800849510067125>. Acesso em jan. 2023.

**Figura 48:** 22/03/2017

**Fonte:** banco de dados do autor

Em outra postagem, feita em 23 de agosto de 2017, Carvalho aponta que o domínio da história é um dos critérios principais ensinado a seus alunos<sup>118</sup>.

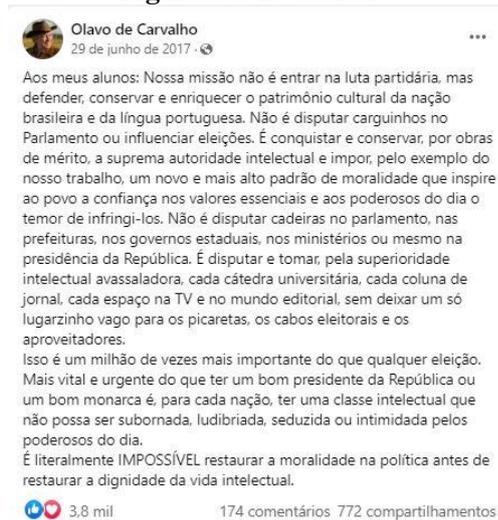
**Figura 49:** 23/08/2017

**Fonte:** banco de dados do autor

Os dois exemplos acima estão ligados pela relação saber-poder na medida em que o poder só poderá ser exercido a partir de condições para a formação do sujeito e do saber (MACHADO, 2018), daí a necessidade de Carvalho em reforçar o uso da história na formação de seus alunos. Na opinião dele, formar uma nova classe de pensadores comprometidos com a verdade dos fatos, seria o primeiro passo para a tomada do poder institucional. Em um longo texto postado no dia 29 de junho de 2017, ele evidencia sua proposta<sup>119</sup>.

<sup>118</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/275181425967272/posts/885389528279789>. Acesso em jan. 2023.

<sup>119</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/275181425967272/posts/854974151321327>. Acesso em jan. 2023.

**Figura 50:** 29/06/2017

**Fonte:** banco de dados do autor

O escritor deixa explícito que o poder, sem o domínio do saber, não se sustenta, por isso a disputa dele é pela vontade de verdade. A luta, portanto, deve ser constante porque, embora o poder não esteja restrito às instituições políticas, é preciso ocupar os espaços de produção do saber (DREYFUS; RABINOW, 1995). Nesta batalha, será preciso assumir o posto de quem pode e diz a verdade de uma época determinada.

Temos, de fato, de ser eruditos das batalhas, porque a guerra não terminou, as batalhas decisivas, temos de vencê-la. Isto quer dizer que os inimigos que estão à nossa frente continuam a ameaçar-nos, e não podemos chegar ao termo da guerra por algo como uma reconciliação ou uma pacificação, mas somente na medida em que formos efetivamente vencedores. (FOUCAULT, 1999, p. 60)

No início da aula inaugural ministrada por Foucault, em 1970, no *Collège de France*, intitulada *A ordem do discurso*, será feito um questionamento pertinente para as análises propostas nesta pesquisa, “o que há, enfim, de tão perigoso no fato de as pessoas falarem e de seus discursos proliferarem indefinidamente? Onde, afinal, está o perigo?” (2014a, p. 8). A pergunta formulada por Foucault evidencia a força exercida pelo discurso e a capacidade de sujeição a que ele carrega, residindo aí a importância do controle do discurso dominante para o exercício do poder. O desenvolvimento da história é um jogo de relações de poder, em que surgem as normas, os dispositivos disciplinares e de segurança, por exemplo. Assim, entende-se que grupos que buscam sujeitar a subjetividade da população precisam assumir o controle da interpretação da história (DREYFUS; RABINOW, 1995).

Com a ascensão do discurso da extrema-direita nos últimos anos no Brasil, as universidades passaram a ser alvos de ataques sistemáticos. Esta tática está presente em Olavo de Carvalho muito antes de surgir como influenciador digital. Desde seus livros publicados na

década de 1990, ele já se insurgia contra o que chamava de uma casta universitária à serviço do poder (CARVALHO, 1999).

O sistema de ensino é uma maneira política de controle e disseminação de saberes e de exercícios de poder. Foucault (2014a) considera a educação uma forma de apropriação social dos discursos, que possui mecanismos de ritualização da palavra, qualificação dos sujeitos que falam e formação de grupos doutrinários por apropriações de saber e poder. A educação vai ser, portanto, “relações de poder agindo em escolas, fazendo agir o poder disciplinar” (DREYFUS; RABINOW, 1995, p. 203). Para operar a desqualificação da educação e das universidades, Olavo de Carvalho precisa mostrar que está acima do saber acadêmico, como em uma postagem feita em 02 de junho de 2017<sup>120</sup>.

**Figura 51:** 02/06/2017



**Fonte:** banco de dados do autor

O escritor vai considerar ele próprio como um ser superior, de difícil absorção. Enquanto o restante das instituições de ensino se preocupa com coisas supérfluas, ele paira acima de todas. Da mesma forma, seus alunos, que assistem as aulas *on-line* do COF, também serão tratados como pessoas diferenciadas, inclusive fora do Brasil<sup>121</sup>.

**Figura 52:** 07/08/2017



**Fonte:** banco de dados do autor

Como forma de provar sua superioridade intelectual, Carvalho vai dizer, em 12 de maio de 2017, que é válido apenas o modo em que organizou o ensino de filosofia no Brasil. Todo o resto, na opinião dele, não existe e está errado<sup>122</sup>.

<sup>120</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/275181425967272/posts/840054749479934>. Acesso em jan. 2023.

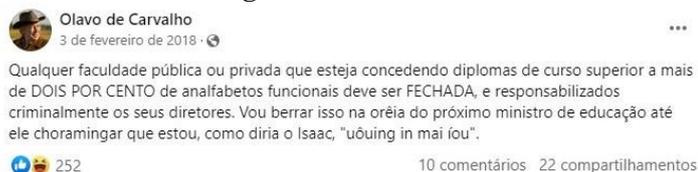
<sup>121</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/275181425967272/posts/876660195819389>. Acesso em jan. 2023.

<sup>122</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/275181425967272/posts/829197650565644>. Acesso em fev. 2023.

**Figura 53:** 12/05/2017

**Fonte:** banco de dados do autor

O escritor se orgulha de não ter completado o ensino fundamental e nem ter frequentado uma universidade porque, para ele, a educação formal é um instrumento de dominação comunista e, por isso, deve ser evitada<sup>123</sup>. Esta cruzada empregada pelo guru contra a educação é importante porque será um dos caminhos empregados para tentar influenciar a discussão política nos momentos que antecederam as eleições de 2018. Em 03 de fevereiro daquele ano, quando a pré-candidatura de Jair Bolsonaro já estava definida, ele vai dizer o que iria propor ao futuro ministro da educação que assumiria o cargo no ano seguinte<sup>124</sup>.

**Figura 54:** 03/02/2018

**Fonte:** banco de dados do autor

É preciso destacar que a educação, atacada por Carvalho, não fica restrita apenas aos círculos acadêmicos, mas também ao ensino de crianças e adolescentes. A educação aparece na obra foucaultiana como a base para o desenvolvimento do biopoder. É por meio da escola que os mecanismos de vigilância e regulação vão surgir para a formação de uma sociedade de normalização. Desde a infância será preciso organizar e hierarquizar os indivíduos para que cresçam dentro de padrões de normalidade aceitos pela sociedade capitalista e neoliberal (FOUCAULT, 2010b). Portanto, as escolas, assim como as universidades, são aceitas como fonte de produção de saberes e de verdades, por isso serão alvos dos ataques de Olavo de Carvalho. Ele não irá aceitar uma forma de ensino que não inclua suas ideias e visões de mundo.

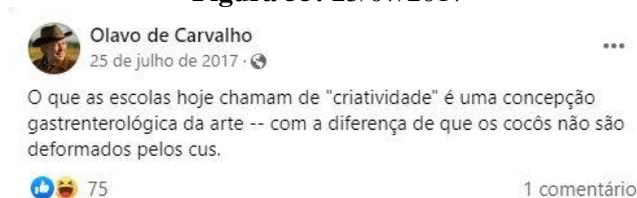
Dessa maneira, Carvalho criará discursos com características ubuescas, como já visto no Capítulo 2, para a desqualificação da educação formal. No dia 25 de julho de 2017, ele fez

<sup>123</sup> Durante os sete anos analisados nesta pesquisa, Olavo de Carvalho atribui o seu desenvolvimento intelectual ao fato de ter deixado a escola na 4ª série do antigo ginásio, hoje ensino fundamental.

<sup>124</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/275181425967272/posts/968335993318475>. Acesso em jan. 2023.

uma série de 11 postagens seguidas reclamando do ensino de arte nas escolas, porque, segundo ele, estaria fazendo com que crianças perdessem a capacidade de se expressar por meio de desenhos e pinturas<sup>125</sup>.

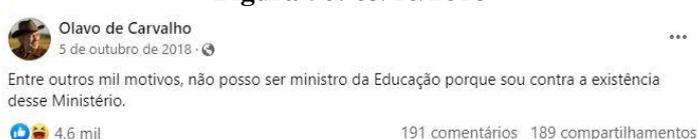
**Figura 55:** 25/07/2017



**Fonte:** banco de dados do autor

Antes das eleições de outubro, Olavo de Carvalho chegou a ter o nome cotado para os ministérios da educação ou da cultura, no caso de uma eventual vitória de Jair Bolsonaro. No entanto, em 05 de outubro daquele ano, o escritor escreveu o porquê não aceitaria o cargo.

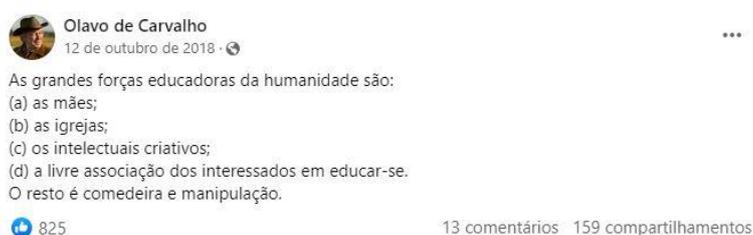
**Figura 56:** 05/10/2018



**Fonte:** banco de dados do autor

Já em 12 de outubro de 2018, poucos dias após o primeiro turno das eleições presidenciais, Olavo de Carvalho vai fazer uma postagem colocando em ordem o que, para ele, deveria ser a organização do ensino<sup>126</sup>.

**Figura 57:** 12/10/2018



**Fonte:** banco de dados do autor

Como forma de colocar em suspeição a credibilidade do sistema educacional, Carvalho faz um movimento para disciplinamento dos saberes. De acordo com Foucault (1999), são quatro operações estratégicas possíveis, surgidas a partir do século XVIII, para a organização interna do saber. A primeira, é possível observar nas figuras 50, 51, 52, 53 e 54 nas quais vai excluir saberes e selecionar outros, ou seja, qualquer instituição de ensino que não siga os princípios indicados por ele deve ser extinta, porque, somente o que Carvalho propõe será

<sup>125</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/275181425967272/posts/870188879799854>. Acesso em jan. 2023.

<sup>126</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/275181425967272/posts/1145233838962022>. Acesso em jan. 2023.

válido. A segunda operação de disciplinamento será a normalização dos saberes, que pode ser observada nas figuras 50, 51, 52 e 53. Ao selecionar apenas os saberes produzidos por seus ensinamentos, Carvalho vai indicar que a educação normal é a que está baseada no que ele ensina ou defende.

Já a terceira operação será a hierarquização dos saberes, podendo ser analisada pelas figuras 51 e 55. Ao propor uma relação de autores aos quais o ensino de filosofia deveria se pautar e classificar, segundo seu ponto de vista, quais são as “grandes forças educadoras da humanidade”, o guru aponta para quais saberes devem ser priorizados. Por fim, a última operação de disciplinamento, proposta por Foucault (1999) será a centralização dos saberes, como nas figuras 50, 51 e 55, onde o guru indica quais são os locais onde responsáveis pela produção de saberes. Importante destacar que em nenhum momento, Carvalho coloca a escola e as universidades em sua lista de importância. A educação, em sua concepção, deve ficar centralizada nas mãos das famílias, das igrejas e de professores independentes, como ele próprio.

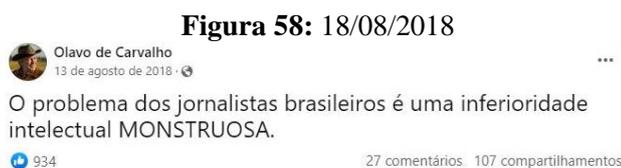
O século XVIII foi o século do disciplinamento dos saberes, ou seja, da organização interna de cada saber, como uma disciplina tendo, em seu campo próprio, a um só tempo critérios de seleção que permitem descartar o falso saber, o não-saber, formas de hierarquização e de homogeneização dos conteúdos, formas de hierarquização e, enfim, uma organização interna de centralização desses saberes em torno de um tipo de axiomatização de fato. Logo, organização de cada saber como disciplina e, de outro lado, escalonamento desses saberes assim disciplinados do interior, sua intercomunicação, sua distribuição, sua hierarquização recíproca numa espécie de campo global ou de disciplina global a que chamam precisamente a “ciência”. (Ibid. p. 217-218)

Assim como as instituições educacionais, a mídia também é considerada inimiga por Olavo de Carvalho. Enquanto as escolas são o poder disciplinar por excelência, com seus mecanismos de controle e vigilância, a imprensa é vista como o “Quarto Poder” pela importância que exerce na defesa da democracia (TRAQUINA, 2005)<sup>127</sup>. Ambas, escolas e imprensa, são aceitas pela população como fonte de credibilidade e como produtoras de saberes, por isso, precisam ser desmoralizadas por Olavo de Carvalho para que ele possa emergir como única autoridade possível. Os jornalistas e meios de comunicação são, portanto, alvos constantes, ora por não terem a capacidade para compreender seu pensamento, ora por serem

---

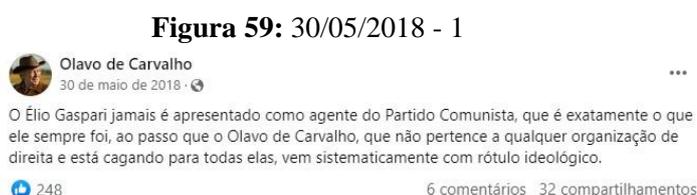
<sup>127</sup> A noção de quarto poder da imprensa vem do século XIX, ainda sob os efeitos da Revolução Francesa, em que os outros três poderes eram compostos pelo clero, nobreza e burguesia/povo. “No novo enquadramento da democracia, como o princípio de ‘poder controla poder’ [...], a imprensa (os media) seria o ‘quarto’ poder com relação aos outros três: o poder executivo, o legislativo e o judicial” (TRAQUINA, 2005, p. 46).

vistos como agentes comunistas. Uma postagem feita em 19 de agosto de 2018 mostra a opinião que Carvalho tinha de jornalistas<sup>128</sup>.



**Fonte:** banco de dados do autor

Mesmo atacando jornalistas, ele deixa transparecer uma mágoa com os meios de comunicação tradicionais. Embora tenha escrito por anos colunas para jornais e revistas de circulação nacional, Carvalho demonstra insatisfação ao ser, frequentemente, chamado de guru e ex-astrólogo. Em 30 de maio de 2018, vai reclamar disso ao se comparar ao jornalista Élio Gaspari<sup>129</sup>, a quem chamará de agente comunista<sup>130</sup>.



**Fonte:** banco de dados do autor

O ressentimento contra as instituições de ensino e contra os jornalistas é visível em suas críticas, uma vez que Olavo de Carvalho nunca foi aceito e levado à sério pela comunidade acadêmica e pela imprensa (ROCHA, 2021). O ressentimento é transposto, portanto, para os *posts* nas plataformas digitais e tudo o que for produzido pela mídia e universidades, por exemplo, deverá ser excluído, criminalizado ou destruído. Para Kehl, o ressentido não é alguém que busca superar o passado e perdoar, mas é “um que não quer esquecer, ou que *quer não esquecer*, não perdoar, nem superar o mal que o inventou” (2020, p. 10, grifo da autora), e isso, conseqüentemente, faz surgir um desejo de vingança, no qual Carvalho irá se apoiar para pedir punições a quem se coloca em seu caminho.

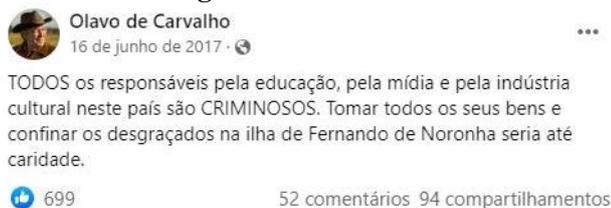
Um exemplo disto pode ser conferido na postagem feita em 16 de junho de 2017. Nela o escritor chega a propor o confisco de bens e o exílio de professores e de jornalistas<sup>131</sup>.

<sup>128</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/275181425967272/posts/1104781983007208>. Acesso em jan. 2023.

<sup>129</sup> Élio Gaspari é um jornalista brasileiro que começou a carreira na imprensa nacional escrevendo para o antigo jornal *Novos Rumos*, que foi mantido pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB) entre as décadas de 1950 e 1960. Gaspari também é conhecido pela premiada série de livros, escrita em 5 volumes, sobre a ditadura militar no Brasil. Disponível em <https://www.agenciariiff.com.br/autores/elio-gaspari/>. Acesso em fev. 2023.

<sup>130</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/275181425967272/posts/1031549626997111>. Acesso em jan. 2023.

<sup>131</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/275181425967272/posts/847505685401507>. Acesso em jan. 2023.

**Figura 60:** 16/06/2017

**Fonte:** banco de dados do autor

O que o guru da extrema-direita busca, na verdade, é o que Foucault vai chamar de movimento de contraconduta (2008b), ou seja, Olavo de Carvalho tenta substituir uma forma de conduzir a conduta na sociedade por outra. Ao desqualificar e descredibilizar a imprensa e as instituições de ensino, ele quer impor sua vontade de verdade e propor uma sociedade em que a produção de saberes seja centrada em si, em seus alunos e em valores tradicionais baseados na doutrina católica. Essa estratégia deu certo nos primeiros anos do governo de Jair Bolsonaro com a nomeação de ex-alunos para cargos importantes nos Ministérios da Educação e das Relações Exteriores<sup>132</sup>.

A partir deste ponto, é preciso fazer um deslocamento importante para compreender a posição que Olavo de Carvalho tentava ocupar no período em que o nome de Bolsonaro se consolidou como presidenciável e, posteriormente, com a vitória dele nas eleições. Este deslocamento de olhar é baseado no proposto por Foucault no curso dado no *Collège de France* entre os anos de 1979 e 1980, chamando *Do governo dos vivos*, quando ele se afasta das análises sobre as relações saber-poder para focar na noção de governo pela verdade (2014c).

Logo nas primeiras aulas, Foucault mostra como se caracterizam as relações de poder a partir das manifestações de verdade. Partindo do exemplo do imperador romano Sétimo Severo, que governou entre os séculos II e III, e que mandou pintar no teto de um salão imperial a posição dos astros no céu do dia de seu nascimento, Foucault explica o significado do ritual de manifestação da verdade. A pintura, feita a mando de Severo, era uma forma de mostrar que ele, como imperador, possuía a capacidade de pronunciar a verdade que era incontestável, já que a conjuração dos astros no momento de seu nascimento assim determinava. Ou seja, a verdade do imperador não estava apenas no que ele falava, mas fazia parte de procedimentos para validação da verdade.

<sup>132</sup> Além dos ex-ministros da Educação Ricardo Vélez Rodriguez e Abraham Weintraub e do ex-ministro das relações exteriores, Ernesto Araújo, já citados no início deste trabalho, outros alunos de Olavo de Carvalho ocuparam cargos importantes na estrutura do governo. Carlos Nadalim foi secretário Nacional de Alfabetização e Filipe G. Martins foi assessor especial para Assuntos Internacionais da Presidência da República. Martins deixou o cargo após fazer, no Senado, um gesto ligado a movimentos supremacistas de extrema-direita. Disponível em <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/06/23/justica-aceita-denuncia-e-torna-reu-assessor-da-presidencia-acusado-de-gesto-racista.ghtml>. Acesso em jan. 2023.

Trata-se, portanto, de um conjunto de procedimentos, verbais ou não, pelos quais se traz à luz – e pode ser tanto a consciência individual do soberano, quanto o saber de seus conselheiros ou manifestação pública – algo que é afirmado, ou antes, posto como verdadeiro, seja evidentemente em oposição a um falso que foi eliminado, discutido, refutado, mas também talvez por arrancamento ao oculto, por dissipação do que é esquecido, por conjuração do imprevisível. (FOUCAULT, 2014c, p. 08)

O exercício do poder, portanto, se fará presente por meio de um conjunto de manifestações de teses enunciadas como verdades, ao qual Foucault chamou de aleturgia. Ao se colocar como um ser que transcende todo e qualquer saber educacional, moral, intelectual e cultural, quase como um predestinado, Olavo de Carvalho terá que ter meios, não só para reafirmar seus saberes, mas também para garantir a validação da verdade do que fala, pensa e sugere. “Quem governa tem que ter mais do que a verdade do seu lado, tem que inscrever os seus atos numa necessidade, numa ordem, que o eleva acima do arbítrio, e assim o legitima” (LEME, 2008, p. 184). Ele terá que garantir que o regime de verdade que propõe é o único meio para assegurar a sobrevivência da espécie humana.

Do mesmo modo que Carvalho será encarado como um guru, seus alunos também farão parte do ritual da verdade. Foucault irá mostrar que a formação da corte, nas monarquias dos séculos XV, XVI e XVII, tiveram um papel de criar “focos de cultura” ao redor do rei como forma de criar um ambiente ritualístico da verdade. Da mesma maneira, somente os seguidores da filosofia olavista terão condições de agir como criadores e propagadores de uma noção própria de alta cultura, permitindo, assim, a formação de um sentimento nacionalista brasileiro.

O fortalecimento do poder principesco que se constata durante esses séculos XV, XVI, XVII, demandou, é claro, a constituição de toda uma série de conhecimentos que poderíamos dizer úteis à arte de governar, mas também toda uma série de rituais, de manifestações de saber que vão do desenvolvimento dos círculos humanistas à curiosa e constante presença dos bruxos, astrólogos, adivinhos no *entourage* dos príncipes até o início do século XVII. (FOUCAULT, 2014, p. 10)

Esta corte que se forma pelos rituais de manifestação da verdade é a mesma que será responsável pela elaboração dos relatórios de Boulainvilliers ao Duque de Borgonha, insatisfeita com os domínios da monarquia de Luís XIV (FOUCAULT, 1999). A história, como visto, é formada por lutas e deslocamentos das relações de força e, portanto, por movimentos de resistência. Para fortalecer a cruzada empregada por Olavo de Carvalho, será necessária a formação de uma milícia coesa, pois como explica Foucault,

o que estabelece a relação de força e o que faz com que uma nação vá ganhar uma batalha e a outra perdê-la, o que é? Pois bem, é a natureza e a organização das instituições militares, é o exército, são as instituições militares. Elas são

importantes, de uma parte, porque permitem, claro, obter vitórias e também porque permitem articular a sociedade por inteiro. (1999. p. 189)

Dessa maneira, é pela mobilização de pessoas comuns que será organizada uma militância olavista. Conectadas pelas plataformas de redes sociais, a milícia digital vai se apoiar em cima de causas pelas quais foram convencionadas por meio da manipulação de conteúdos postados e compartilhados. “Importa muito mais a dramatização que atua na produção da verdade e não tanto o conteúdo proposicional que a constitui” (CANDIOTTO, 2010, p. 63).

A própria característica de circulação de conteúdos nas plataformas digitais, portanto, pode ser considerada estratégica, como parte de uma aleturgia de Olavo de Carvalho. Nos períodos que antecederam as eleições de 2018 e posteriormente com a vitória de Bolsonaro, Carvalho vai fortalecer os rituais de verdade como forma de incentivar a formação de uma militância engajada.

### **3.2 Surge um novo saber baseado na desinformação**

A internet surge nos primeiros anos da década de 1990, inspirada por ideais libertários, vindos dos movimentos de contracultura das décadas de 1960 e 1970 (VAN DIJCK, 2016). Rapidamente, este novo meio de fazer conexões se expandiu no que alguns teóricos chamaram de ciberespaço. Pierre Lévy (1999) considera que, a partir da interconexão mundial dos computadores, a sociedade passou a ser pensada não apenas pelo desenvolvimento da tecnologia em si, mas também pela relação entre as pessoas mediada pela tecnologia que surgia. “O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo” (Ibid. p. 17).

O pensamento de Lévy vai refletir um período em que a tecnologia em rede começa a se espalhar pelo tecido social e as mudanças em práticas cotidianas e em relacionamentos pessoais ficam evidentes. Ainda no final da década de 1990, Manuel Castells também vai pontuar as mudanças significativas que estavam ocorrendo por conta do desenvolvimento da tecnologia. No entanto, o sociólogo catalão vai expandir o olhar e apontar que, não só as relações interpessoais estavam sendo transformadas, mas a política mundial, a economia global e os fluxos migratórios também se influenciavam pelas novas possibilidades de comunicação que se abriam a partir da tecnologia (CASTELLS, 1999).

Na virada do milênio, entra em cena a *web 2.0*, com a criação das primeiras plataformas de interação direta entre usuários, e, logo em seguida, surge a *web 3.0*, caracterizada pela mobilidade de dispositivos e a integração entre diferentes plataformas (VAN DIJK, 2016;

SANTAELLA, 2010). A partir de então, abre-se a possibilidade para que qualquer pessoa conectada possa falar, produzir informação, compartilhar opiniões, ideias e, em alguns casos, distorcer fatos para manipular o público.

A comunicação digital deu espaço para que informações pudessem ser produzidas e transmitidas sem a medição dos meios de comunicação tradicionais, fenômeno que será chamado por Han (2018) de desmediatização. Enquanto no jornalismo, por exemplo, as informações são organizadas, filtradas e apuradas, segundo critérios definidos pelos jornalistas, para só depois serem publicadas (TRAQUINA, 2005), nas redes digitais, este processo desaparece. Todos os usuários de redes sociais são, simultaneamente, consumidores e produtores de informação. “Mediação e representação são interpretadas como não transparência e ineficiência, como congestionamento de tempo e informação” (HAN, 2018, cap. 4).

A desmediatização vai pavimentar, portanto, o caminho para que Olavo de Carvalho possa organizar a militância digital a partir produção de discursos baseados em desinformação. Em tempos de comunicação digital, a desinformação “está associada a discursos que introduzem ideias falsas ou manipuladas nas conversações mediadas por computador” (RECUERO, 2020, p. 385). Esta estratégia foi importante antes das eleições presidenciais de 2018, por exemplo, para criar a ideia de que o Brasil se tornaria uma Venezuela, caso o PT voltasse ao poder, tese defendida até os dias de hoje por simpatizantes da extrema-direita brasileira.

Em 14 de outubro de 2018, após o primeiro turno das eleições<sup>133</sup>, Olavo de Carvalho compartilhou uma montagem fotográfica com a imagem de uma criança, aparentando desnutrição, ao lado de uma fotografia de Nicolas Maduro, presidente da Venezuela, como forma de reforçar os supostos riscos do socialismo<sup>134</sup>.

---

<sup>133</sup> No primeiro turno, realizado em 07 de outubro de 2018, o então candidato Jair Bolsonaro (na época pelo PSL) ficou em primeiro com 46% dos votos, seguido por Fernando Haddad (PT) com 29%. Ambos foram para o segundo turno, realizado no dia 28 de outubro. Bolsonaro venceu com 55% dos votos contra Haddad, que obteve 44%. Disponível em [https://sig.tse.jus.br/ords/dwapr/seai/r/sig-eleicao-resultados/maiores-votacoes?p0\\_ano=2018&session=115284399719822](https://sig.tse.jus.br/ords/dwapr/seai/r/sig-eleicao-resultados/maiores-votacoes?p0_ano=2018&session=115284399719822). Acesso em jan. 2023.

<sup>134</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/275181425967272/posts/1146516952167044>. Acesso em jan. 2023.

**Figura 61:** 14/10/2018

**Fonte:** banco de dados do autor

É preciso destacar que não há nenhum indicativo na imagem que permita fazer a afirmação de que a criança da foto é venezuelana e que a desnutrição dela estaria ligada a medidas adotadas pelo regime do presidente Maduro. No entanto, ao se apresentar como conhecedor das estratégias comunistas, Olavo de Carvalho se qualifica, perante seus seguidores, para pronunciar uma verdade, mesmo que seja, na realidade, apenas um engodo.

O termo desinformação ganhou força, principalmente na última década, por conta da emergência das plataformas de relacionamento na internet, mas a tática já era usada desde o início do jornalismo profissional no século XIX (RECUERO, 2020). Derakhshan e Wardle (2017), vão identificar que, desde 2016, com a corrida eleitoral nos Estados Unidos vencida por Donald Trump, o mundo passou a viver sob a perspectiva de uma desordem informativa.

*In the months that we have followed the US election, we've seen phrases such as alternative facts, post-truth, and post-fact enter public discourse, and most troubling, the term 'fake news' has been used as a weapon to discredit the media, undermining the concept of a free press. (Ibid., p. 06)<sup>135</sup>*

Na mesma linha de Recuero (2020), os pesquisadores vão constatar que, embora a desinformação exista desde o século XIX, o fenômeno da desordem informativa se torna endêmica e preocupante nas primeiras décadas do século XXI, principalmente quando agentes políticos passam a usar como estratégia para manipular a opinião pública (DERAKHSHAN; WARDLE, 2017). Devido ao grande volume de conteúdo produzido nas redes e dos impactos da desinformação para as democracias no mundo todo, pesquisadores ainda tentam entender

<sup>135</sup> “Nos meses em que acompanhamos as eleições nos Estados Unidos, nós vimos expressões como fatos alternativos, pós-verdade e pós-fato entrando no discurso público, e o mais preocupante, o termo ‘fake news’ estava sendo usado como arma para desacreditar a mídia, minando o conceito de imprensa livre” (DERAKHSHAN; WARDLE, 2017, p. 06, tradução nossa).

precisamente como agem esses mecanismos, tanto do ponto de vista de quem produz, como de quem consome e é afetado. Por isso, Derakhshan e Wardle (Ibid.) vão propor três tipos de desordem informativa: *disinformation*, *misinformation* e *malinformation*.

O primeiro tipo, que é a definição aceita para o fenômeno da desinformação, refere-se “às informações fabricadas ou manipuladas, de interesse público, espalhadas com a intenção de manipular ou influenciar a opinião pública” (RECUERO, 2020, p. 385). O segundo vai compreender as informações falsas espalhadas de maneira não intencional, mas que, muitas vezes, são entendidas erroneamente, como alguns textos satíricos e charges. Por fim, *malinformation* seriam as publicações deliberadas de conteúdo privado, mas que não tenham nenhuma relevância pública, mas que podem ser usadas para agredir alguém (DERAKHSHAN; WARDLE, 2017).

Por isso, Olavo de Carvalho irá se apoiar nos discursos baseados em desinformação para manipular seus seguidores, criando, assim, narrativas espetaculares. O internauta que o segue não mais acreditará em informações e análises apresentadas pelos meios de comunicação tradicionais, mas sim no que o guru vai indicar. “A brevidade e a simplicidade normalizadas das preposições não garantem em nada a transparência das intenções, quando estão acompanhadas de uma obsessão por pequenas frases, de uma argumentação esquematizada, de uma inquietude fascinada pela audiência.” (COURTINE, 2003, p. 23).

Em 30 de maio de 2018, Carvalho vai postar uma charge que usa a desinformação para atacar mulheres e imprensa. A insinuação é de que as três principais agências de checagem no Brasil, *Lupa*, *Aos Fatos* e *Pública*, receberiam dinheiro do investidor húngaro-americano, George Soros, visto pela extrema-direita como um dos principais financiadores de políticas comunistas para a dominação global<sup>136</sup>.

---

<sup>136</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/275181425967272/posts/1031551080330299>. Acesso em jan. 2023.

**Figura 62:** 30/05/2018 - 2

**Fonte:** banco de dados do autor

A intenção com a postagem fica explícita, desqualificar as maiores agências jornalísticas responsáveis, justamente, por produzir reportagens desmentindo conteúdos falsos que circulam pela internet. A ironia da publicação é que Olavo de Carvalho produz uma peça de desinformação para criticar quem tem a função de desmentir pessoas como ele. “Esse tipo de humor com propósito de enganar são peças fáceis para se tornarem virais, especialmente porque empregam como coadjuvantes imagens, legendas e chamadas sensacionalistas.” (SANTAELLA, 2018, cap. 1)

O ataque à mídia é sintomático, porque vai reforçar a ideia de que os meios de comunicação, ou a “grande mídia” como Carvalho constantemente designa, mentem e estariam à serviço de comunistas. Em postagem feita no dia 27 de maio de 2019, ele deixa claro este pensamento<sup>137</sup>.

**Figura 63:** 27/05/2019 - 1

**Fonte:** banco de dados do autor

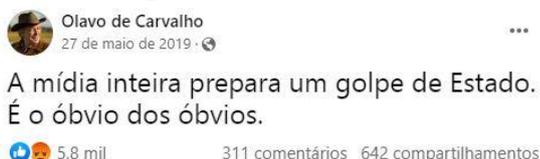
A postagem vai usar o revisionismo para dar uma imagem séria à desinformação. Ao misturar os conceitos de fascismo e comunismo, Carvalho busca reforçar uma ideia presente em seu pensamento, de que o fascismo foi um movimento de esquerda que surgiu a partir da

<sup>137</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/275181425967272/posts/1302488743236530>. Acesso em jan. 2023.

doutrina comunista. Assim, os jornalistas estariam ligados a dois regimes assassinos, portanto, seriam perigosos à população.

A descrédibilização da imprensa vai servir também para que Olavo de Carvalho reforce outras ideias conspiratórias bastante exploradas pela extrema-direita nos últimos anos, por exemplo, a de que os jornais estariam mobilizados contra Bolsonaro. Também em 27 de maio, ele vai dizer que a mídia estaria preparando um golpe de estado<sup>138</sup>.

**Figura 64:** 27/05/2019 - 2



**Fonte:** banco de dados do autor

Ataques como estes geram desconfiança e minam, pouco a pouco, a credibilidade nos meios de comunicação tradicionais, abrindo caminho para a propagação de conteúdos conspiratórios e para a construção de uma realidade paralela na mente dos usuários das redes digitais. A tática vai proporcionar o que Recuero chama de falso consenso, “ou seja, quando um discurso falso se torna prevalente em uma determinada rede, ele tende a impor uma impressão de consenso (inexistente) para seus membros, que acreditam que a informação só pode ser verdadeira, uma vez que todos os demais a aceitam” (2020, p. 385).

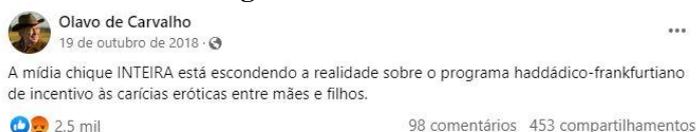
O falso consenso, por sua vez, só vai ser possível a partir das bolhas. A formação das bolhas nas redes é um fenômeno proporcionado pelos algoritmos das plataformas, programados para exibir apenas conteúdos semelhantes aos quais o usuário já tenha o hábito de acessar (PARISER, 2012). Dessa maneira, quanto mais uma pessoa consome determinado tipo de assunto, mais ela só verá aquilo e será ligada às pessoas que compartilham as mesmas crenças. Esse fenômeno também será chamado de câmaras de eco, entendidas como sendo “grupos que filtram o conteúdo que compartilham, dando preferência a informações que reforcem uma narrativa política em particular (de forma semelhante)” (RECUERO; SOARES; RAGO, 2021, p. 4). Ou, na definição de Santaella, as bolhas e câmaras de eco formam um “ecossistema individual e coletivo de informação viciada na repetição de crenças inamovíveis” (2018, apresentação).

Durante a campanha eleitoral de 2018, Olavo de Carvalho foi um dos principais propagadores de conteúdos mentirosos que se tornaram comuns nas discussões políticas dos brasileiros. Um deles era a de que, se eleito, o candidato Fernando Haddad iria acabar com a família tradicional cristã, legalizar o incesto e a pedofilia. Como argumento, Carvalho dizia que

<sup>138</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/275181425967272/posts/1302732069878864>. Acesso em jan. 2023.

o petista, por ser seguidor da Escola de Frankfurt<sup>139</sup>, propunha a sexualização de crianças. Em 19 de outubro de 2018, o escritor fez uma postagem sugerindo que a mídia estaria escondendo esta proposta<sup>140</sup>.

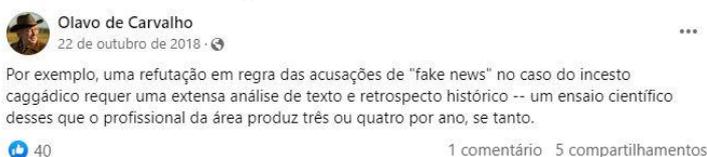
**Figura 65:** 19/10/2018



**Fonte:** banco de dados do autor

Dias depois, Carvalho escreveu que só seria possível negar a suposta existência da proposta de erotização de crianças no plano de governo de Haddad após anos de estudo<sup>141</sup>. Para ele, isso seria prova suficiente para dizer que as agências de checagem que desmentiram a acusação do escritor estariam mentindo.

**Figura 66:** 22/10/2019



**Fonte:** banco de dados do autor

Ao afirmar isto, Olavo de Carvalho sugere que apenas ele teria condições para entender o que estaria por trás das propostas do candidato do PT, uma vez que era um filósofo, estudioso da esquerda, que pairava acima da consciência nacional. Nessa perspectiva, todas as outras pessoas não possuem a mesma capacidade intelectual para proferir a verdade dos fatos, principalmente os jornalistas que, na opinião dele, estão à serviço do comunismo. Mesmo depois da mídia nacional ter desmentido a informação na época<sup>142</sup>, o assunto continuou a circular em grupos extremistas e voltou a ser discutido nas eleições de 2022<sup>143</sup>.

Estas características de circulação de discursos nas plataformas de redes sociais, com formação de bolhas e câmaras de eco, são fundamentais para que Olavo de Carvalho se coloque

<sup>139</sup> A Escola de Frankfurt é um coletivo de pensadores, surgido na Alemanha, na década de 1920, que busca entender, a partir de Marx, Freud e Nietzsche, “a crescente importância dos fenômenos de mídia e cultura de mercado na formação do modo de vida contemporâneo” (RÜDIGER, 2015, p. 132). Em nenhum momento, intelectuais desta linha de pensamento propuseram a sexualização de crianças, como afirmava Olavo de Carvalho.

<sup>140</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/275181425967272/posts/1149454401873299>. Acesso em jan. 2023.

<sup>141</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/275181425967272/posts/1149454401873299>. Acesso em jan. 2023.

<sup>142</sup> Disponível em <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2018/10/16/e-fake-que-haddad-criou-kit-gay-para-criancas-de-seis-anos.ghtml>. Acesso em jan. 2023.

<sup>143</sup> Disponível em <https://www.estadao.com.br/estadao-verifica/kit-gay-bahia/>. Acesso em jan. 2023.

como guru e intelectual. O poder exercido por Carvalho não é da ordem da repressão, mas sim uma rede que produz afetos e induz ações (FOUCAULT, 2018a), para isso, é necessário que o escritor possa ser reconhecido como alguém que possuiu a verdade das coisas. Assim, ele cria um movimento de resistência que se organiza para lutar contra a mídia, as universidades e contra um plano comunista de dominação global. Sunstein (2018) diz que, em uma democracia normal, as pessoas não estariam dentro das câmaras de eco, mas expostas a diferentes opiniões e formas de pensamento. No entanto, a partir dos algoritmos das plataformas, os usuários são colocados em contato apenas com aquilo que lhes agrada, fortalecendo visões de mundo parciais e fantasiosas, em um processo de validação de informações falsas e manipuladas.

Assim como a pintura no teto de Sétimo Severo servia para validar as verdades nos discursos do imperador (FOUCAULT, 2014c), as características de circulação de conteúdos nas plataformas, com a criação de bolhas e câmaras de eco, também têm a função aletúrgica, sendo assim um ritual de manifestação das verdades de Olavo de Carvalho. Uma das diferenças, entretanto, entre o imperador romano e o guru da extrema-direita é que o primeiro exercia o poder institucional e agia em nome do império, enquanto o segundo se mantém às margens das instituições, fomentando a formação de uma militância organizada ao redor de si e seus sistemas de crenças.

### 3.3 O regime de verdade da fantasia e da mentira

Em 1971, a filósofa alemã Hannah Arendt (1973) escreveu uma longa análise sobre os documentos produzidos, anos antes, pelo governo dos Estados Unidos para justificar as ações do exército estadunidense no Vietnã, entre os anos de 1955 a 1965<sup>144</sup>. O relatório, de 14 mil páginas e considerado ultrassecreto, produzido a pedido do então secretário de defesa Robert McNamara, vazou<sup>145</sup> e foi publicado pelo jornal *The New York Times*, ficando conhecido como *Os Documentos do Pentágono*. O problema é que o documento era, na realidade, um embuste, usado como propaganda para minimizar o fato de que os Estados Unidos não tinham nenhum motivo claro e evidente para o envolvimento militar em uma guerra no sul do continente asiático.

Arendt vai chamar a atenção para o papel da mentira e da distorção de uma verdade factual - no caso, o envolvimento militar no Vietnã - na construção de uma narrativa fantasiosa

---

<sup>144</sup> A Guerra do Vietnã acabou oficialmente em 1975, mas os *Documentos do Pentágono* vão até 1965. Portanto, quando Hannah Arendt escreveu sua análise, o conflito ainda acontecia.

<sup>145</sup> No jargão jornalístico, “vazar” significa quando uma informação sigilosa é passada, também em segredo, para algum jornalista publicar.

que marcou a história mundial na segunda metade do século XX. Informações colhidas no *front* de guerra pelos serviços de inteligência foram ignoradas, ações militares foram inventadas e os motivos do conflito descontextualizados para criar o que a filósofa irá chamar de “desfaturização”. O termo é usado para se referir à realidade paralela, surgida pelas informações contidas nos documentos do Departamento de Defesa dos Estados Unidos, com o que, de fato, ocorria com as tropas no Vietnã (Ibid.).

O texto de Arendt foi escrito no começo da década de 1970, em uma época em que era impossível imaginar que, trinta anos depois, a comunicação e as relações humanas seriam modificadas por conta da tecnologia digital. No entanto, encontramos semelhanças entre os conceitos de desfaturização e desinformação. Ambos podem ser encarados como engodos, produzidos e disseminados com a finalidade de causar desorientação, agindo propositadamente para manipular a opinião pública. Como defende Castells (2017), mais importante que exercer o poder por meio da violência é a manipulação e a moldagem das mentes.

Contudo, o impacto causado pela desinformação será mais abrangente. Enquanto o conceito de Arendt vai dizer respeito a um documento secreto, produzido pelo governo para induzir o próprio governo dos Estados Unidos a acreditar em uma ilusão, como em uma espécie de auto embuste, e que posteriormente foi vazado para a imprensa (ARENDR, 1973), a desinformação do século XXI é criada para ser pública, para circular entre o maior número de pessoas por meio das plataformas de relacionamento, potencializando o auto embuste do usuário e criando uma mobilização popular de resistência e desconfiança à imprensa e às universidades, por exemplo, moldada sob a luz de fantasias e conspirações.

Chartier (1999) defende que a história da leitura é uma história de liberdade da forma de ler um texto, de interpretá-lo e de se apropriar dele. Dos primeiros manuscritos, seguidos pelo códex, pela proliferação do impresso e pelo surgimento dos jornais, por exemplo, o público leitor ficou cada vez mais livre com a circulação de ideias e do conhecimento. Atualmente, com o surgimento do texto digital, a relação texto/leitor fica ainda mais estreita, uma vez que cada um tem maior liberdade de interpretação e de manipulação do que é escrito e propagado. Embora admita que cada pessoa que tenha o hábito da leitura possua sua própria singularidade, Chartier (Ibid.) vai afirmar que, ao longo da história, o leitor sempre buscou estar próximo de comunidades em que as ideias em circulação fossem semelhantes aos seus próprios pensamentos e visões de mundo.

Em pleno século XXI, mantém-se a mesma característica dos leitores de séculos passados que procuram se unir a comunidades de interesses semelhantes, mas agora os grupos são criados e organizados através da mediação das plataformas e dos algoritmos. Bruno e Roque

(2019) vão dizer que, em tempos de comunicação mediada pela internet, é preciso se ater à confiança e à credibilidade que o usuário deposita nas mensagens compartilhadas por aplicativos digitais. Para elas, essas duas características, confiança e credibilidade, não surgem de uma hora para outra, mas sim por um processo de produção de discursos em massa e de táticas para minar a legitimidade de organismos produtores de verdades aceitas atualmente, como os meios de comunicação e a ciência.

Com isso, determinados discursos pautados em manipulações, teorias conspiratórias e mentiras ganham força porque são disseminados rapidamente entre aqueles que pertencem ao mesmo círculo de confiança. Para as autoras, é neste ponto que reside a dificuldade de desmentir uma informação falsa compartilhada nas redes sociais.

A repetição de mensagens em grupos de afinidade leva à familiaridade, que, por sua vez, leva a aceitação. Ou seja: mensagens falsas têm apelo quando relacionadas a identidades de grupo, pois as pessoas são mais suscetíveis a aceitar uma informação consistente com outras mensagens nas quais elas já acreditam e que compartilham com seu meio. (Ibid., p. 21)

As formas de comunicação digital, mediadas pelas plataformas, fizeram surgir, portanto, uma outra maneira de compreensão dos acontecimentos que é diferente da noção dada por Nora (1979), no final da década de 1970. Na época, o historiador francês identificou que os conteúdos produzidos pelos meios de comunicação tradicionais operavam como uma espécie de agendamento dos acontecimentos do mundo. No entanto, hoje essa dinâmica já não nos parece ser a mesma. Ao ser desqualificada e desacreditada, a mídia perde espaço para o discurso de gurus e influenciadores, como Olavo de Carvalho, e o mundo físico passa a ser povoado pelo que é produzido no mundo virtual.

Dessa maneira, cartazes com a frase “Olavo tem razão”, surgida na internet a partir das jornadas de junho de 2013 (ROCHA, 2021), começaram a ser empunhados em diversas manifestações promovidas no Brasil pela extrema-direita. Este fenômeno merece atenção por apontar para um jogo surgido nos círculos virtuais de discussões conservadores, mas que se espalha pelo corpo social, a ponto de ganhar as ruas e influenciar a própria democracia.

*En menos de una década, las normas de la socialidad online cambiaron de manera drástica, y todavía se muestran fluctuantes. Los patrones de comportamiento existente en la sociedad offline (física) se mezclan cada vez más con las normas sociales y sociotécnicas generadas en el entorno online, que adquieren así una nueva dimensionalidad.* (VAN DIJCK, 2016, p. 23)<sup>146</sup>

---

<sup>146</sup> “Em menos de uma década, as normas de sociabilidade online mudaram drasticamente e ainda flutuam. Os padrões de comportamento existentes na sociedade *offline* (física) estão cada vez mais misturados com as normas sociais e sociotécnicas geradas no ambiente *online*, que assim adquirem uma nova dimensionalidade” (VAN DIJCK, 2016, p. 23, tradução nossa).

A produção de regimes de verdade é indissociável do exercício do poder (FOUCAULT, 1999, 2008b, 2014c) e, por isso, Carvalho precisa se tornar confiável aos olhos da sociedade. Além de escrever, por diversas vezes, estar acima de outros pensadores, o escritor aproveitava manifestações de rua para mostrar o quanto as pessoas eram gratas ao seu trabalho intelectual. Em 21 de outubro de 2018, dias antes do 2º turno das eleições presidenciais, ocorreram manifestações pelo Brasil em apoio à candidatura de Jair Bolsonaro e, um dia depois, o guru compartilhou imagens para reforçar sua posição de destaque<sup>147</sup>.

**Figura 67:** 22/10/2018



**Fonte:** banco de dados do autor

Meses depois, em 26 de maio de 2019, já com Bolsonaro na presidência da República, ocorreram outras manifestações pelo país, dessa vez em defesa do governo. Neste dia, Carvalho compartilhou mais uma série de fotografias que mostravam cartazes com frases de agradecimento ao escritor, como se ele fosse responsável pela emergência de um saber conservador<sup>148</sup>.

<sup>147</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/275181425967272/posts/1151212091697530>. Acesso em jan. 2023.

<sup>148</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/275181425967272/posts/1302128723272532>. Acesso em jan. 2023.

**Figura 68:** 26/05/2019

**Fonte:** banco de dados do autor

Ambas as postagens podem ser analisadas como parte da aleturgia olavista, ou seja, servem apenas como ritual para manifestar a verdade do escritor. Na visão de seus seguidores, ele tem tanta razão que é preciso agradecê-lo por ter mostrado a verdade que possibilitou a vitória de Bolsonaro nas urnas. Entretanto, é preciso olhar para estes tipos de conteúdos como parte de uma estratégia maior para conduzir condutas e exercer o poder.

A campanha eleitoral à presidência de 2022 foi cercada por críticas ao sistema eleitoral brasileiro. Tanto Bolsonaro, como seus eleitores, fizeram circular na internet mentiras relacionadas a fraudes nas urnas eletrônicas e na contagem dos votos<sup>149</sup>. Em 2018 a mesma teoria já tinha sido divulgada. Na época, os eleitores de Bolsonaro defendiam a ideia de fraude porque, na opinião deles, o ex-presidente havia ganhado a eleição já no primeiro turno<sup>150</sup>.

Para entender este argumento é preciso voltar ao início de 2015, quando a ex-presidenta Dilma Rousseff assumiu o segundo mandato presidencial. Após a eleição de 2014, o candidato derrotado, Aécio Neves, do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), questionou na justiça eleitoral a vitória da petista<sup>151</sup>. Na época, Olavo de Carvalho foi um dos principais defensores da teoria de fraude nas urnas. Em 17 de março de 2015, ele foi enfático ao não reconhecer a legitimidade do pleito<sup>152</sup>.

<sup>149</sup> Deputados da base bolsonaristas chegaram a propor em 2022 uma Proposta de Emenda à Constituição (PEC) para que fosse garantido voto impresso, mas o projeto não foi aprovado na Câmara dos Deputados. Disponível em <https://www.camara.leg.br/noticias/792343-camara-rejeita-proposta-que-tornava-obrigatorio-o-voto-impresso/>. Acesso em jan. 2023.

<sup>150</sup> Disponível em <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2022/01/4977557-bolsonaro-volta-a-acusar-fraude-nas-eleicoes-de-2018-e-fala-em-solidao-profunda.html>. Acesso em jan. 2023.

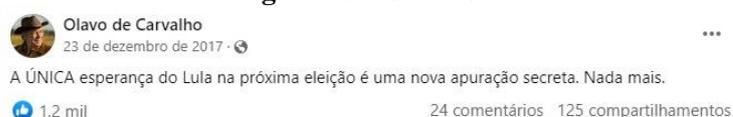
<sup>151</sup> Disponível em <https://g1.globo.com/politica/noticia/2014/12/psdb-pede-tse-cassacao-de-dilma-e-posse-de-aecio-como-presidente.html>. Acesso em jan. 2023.

<sup>152</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/275181425967272/posts/463427027142710>. Acesso em jan. 2023.

**Figura 69:** 17/03/2015

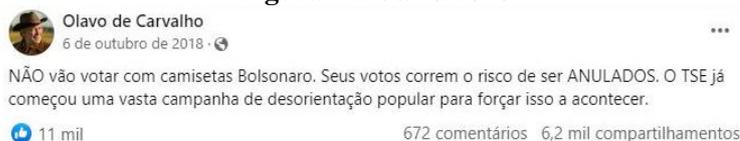
**Fonte:** banco de dados do autor

A análise dos anos de publicações que compõem o *corpus* desta pesquisa identificou que, desde então, Olavo de Carvalho, não deixou a ideia no esquecimento. Em 23 de dezembro de 2017, quando Lula ainda era tido como possível candidato para o ano seguinte, uma postagem afirmava que o então ex-presidente só ganharia a eleição se houvesse fraude na apuração dos votos<sup>153</sup>.

**Figura 70:** 23/12/2017

**Fonte:** banco de dados do autor

Nos meses que antecederam a eleição de outubro, Carvalho intensificou os ataques ao sistema de apuração de votos. Dois dias antes do primeiro turno da eleição, ocorrido em 08 de outubro, o escritor afirmou que já havia um plano em andamento, elaborado pelo próprio Tribunal Superior Eleitoral (TSE), para anular votos do então candidato Bolsonaro<sup>154</sup>.

**Figura 71:** 06/10/2018

**Fonte:** banco de dados do autor

A campanha de desinformação contra as eleições foi ampla, com circulação de vídeos com supostas fraudes, teorias de invasão no sistema digital da justiça eleitoral, urnas adulteradas, entre outras coisas. As mentiras começaram a ser espalhadas antes mesmo de sair o resultado do primeiro turno, obrigando o TSE a criar uma página específica, dentro do site oficial do Tribunal, para negar cada farsa que circulava pelas plataformas digitais<sup>155</sup>. Mesmo

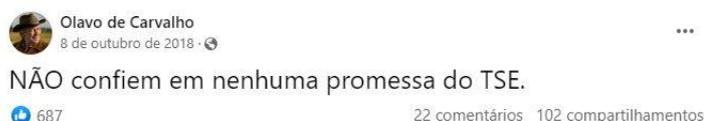
<sup>153</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/275181425967272/posts/945699895582085>. Acesso em jan. 2023.

<sup>154</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/275181425967272/posts/1141933242625415>. Acesso em jan. 2023.

<sup>155</sup> Disponível em <https://www.tse.jus.br/hotsites/esclarecimentos-informacoes-falsas-eleicoes-2018/index.html>. Acesso em jan. 2023.

assim, a primeira postagem feita por Olavo de Carvalho em 08 de outubro de 2018, dia do primeiro turno, foi para desacreditar qualquer informação dada pela justiça eleitoral<sup>156</sup>.

**Figura 72:** 08/10/2018



**Fonte:** banco de dados do autor

O que o escritor quer com as postagens sobre a fraude eleitoral é induzir a população a não acreditarem em um dos poderes constitutivos da República, neste caso o Poder Judiciário, mas sim nele. O sistema de urnas eletrônicas foi implantado no Brasil em 1996 e, desde então, nunca ocorreu nenhum registro de irregularidade e manipulação dos votos<sup>157</sup>, mesmo assim, sem nenhum argumento factível, a não ser as próprias ideias e fantasias, para o guru da extrema-direita é ele quem tem razão e todos deveriam ouvi-lo.

Não cabe a esta pesquisa investigar se Olavo de Carvalho realmente acreditava em seus delírios, como um mitômano, ou então se a farsa criada em torno das urnas eletrônicas, por exemplo, é um embuste calculado para manipular a opinião pública de acordo com algum plano mais amplo<sup>158</sup>. O fato é que, a todo momento, o escritor tenta impor um regime de verdade baseado no descrédito às instituições democráticas.

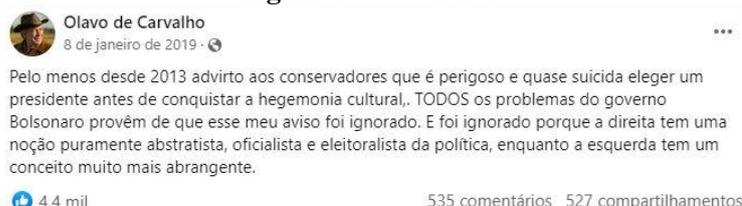
Em 2019, com Jair Bolsonaro eleito e alguns de seus alunos indicados para cargos importantes na estrutura da máquina pública, Carvalho adota uma postura diferente. Se antes os principais textos publicados no Facebook eram, principalmente, voltados à formação de focos de resistência contra o *establishment*, a partir da presidência de Bolsonaro, ele também passa a alertar que, caso seus conselhos não fossem levados a sério, o governo estaria em risco diante dos supostos inimigos. Em 08 de janeiro de 2019, Carvalho avisa que há anos fala sobre a importância de conquistar uma hegemonia cultural voltada para o conservadorismo, mas que foi ignorado<sup>159</sup>.

<sup>156</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/275181425967272/posts/1142948302523909>. Acesso em jan. 2023.

<sup>157</sup> Disponível em <https://www.tse.jus.br/institucional/escola-judiciaria-eleitoral/publicacoes/revistas-da-eje/artigos/revista-eletronica-eje-n.-6-ano-4/por-que-a-urna-eletronica-e-segura>. Acesso em jan. 2023.

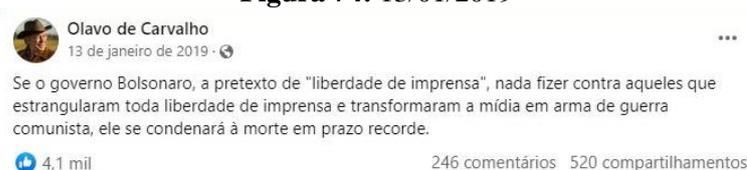
<sup>158</sup> Olavo de Carvalho mantinha relação próxima com Steve Bannon, ex-estrategista do ex-presidente dos Estados Unidos Donald Trump. Em 2019, o escritor brasileiro postou fotos quando Bannon foi até a casa dele na Virgínia e depois quando Carvalho retribuiu a visita. O fato é que Trump usou tática semelhante quando perdeu as eleições norte-americanas em 2021 e alegou fraude na contagem dos votos. Assim como em janeiro de 2023 no Brasil, eleitores de Trump, motivados pela mentira e manipulação, invadiram e depredaram o prédio do Congresso. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-55042130>. Acesso em jan. 2023.

<sup>159</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/275181425967272/posts/1204770266341712>. Acesso em jan. 2023.

**Figura 73: 08/01/2019**

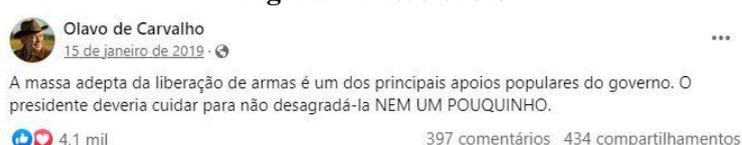
**Fonte:** banco de dados do autor

Cinco dias depois o alerta foi para que Bolsonaro fizesse algo contra os meios de comunicação que, como já mostrado, na opinião de Carvalho, estariam à serviço do comunismo<sup>160</sup>.

**Figura 74: 13/01/2019**

**Fonte:** banco de dados do autor

Passados mais dois dias, em 15 de janeiro, a cobrança será feita em cima de uma das principais plataformas do bolsonarismo, a liberação do porte de armas. Até aquele momento, o governo ainda não tinha tomado nenhuma medida para garantir a facilitação ao acesso às armas e a postagem teve um tom de ameaça para Bolsonaro não desagradar os armamentistas<sup>161</sup>.

**Figura 75: 15/01/2019**

**Fonte:** banco de dados do autor

Com o passar dos primeiros meses do novo governo, Carvalho começa a entrar em conflito com alguns setores da base do então presidente, principalmente militares e parlamentares, que estariam desalinhados ao conjunto moral defendido por ele. A moral olavista, nesse sentido, deve ser entendida como “o código de valores e de regras que se propõe aos indivíduos ou a adequação de seus comportamentos a esses valores e regras” (CASTRO, 2021, p. 123).

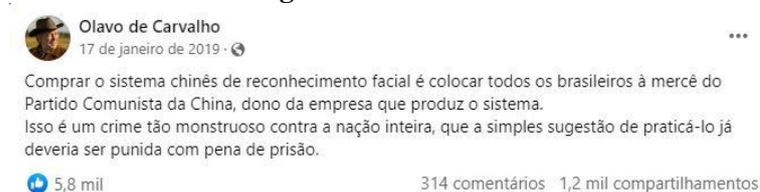
Os primeiros atritos vão aparecer ainda na segunda quinzena de janeiro de 2019, poucas semanas após a posse, quando um grupo de parlamentares do partido de Bolsonaro foi à China em uma missão para tentar estabelecer parcerias comerciais com empresas que atuam com

<sup>160</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/275181425967272/posts/1207838529368219>. Acesso em jan. 2023.

<sup>161</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/275181425967272/posts/1209658165852922>. Acesso em jan. 2023.

tecnologias de monitoramento por reconhecimento facial<sup>162</sup>. Em 17 de janeiro daquele ano, Olavo de Carvalho fez pelo menos 10 postagens criticando a viagem dos deputados bolsonaristas. Em uma delas, o escritor afirma que o sistema de reconhecimento facial seria usado pelo Partido Comunista Chinês para controlar a população brasileira<sup>163</sup>.

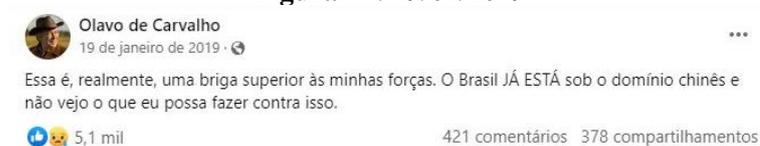
**Figura 76:** 17/01/2019



**Fonte:** banco de dados do autor

Dois dias depois, em 19 de janeiro, diante da repercussão que a viagem teve, uma vez que questões econômicas foram colocadas em primeiro plano em detrimento a questões ideológicas, ele afirma que não poderia mais ajudar a salvar o país<sup>164</sup>.

**Figura 77:** 19/01/2019



**Fonte:** banco de dados do autor

Com o decorrer da gestão de Bolsonaro, a ala ideológica ligada a Olavo de Carvalho perde espaço no governo para os militares<sup>165</sup>. Como isso, o guru ficou cada vez mais insatisfeito e, até morrer em janeiro de 2022, embora continuasse defendendo Bolsonaro, se mostrou um dos principais críticos dos caminhos políticos escolhidos pelo governo federal.

Carvalho buscou, até o fim da vida, construir uma sociedade baseada nos regimes de verificação propostos por sua ideologia. Nas palavras de Foucault, o “regime de verificação não é uma certa lei da verdade, mas sim o conjunto das regras que permitem estabelecer, a propósito de um discurso dado, quais enunciados poderão ser caracterizados, nele, como verdadeiros ou falsos” (2008b, p. 49). Assim, ao desqualificar os saberes aceitos atualmente para que os seus fossem aceitos, o guru criou uma realidade paralela e ilusória, que só pode surgir a partir das condições dadas pelas plataformas de redes sociais.

<sup>162</sup> Disponível em <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2019/01/16/bancada-do-psl-vai-a-china-para-importar-tecnicas-de-reconhecimento-facial.htm>. Acesso em jan. 2023.

<sup>163</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/275181425967272/posts/1210841155734623>. Acesso em jan. 2023.

<sup>164</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/275181425967272/posts/1212386385580100>. Acesso em jan. 2023.

<sup>165</sup> Pesquisas realizadas nos quatro anos da gestão de Bolsonaro apontam que mais de seis mil militares chegaram a fazer parte da cúpula do governo federal. Disponível em <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2022/11/14/como-ficam-os-militares-depois-da-vitoria-de-lula.htm>. Acesso em jan. 2023.

Como Tirésia, adivinho da tragédia *Édipo Rei*, de Sófocles, analisada por Foucault em *Do governo dos vivos* (2014c), Olavo de Carvalho se assume como uma espécie de oráculo, responsável por pronunciar a aleturgia divina, que é natural e incontestável. "Não simplesmente: eu digo, mas: eu proclamo, eu afirmo, eu decreto, ao mesmo tempo eu anuncio e eu pronuncio. Digo que isso acontecerá e digo que acontece" (Ibid., p. 38). Ou seja, a verdade oracular, do adivinho vai se situar no futuro, em verdades sobre o que irá acontecer.

A sociedade idealizada por Olavo de Carvalho surge, portanto, da desinformação, tendo a mentira e a manipulação como pressupostos. Como defende Arendt, "a veracidade nunca esteve entre as virtudes políticas, e mentiras sempre foram encaradas como instrumentos justificáveis nestes assuntos" (1973, p. 15). O guru da extrema-direita deixa claro que sabe que para exercer o poder será preciso controlar o discurso histórico, garantindo, assim, a legitimação de seus saberes e de suas vontades de verdade, nem que sejam apoiadas em ilusões, conspirações, manipulações e mentiras.

### Considerações Finais

Em 08 de janeiro de 2023, uma semana após o presidente Luís Inácio Lula da Silva tomar posse pela terceira vez como presidente da República, o mundo assistiu a cenas chocantes. Inconformados com a derrota de Jair Bolsonaro nas urnas, milhares de eleitores bolsonaristas, que desde o final das eleições protestavam em portas de quartéis do exército, invadiram e depredaram os prédios do Congresso Nacional, Supremo Tribunal Federal e Palácio do Planalto<sup>166</sup>. Os três símbolos da independência dos poderes da República foram alvos de sentimentos de ódio que, há anos, eram gestados no interior das plataformas de redes sociais.

Mais de 1000 pessoas foram presas após os atos de vandalismo. Em depoimentos à polícia, os detidos alegaram que foram motivados pela insatisfação em relação ao resultado das eleições, desconfiança na lisura do processo eleitoral brasileiro, risco de comunismo, implantação da chamada ideologia de gênero, entre outras teorias conspiratórias<sup>167</sup>. Os vândalos bolsonaristas, responsáveis pela destruição do patrimônio público, se organizavam por meio de grupos de mensagens telemáticas, como WhatsApp e Telegram, e por plataformas como Facebook, Twitter e Instagram, onde trocavam informações e notícias, principalmente de cunho golpistas e mentirosas<sup>168</sup>.

As imagens dos ataques do dia 08 de janeiro chocam pelo tamanho do ódio, da fúria e do desrespeito às instituições democráticas e levantam questionamentos a respeito do que aconteceu para que se chegasse àquele ponto. Neste aspecto, é preciso voltar a atenção a Olavo de Carvalho, não para olhar os efeitos da destruição, mas para entender a manifestação das relações de poder pela verdade nos discursos produzidos em plataformas digitais. Para Van Dijck (2016), os comportamentos adotados pela sociedade nos últimos anos foram influenciados pelos discursos produzidos nas redes. Assim, é importante que se compreenda as estratégias empregadas por influenciadores digitais que surgiram no jogo político nos últimos anos e ganharam espaços que, muitas vezes, eram ocupados pelos meios de comunicação tradicionais.

Os mecanismos de controle do discurso, como propostos por Foucault (2014a), serão incorporados pela tecnologia digital e as plataformas darão um novo significado para quem pode pronunciar um discurso. O entendimento de que nem todos estão autorizados a falar sobre

---

<sup>166</sup> Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2023/01/presidentes-dos-tres-poderes-chamam-atos-de-golpistas-e-terroristas-e-pregam-uniao.shtml>. Acesso em jan. 2023.

<sup>167</sup> Disponível em <https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/01/13/em-depoimento-golpistas-presos-justificam-atos-terroristas-com-alegacoes-ja-utilizadas-por-bolsonaro-compare.ghtml>. Acesso em jan. 2023.

<sup>168</sup> Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-64230619>. Acesso em jan. 2023.

tudo e a qualquer momento, será ressignificado, pois, nas mídias digitais do século XXI todos podem falar, sobre qualquer assunto, de qualquer maneira e a qualquer momento. No entanto, aquele que fala ainda precisa ter autoridade sobre o discurso se quiser manter uma posição de influência. Embora haja essa profusão de falas, nem todos estão qualificados para tal atividade, portanto, para Olavo de Carvalho será preciso mostrar e garantir que suas vontades de verdade sejam levadas a sério.

No final da década de 1970, Pierre Nora vai identificar o papel dos meios de comunicação tradicionais no agendamento dos acontecimentos.

É as *mass media* que se deve o reaparecimento do monopólio da história. De agora em diante esse monopólio lhes pertence. Nas nossas sociedades contemporâneas é por intermédio deles e somente por eles que o acontecimento marca a sua presença e não nos pode evitar. (1979, p. 181)

Entretanto, nos dias de hoje, vemos um outro tipo de movimento. Por meio de campanhas de descredibilização, as mídias tentam fazer frente ao falso sentimento de liberdade proporcionado pelas redes sociais. O processo de desmediatização, como explicado por Han (2018), faz com que a informação mediada pelo olhar do jornalista, por exemplo, seja colocada em suspeição. Com isso, abre-se o espaço para que Olavo de Carvalho se posicione como guru, como filósofo e intelectual, dono de saberes autênticos e independentes e vontades de verdade. Esse movimento pode ser observado pelas críticas feitas ao saber acadêmico. Ao criticar e desvalorizar o papel das escolas e das universidades, Carvalho pode assumir um papel na formação da educação de seus seguidores.

Os efeitos dos mecanismos de circulação de conteúdos nas redes digitais também terão papel de destaque. Os algoritmos de personalização, presente no sistema das plataformas, vai criar bolhas e câmaras de eco, fazendo com que o usuário se feche, cada vez mais, em um mundo particular e ilusório, onde não entra o contraditório. Olavo de Carvalho vai se inserir no mundo digital com a *web 2.0* e encontrar na *3.0* as condições de possibilidades favoráveis para a consolidação de sua estratégia de condução de condutas. Com a rapidez na produção de conteúdos e, conseqüentemente, sua facilidade de dispersão em diferentes tipos de plataformas, o escritor pode criar discursos cada vez mais personalizados que atendessem os propósitos traçados por ele.

Durante os anos analisados nesta dissertação, é perceptível que Carvalho faz deslocamentos na forma de se posicionar perante os acontecimentos políticos. Não em temas e conteúdo, pois suas obsessões continuam as mesmas, mas na maneira de se colocar, perante a sociedade, como o detentor da verdade em um período de fortalecimento de ideias

ultraconservadoras e de líderes de extrema-direita. Entre 2015 e 2016, início do segundo governo da ex-presidente Dilma Rousseff e, posteriormente, o golpe que a tirou da presidência, Olavo de Carvalho foi uma das principais vozes do antipetismo. Por meio da noção do sujeito normal e do anormal, o guru vai atacar todos que não se encaixarem dentro de seus critérios morais. Nos três anos seguintes, 2017, 2018 e 2019, o escritor buscou se fortalecer como líder do movimento de resistência conservador e de extrema-direita, responsável pela vitória de Jair Bolsonaro nas eleições presidenciais. Para isso, ele irá se apoiar na desinformação como jogo na relação saber-poder, em uma tentativa de construir um regime onde suas vontades de verdade sejam levadas à sério. Por fim, nos dois últimos anos de vida, 2020 e 2021, Carvalho foi um dos principais nomes que negaram a gravidade da pandemia de Covid-19. Por meio da mentira, Carvalho irá atuar para desacreditar os institutos de pesquisa e medidas adotadas pelas autoridades sanitárias no mundo todo para conter as contaminações, além de ser um dos principais propagadores de discursos anti-vacinas.

Nesta pesquisa, portanto, consideramos que o discurso de Olavo de Carvalho é todo construído com base na desinformação. Nas palavras da jornalista Patrícia Campos Mello, vítima de uma campanha de difamação nas plataformas de redes sociais por causa de uma série de reportagens produzidas após o primeiro turno das eleições que atingia diretamente a campanha de Jair Bolsonaro<sup>169</sup>, “temos cada vez mais uma realidade paralela moldada pelas redes sociais” (MELLO, 2020, introdução).

Ao iniciar esta pesquisa, minha inquietação era compreender melhor o que estava acontecendo no Brasil com o surgimento de uma direita raivosa, que se apropriou de estratégias semelhantes às adotadas durante os movimentos da Primavera Árabe. A minha geração, que cresceu nas décadas de 1980 e 1990 e entrou no mercado de trabalho na virada dos anos 2000, pegou o surgimento das plataformas de redes sociais e todas as transformações que elas causaram nos relacionamentos entre as pessoas. Como jornalista, dentro de uma redação, acompanhei de perto as primeiras manifestações no Brasil em 2013 e, em um primeiro momento, por necessidade profissional, passei a acompanhar de perto o surgimento de grupos que se mobilizaram pela internet e espalhavam discursos de ódio e teorias absurdas, como um golpe comunista iminente. Olavo de Carvalho vai aparecer para mim dentro deste contexto e, de imediato, fiquei intrigado com aquela figura.

---

<sup>169</sup> No dia 18 de outubro de 2018, Patrícia Campos Mello começou a publicar uma série de reportagens, no jornal *Folha de S. Paulo*, em que denunciava que empresários estariam contratando empresas para fazer disparos de mensagens em massa no WhatsApp contra o Partido dos Trabalhadores. A medida é proibida pela justiça eleitoral. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/empresarios-bancam-campanha-contra-o-pt-pelo-whatsapp.shtml>. Acesso em jan. 2023.

Fazer a genealogia dos discursos do guru da extrema-direita me levou a compreender melhor o funcionamento da estratégia utilizada por ele para mobilizar uma milícia coesa e resistente. Por meio do diagnóstico do presente, pude situar a participação de Olavo de Carvalho dentro de um movimento atual de contracondutas, que passa pelo disciplinamento de saberes, pela classificação da sociedade entre normais e anormais e pela utilização dos mecanismos de desinformação.

No entanto, o sentimento é de que ainda há muita coisa a ser compreendida ainda. Embora Olavo de Carvalho tenha morrido em 2022, suas ideias ainda circulam pelos seus seguidores e vão continuar a produzir efeitos, por isso é preciso dar prosseguimento a esta pesquisa, seja explorando melhor a relação dos discursos com as plataformas digitais e a criação de desinformação, ou as relações de sujeição entre influenciadores e influenciados, ou seja, pela formação da subjetividade do sujeito conservador dos dias de hoje. O campo ainda é amplo, com muitos caminhos possíveis a serem seguidos, uma vez que o material colhido para esta dissertação está longe de ser esgotado.

Por mais que em muitas ocasiões Olavo de Carvalho pareça um bufão, diante de tamanho absurdo de algumas postagens, é imperativo fazer frente a discursos que visem a desqualificação do saber científico. Como os fascistas italianos que gritavam que Mussolini sempre tinha razão, no Brasil de hoje se grita que Olavo tem Razão. Como o Grande Irmão orwelliano, Carvalho sabe que é preciso controlar a informação e a história para sujeitar a população. Cabe a nós, professores, jornalistas, historiadores e pesquisadores, entender esta estratégia e tentar, de alguma forma, lutar contra.

### Referências bibliográficas

- AGAMBEN, Giorgio. **O que é contemporâneo?:** e outros ensaios. Chapecó: Argos, 2009.
- ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos. *In*: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. (org). **Memória e (res)sentimento:** indagações sobre uma questão sensível. 2. ed. Campinas: Editora Unicamp, 2004.
- ARENDT, Hannah. Mentira na política: considerações sobre os documentos do Pentágono. *In*: ARENDT, Hannah. **Crises da república.** São Paulo: Editora Perspectiva, 1973.
- ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo:** antissemitismo, imperialismo, totalitarismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- ARENDT, Hannah. Verdade e política. *In*: ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro.** São Paulo: Editora Perspectiva, 2016.
- ARTIÈRES, Philippe. Dizer a atualidade: o trabalho de diagnóstico em Michel Foucault. *In*: GROS, Frédéric (org.). **Foucault:** a coragem da verdade. São Paulo: Parábola Editorial, 2018.
- BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento:** o contexto de François Rabelais. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1987.
- BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício do historiador.** Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- BONNAFOUS, Simone. Sobre o bom uso da derrisão em J. M. Le Pen. *In*: GREGOLIN, Maria do Rosário *et al.* **Discurso e mídia:** a cultura do espetáculo. São Carlos: Claraluz, 2003.
- BRUNO, Fernanda; ROQUE, Tatiana. A ponta de um *iceberg* de desconfiança. *In*: BARBOSA, Mariana (org.). **Pós-verdade e fake news:** reflexões sobre a guerra de narrativas. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- BUGALHO, Henry; CARVALHO, Heloísa de. **Meu pai, o guru do presidente.** Curitiba: Kotter Editorial, 2020. *E-book*.
- BURKE, Peter. **A revolução francesa da historiografia:** a Escola dos *Annales* 1929-1989. São Paulo: Editora Unesp, 1991.
- BURKE, Peter (org). **A escrita da história:** novas perspectivas. São Paulo: Editora Unesp, 1992.
- BURKE, Peter. **A fabricação do rei:** a construção da imagem pública de Luís XIV. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- CANDIOTTO, César. **Foucault e a crítica da verdade.** Belo Horizonte: Autêntica Editora; Curitiba: Champagnat, 2010.

- CANGUILHEM, Georges. **O normal e o patológico**. 6. ed. rev. São Paulo: Forense Universitária, 2009
- CARVALHO, Olavo. **O Imbecil Coletivo**: atualidades inculturais brasileiras. 7. ed. [S.l.]: Faculdade da Cidade Editora, 1999. *E-book*.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**: volume 1. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da comunicação**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2017.
- CASTRO, Edgardo. **Introdução a Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.
- CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault**: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.
- CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- CHARTIER, Roger. Do códice ao monitor: a trajetória do escrito. **Estudos Avançados** [S.l.], vol.8, no.21, p. 185-199. Ago. 1994.
- CHARTIER, Roger. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. São Paulo: Editora UNESP, 1999.
- CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- CHÂTELET, François; DUHAMEL, Olivier; PISIER, Evelyne. **História das ideias políticas**. 2 ed. São Paulo: Jorge Zahar Editora, 2009. *E-book*.
- COHEN, Stanley. *States of denial: knowing about atrocities and suffering*. Cambridge: Polity Press, 2001.
- COURTINE, Jean-Jacques. Os deslizamentos do espetáculo político. In: GREGOLIN, Maria do Rosário et al. **Discurso e mídia**: a cultura do espetáculo. São Carlos: Claraluz, 2003.
- COURTINE, Jean-Jacques. **Decifrar o corpo**: pensar com Foucault. Petrópolis: Vozes, 2013.
- DARNTON, Robert. Pós-Verdade: a verdadeira história das notícias falsas. **El País**. s. l. 2017. Cultura. Disponível em: <https://tinyurl.com/yc6wsea3>. 2022.
- DERAKHSHAN, Houssein; WARDLE, Claire. *Information disorder: definitions*. In: *Understanding and addressing the disinformation ecosystem*, 1., 2017, Filadélfia. **Anais** [...]. Filadélfia: *University of Pennsylvania*, 2017. p. 5-12. Disponível em: <https://bit.ly/2GbeyJ2>. Acesso em jan. 2023.
- DERRIDA, Jacques. História da mentira: prolegômenos. **Estudos Avançados**. São Paulo, v.10, n.27, ago. 1996. Disponível em: <https://tinyurl.com/5n7vsm5s>. Acesso em: ago.2022.
- DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2019.

DOSSE, François. **História em migalhas**: dos *Annales* à Nova História. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

DOSSE, François. **A história a prova do tempo**: da história em migalhas ao resgate do sentido. 2 ed. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

DUARTE, André. Biopolítica e resistência: o legado de Michel Foucault. *In*: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo. **Figuras de Foucault**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

DREYFUS, Hubert L. RABINOW, Paul. (org). **Michel Foucault**: uma trajetória filosófica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

ECO, Umberto. **História da feiura**. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2022.

FERNANDES, Sílvia. Alfred Jarry. *In*: JARRY, Alfred. **Ubu Rei**. São Paulo: Editora Peixoto Neto, 2007.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 2**: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. *In*: DREYFUS, H; RABINOW, P. (Orgs.). **Michel Foucault: Uma Trajetória Filosófica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. Retorno à história. *In*: FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos II**: arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000

FOUCAULT, Michel. Poder e saber. *In*: FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos IV**: estratégia, poder-saber. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006a.

FOUCAULT, Michel. A filosofia analítica da política. *In*: FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos V**: ética, sexualidade e política. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006b.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, território e população**. São Paulo: Martins Fontes, 2008a.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

FOUCAULT, Michel. **Os anormais**: curso no *Collège de France* (1974-1975). São Paulo: Martins Fontes, 2010a.

FOUCAULT, Michel. O poder, uma besta magnífica. *In*: FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos VI**: repensar a política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010b.

FOUCAULT, Michel. A extensão social da norma. *In*: FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos VII**: arte, epistemologia, filosofia e história da medicina. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 24ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014a.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 42 ed. Petrópolis: Vozes, 2014b.

FOUCAULT, Michel. **Do governo dos vivos: curso do Collège de France (1979-1980)**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014c.

FOUCAULT, Michel. Verdade e poder. *In*: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2018a.

FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. *In*: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 8ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2018b.

FOUCAULT, Michel. Os intelectuais e o poder. *In*: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 8ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2018c.

FOUCAULT, Michel. Poder-corpo. *In*: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 8ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2018d.

FOUCAULT, Michel. Não ao sexo rei. *In*: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 8ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2018e.

FOUCAULT, Michel. Sobre a história da sexualidade. *In*: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 8ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2018f.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. 10 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.

FUNARI, Pedro Paulo. Anacronismos e apropriações. *In*: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (org). **Novos combates pela história: desafios-ensino**. São Paulo: Editora Contexto, 2021.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. O acontecimento discursivo na mídia: metáfora de uma breve história do tempo. *In*: GREGOLIN, Maria do Rosário et al (org). **Discurso e mídia: a cultura do espetáculo**. São Carlos: Claraluz, 2003.

GREGOLIN, Maria do Rosário. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos e duelos**. 2. ed. São Carlos: Editora Claraluz, 2006.

HAN, Byung-Chul. **No enxame**. Petrópolis: Vozes, 2018. *E-book*.

HUNT, Lynn (org). **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

JARRY, Alfred. **Ubu Rei**. São Paulo: Editora Peixoto Neto, 2007.

KEHL, Maria Rita. Elogio do medo. *In*: NOVAES, Adauto. **Ensaio sobre o medo**. São Paulo: Editora Senac, 2007.

KEHL, Maria Rita. **Ressentimento**. 3. ed. São Paulo: Boitempo, 2020.

LE GOFF, Jacques. **A história nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

LE GOFF, Jacques. Prefácio. In: BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

LE GOFF, Jacques. Foucault e a “nova história”. **Plural**, São Paulo, v. 10, p. 197-209, 2º sem. 2003.

LEME, José Luís Câmara. A crise da governamentalidade e o poder ubuesco. In: ALBUQUERQUE JÚNIOR Durval Muniz de; VEIGA-NETO, Alfredo; SOUZA FILHO, Alípio (org.). **Cartografias de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

LERNER, Celina. **A mentalidade conservadora no Brasil: uma análise da interação política em redes sociais digitais (2012-2018)**. 2019, 259 p. Tese (Doutorado em Ciências Humanas e Sociais) - Universidade Federal do ABC, São Bernardo do Campo, 2019.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LEWIS, Rebecca; MARWICK, Alice. **Media manipulation and disinformation online**. [S.l.]: Data & Society Group, 2017. *E-book*.

MACHADO, Roberto. Por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 8 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto Comunista**. São Paulo: Boitempo Editorial, 1998.

MARX, Karl. **Sobre a questão judaica**. São Paulo: Boitempo, 2010.

MBEMBE, Achille. **Políticas da inimizade**. São Paulo: n-1 Edições, 2020.

MOROZOV, Evgeny. **Big Tech: a ascensão dos dados e a morte da política**. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. Sobre a verdade e a mentira no sentido extramoral. In: NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Obras incompletas**. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos ídolos: ou como se filosofa com o martelo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. *E-book*.

NORA, Pierre. O retorno do fato. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História: novos problemas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1979.

PARISER, Eli. **O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2012. *E-book*.

PATSCHIKI, Lucas. **Os leitores da nossa burguesia: o Mídia Sem Máscara em atuação partidária**. 2012. 176 p. Dissertação. (Mestrado em História) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2012.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana. **Amanhã vai ser maior: o que aconteceu com o Brasil e as possíveis rotas de fuga para a crise atual**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019. *E-book*.

PLATÃO. Livro III. *In: PLATÃO. A república*. 15. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2017.

PRADO FILHO, Kleber. **Michel Foucault: uma história da governamentalidade**. Rio de Janeiro: Editora Insular, 2006.

RAGO, Margareth. O efeito-Foucault na historiografia brasileira. **Tempo Social**, São Paulo, 7(1-2): 67-82, out. 1995.

RECUERO, Raquel. #FraudenasUrnas: estratégias discursivas de desinformação no Twitter nas eleições de 2018. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, [S.l.], v. 20, n. 3, p. 383-406, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1984-6398202014635>.

RECUERO, Raquel; SOARES, Felipe; ZAGO, Gabriela. Polarização, hiperpartidarismo e câmaras de eco: como circula a desinformação sobre COVID-19 no Twitter. **Contracampo**, Niterói, v. 40, n. 1, p. XXX-YYY, jan./abr. 2021. DOI: <http://doi.org/10.22409/contracampo.v40i1.45611>.

ROCHA, João Cezar de Castro. **Guerra cultural e retórica do ódio: crônicas de um Brasil pós-político**. Goiânia: Caminhos, 2021.

ROUSSO, Henry. **A última catástrofe: a história, o presente e o contemporâneo**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2016.

RÜDIGER, Francisco. A escola de Frankfurt. *In: HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga. Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências*. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

SALGADO, Marcelo de Mattos. Inteligência artificial: bolhas e polarização nas redes sociais. *In: SANTAELLA, Lucia (org). Inteligência artificial e redes sociais*. São Paulo: EDUC, 2019.

SANTAELLA, Lúcia. **Redes sociais: a cognição conectiva do Twitter**. São Paulo: Paulus, 2010.

SANTAELLA, Lucia. **A pós-verdade é verdadeira ou falsa?**. Barueri: Estação das Letras e Cores Editora, 2018. *E-book*.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu. **Democracia e códigos invisíveis: como os algoritmos estão modulando comportamentos e escolhas políticas**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2019.  
SÓFOCLES. **Édipo Rei**. Porto Alegre: Editora L&PM, 2011.

SUNSTEIN, Cass R. *#Republic: divided democracy in the age of social media*. New Jersey: Princeton University Press, 2018. *E-book*.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**: porque as notícias são como são. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2002.

TRAVERSO, Enzo. **O passado, modos de usar**: história, memória e política. Lisboa: Edições Unipop, 2012.

VALIM, Patrícia; AVELAR, Alexandre. Negacionismo histórico: entre a governamentalidade e a violação dos direitos fundamentais. **Revista Cult**. São Paulo, 2020. Disponível em: <https://tinyurl.com/y2vxxp5s>. Acesso em: jul. 2021.

VALIM, Patrícia; AVELAR, Alexandre de Sá; BEVERNAGE, Beber. Negacionismo: história, historiografia e perspectiva de pesquisa. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 41, nº 87, 202. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1806-93472021v42n87-03>. Acesso em: jun. 2022.

VAN DIJCK, José. *La cultura de la conectividad: una historia de las redes sociales*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2016. *E-book*.

VIDAL-NAQUET, Pierre. **Os assassinos da memória**: um Eichmann de papel e outros ensaios sobre o revisionismo. Campinas: Papirus, 1988.

( X ) Autorizo a divulgação integral deste trabalho no banco de dados do PPGH/UNICENTRO.

( ) Autorizo apenas a divulgação do resumo e do *abstract* no banco de dados do PPGH/UNCENTRO.

Irati(PR), 23 de ABRIL de 20 23

  
(nome do/da estudante)